

■ Plínio Salgado



1. VOLUME

FTD

HISTÓRIA
do
BRASIL

Volume I



**DIGITALIZADO
PELA**

NACIONALISTA BIBLIOTECA NACIONALISTA

NACIONALISTA BIBLIOTECA

bibliotecanacionalista1.blogspot.com
bit.ly/bibliotecanacionalista (drive)

PLÍNIO SALGADO

HISTÓRIA do BRASIL

Volume I

EDITORA F. T. D. S. A.

São Paulo, 1970

Capa de
Stúdio ITO

© Direitos reservados pela
EDITORA F.T.D. S.A.

Rua do Lavapés, 1.023, Cx.P. 30.402
Fones: 278-9120 e 278-8264
São Paulo (12), SP, Brasil
1970

DEDICATÓRIA

*Aos que morreram anônimos no mar, sem rádio,
sem radar, sem nenhuma possibilidade de socorro
e dos quais nunca se tiveram notícias;*

*aos que sucumbiram nos combates marítimos com
piratas ou massacrados pelos selvagens
e ficaram, para sempre ignorados;*

*aos que sem nome, sucumbiram nos combates
contra os invasores*

*e foram apenas um algarismo na soma das perdas
mencionadas pelos relatórios;*

*aos que, dizimados pelas doenças da selva, pelos
répteis, pelas onças, ou afogados nas travessias dos
rios, terminaram seus dias sem glória*

e ficaram para sempre esquecidos;

*aos que deixaram seus ossos como balisas dos
limites da Pátria, sob a terra dos misteriosos sertões*

e dos quais ninguém mais se lembra;

*aos africanos e índios, que souberam trabalhar
humildemente e tantas vezes morrer em quatro séculos
da nossa História*

e ficaram olvidados nas sombras do tempo;

*aos que tombaram no chão das batalhas que ilumina-
ram de glória os comandantes*

e cobriram de negro véu os desconhecidos;

*aos que contribuíram para a formação da Nacio-
nalidade dando suas vidas, nas ondas do oceano, nos
dilatados sertões, nas revoluções e nas guerras*

*e dormiram no seio do Passado, sem lápides, sem
flôres, sem lágrimas;*

*a esses, aos quais devemos a construção do Brasil
e tudo o que hoje somos,*

*dedico, ofereço e consagro este livro escrito, de
emoção em emoção, sentindo, vivendo a vida dos heróis
obscuras que estão por detrás dos episódios narrados
como sombras inspiradoras de todos os nossos esforços
e trabalhos pela grandeza da Nação Brasileira.*

PLÍNIO SALGADO

AOS PROFESSORES

Esta "História do Brasil", para o curso médio, foi extraída de obra de maior tomo destinada ao curso superior, eliminando-se, do texto básico, pormenorizações de acontecimentos, comentários, interpretações e críticas, assim como documentações, algumas inéditas, que exigem revisão de vários fatos históricos. Apresentamos uma síntese, em nível de compreensão dos alunos ginasiais.

Nem por isso pudemos evitar o emprêgo de palavras que poderão ser consideradas difíceis para os menos afeitos às leituras propiciadoras do conhecimento do nosso idioma. O uso de tais vocábulos nas descrições e narrativas dêste livro, visa, entretanto, a enriquecer o conhecimento dos alunos, mas para lhes facilitar o estudo, damos, no final dos volumes, um "vocabulário". As palavras que dêste não constarem, poderão ser explicadas pelo professor, ou procuradas pelos discípulos num dicionário, hábito que já deverá ir sendo adquirido no curso primário.

No fim de alguns capítulos foram introduzidas "leituras", que se relacionam com fatos históricos.

Além do questionário e da indicação do assunto para debate ao final de cada capítulo, o autor deixa a cargo do mestre, conhecedor das possibilidades dos alunos, formular outras perguntas e, com sua experiência e habilidade, utilizar-se de cartazes, quadros murais, pesquisas e visitas a museus, a lugares históricos... para maior aproveitamento do aprendizado.

O "elucidário", que acompanha também os capítulos, complementa o "vocabulário" e oferece oportunidade para maior esclarecimento da matéria e dos assuntos a ela relacionados.

Este livro pretende realizar a colaboração do autor, do professor e dos alunos, no esforço comum de tornar conhecida e amada a nossa Pátria, através da sua formação nacional e sua evolução, desde o Descobrimento até os nossos dias.

ÍNDICE

Dedicatória	5
Aos professores	7

1.ª Parte

ANTECEDENTES DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Capítulo I	— Da Antiguidade à Idade Média	13
Capítulo II	— As Espanhas	19
Capítulo III	— Portugal	24
Capítulo IV	— As Grandes Navegações	30

2.ª Parte

DOIS MUNDOS SE ENCONTRAM

Capítulo V	— Descobrimento do Brasil	39
Capítulo VI	— Controvérsias e Discussões	46
Capítulo VII	— Primeiras Explorações	50
Capítulo VIII	— Martim Afonso de Souza	55
Capítulo IX	— O Grande Cenário da História	62
Capítulo X	— O Índio Brasileiro	68
Capítulo XI	— Os Primeiros Povoadores	79
Capítulo XII	— O Brasil Dividido em Capitanias	83

3.ª Parte

ESTRUTURA POLÍTICA E EXPANSÃO TERRITORIAL

Capítulo XIII	— Centralização do Poder	93
Capítulo XIV	— Segundo Governador Geral	99
Capítulo XV	— Fundação de São Paulo	106
Capítulo XVI	— Mem de Sá	115

Capítulo XVII	— Ainda Mem de Sá, Fundação do Rio de Janeiro	123
Capítulo XVIII	— Últimos Tempos de Mem de Sá	129
Capítulo XIX	— Por um Brasil Cristão	133
Capítulo XX	— Escravidão Negra do Brasil	138
Capítulo XXI	— O Brasil Dividido em Dois Governos	145
Capítulo XXII	— Volta ao Sistema de um só Governador Geral	149
Capítulo XXIII	— Franceses no Maranhão	158
Capítulo XXIV	— Holandeses na Bahia	165
Capítulo XXV	— Os Holandeses em Pernambuco	171
Capítulo XXVI	— Domínio Holandês	178
Capítulo XXVII	— A Insurreição	183
Capítulo XXVIII	— Fim do Domínio Holandês	193
Capítulo XXIX	— Expansão Territorial	196
Capítulo XXX	— Novas Invasões Francesas	207
Capítulo XXXI	— Sinais de uma Nação que Nascia	211
Capítulo XXXII	— Limites do Brasil	225
Capítulo XXXIII	— Inconfidência Mineira	233
Capítulo XXXIV	— Transferência da Côrte para o Brasil	245
Reis de Portugal, Governadores Gerais e Vice-Reis do Brasil, até a vinda de D. João VI para o Rio de Janeiro		246
Vocabulário		249



1.^a PARTE

Antecedentes do Descobrimento do Brasil

CAPITULO I

DA ANTIGUIDADE À IDADE MÉDIA

A História do Brasil está inserida na de todos os povos. Não podemos iniciar a narrativa dos acontecimentos, que constituem o processo de formação da Nacionalidade Brasileira, sem antes buscarmos as fontes da civilização européia e o papel desempenhado pela Península Ibérica.

A astronomia na antiguidade

Os primeiros investigadores do Universo foram os caldeus, assírios e egípcios. Tinham mais conhecimentos astronômicos do que geográficos. Possuíam noções sobre as fases da Lua, dos movimentos do Sol e nos transmitiram os Signos do Zodíaco. Sete séculos antes de Cristo, organizaram o calendário. Na Bíblia, há referências à constelação da Ursa, a Orion e Setestrela e esse livro foi escrito cerca de 2 000 anos antes da nossa Era.

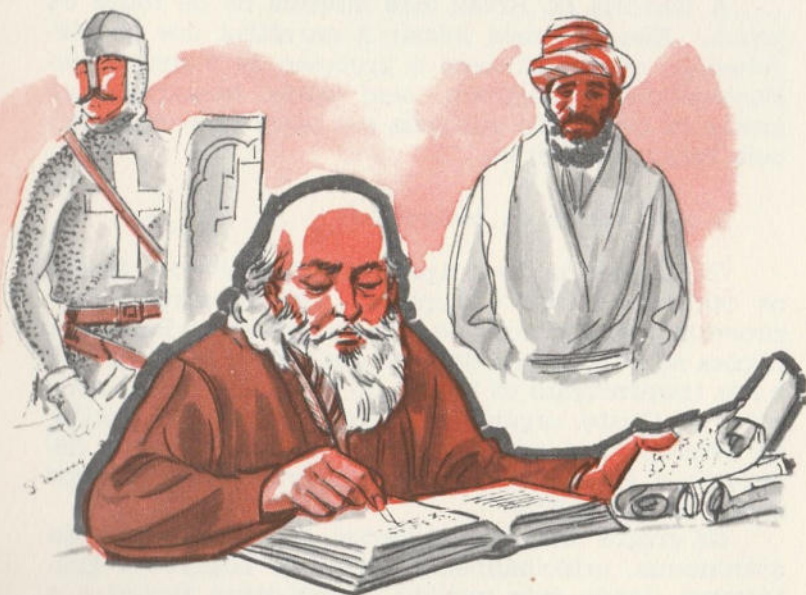
Os gregos muito concorreram para o progresso da astronomia, principalmente depois de Hiparco e Eratóstenes, tendo este medido o meridiano terrestre e construído a esfera armilar.

A geografia

A geografia aparece nos fins do século I AC e começo do seguinte. Foi Estrabão o primeiro geógrafo estabelecendo relações do homem com o meio físico. É, entretanto, no século II DC que aparecem noções mais exatas da geografia, devidas a Cláudio Ptolomeu. Dêle provieram úteis indicações para os futuros descobridores de terras desconhecidas.

Idade Média

No início da Idade Média houve um período de obscurantismo, desvinculando-se a Europa das tradições filosóficas, científicas, literárias e artísticas da civilização greco-romana. Interveio a obra civilizadora do Cristianismo. Os apóstolos do Evangelho não se limitavam ao esforço pela conversão dos bárbaros, mas se empenhavam em restaurar os valores esque-



Monge copiando textos antigos

cidos da Antiguidade. Nos conventos e abadias os monges se entregavam ao trabalho paciente de copiar textos antigos, com isso atualizando o que havia de recuperável nos escritos gregos e romanos. Podemos assinalar o século XII como início de novo período de expansão cultural, com a fundação de Universidades. A primeira foi em Bolonha (ano 1100), a segunda a de Paris (1150), depois outras em diversos países da Europa.

Maometanos e Cruzadas

Um acontecimento religioso, social, político e militar ocorreu no século VI. Os maometanos ou muçulmanos, chamados mouros na Península Ibérica, ou, de modo geral "árabes", tendo dominado o norte da África, transpuseram em 711 o estreito que hoje denominamos Gibraltar (Gibel-al-Tarik, nome do invasor) e dominaram as Espanhas.

A posse de Jerusalém pelos muçulmanos inquietava os Papas. Até o século XI ninguém atendia aos apêlos dos Pontífices para a reconquista da Cidade Santa, pois, dominada esta pelos árabes, mantinham os dominadores comércio das especiarias do Oriente com os negociantes europeus. Mas em 1076, os turcos se apoderaram de Jerusalém e não só proibiram o comércio com a Europa, como também a peregrinação dos cristãos aos Lugares Sagrados. Tal situação determinou a iniciativa do Papa Urbano II, promovendo a primeira Cruzada, em 1095. A esta seguiram-se mais sete, sendo a última em 1270, comandada por São Luiz, rei de França, que sucumbiu de peste em Túnis.

Concepções geográficas até o século XV

No mundo medieval nada se sabia do nosso planeta, além dos países conhecidos pela tradição greco-romana e pela experiência das Cruzadas. Poucos acreditavam que fôsse possível haver habitantes fora das regiões temperadas. O único mapa de que

dispunha a Idade Média era o de Agatodemo, baseado no "Almagesta" de Ptolomeu. Nesse mapa aparece a Ásia incompleta e a África cortada pela metade. Sòmente no século XIII, Marco Polo traz alguma coisa sòbre a China e o Japão. Como acréscimo aos conhecimentos geográficos, foram divulgados o mapa do veneziano Bianco, onde a África se alonga 50 graus mais do que na cartografia de Marco Polo, e o globo do alemão Behain, onde se pode notar o interêsse em atingir, por via marítima, o caminho das Índias. Quanto à redondeza da Terra, o assunto era discutido.

Foi quando entraram no cenário da História os dois pioneiros dos descobrimentos marítimos: Portugal e Espanha.

ELUCIDÁRIO

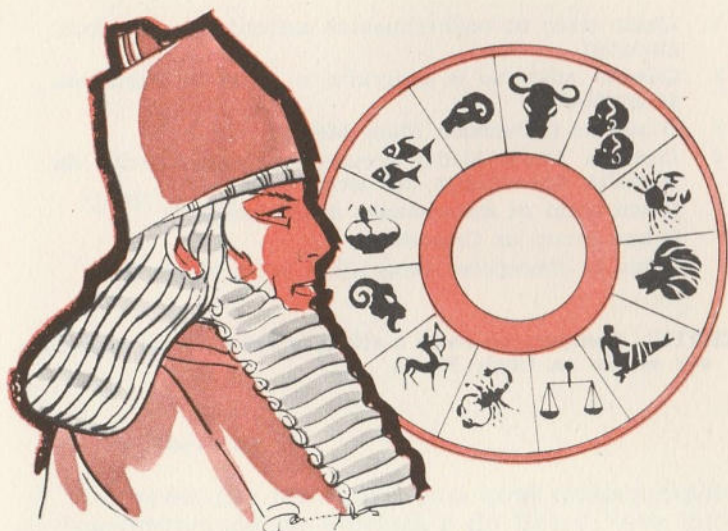
Zodiaco — Doze divisões iguais em que é repartida a zona do céu, dando-se às constelações a configuração de animais e outras. Os Signos do Zodiaco são: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. O Zodiaco é de origem babilônica.

Hiparco — Astrônomo e matemático da Grécia, viveu no século II A. C.

Eratóstenes — Matemático, geógrafo e filósofo grego, nascido no ano 276 A. C.

Esfera armilar — Círculos de metal, de madeira ou cartão, no centro dos quais está colocado um pequeno globo, figurando a Terra. Serviam para observações astronômicas. A esfera armilar foi adotada pelo rei D. Manuel I, como símbolo das armas de Portugal.

Estrabão — Geógrafo grego. Nasceu no ano 58 antes de Cristo. Pode-se dizer que foi o verdadeiro fundador da geografia.



Signos do zodíaco

Ptolomeu (Cláudio) — Astrônomo e geógrafo grego do século II da nossa Era.

Almagesta — Tratado de astronomia escrito por Cláudio Ptolomeu. Contém os conhecimentos matemáticos da Antiguidade, um catálogo de 1 022 estrelas, pesquisas sobre as distâncias do Sol e da Lua à Terra, método para calcular os eclipses, podendo-se dizer que de tais estudos derivou a sua "Geografia", que tanto influenciou nas empresas de navegação do século XV.

Marco Polo — Famoso viajante italiano, nascido em Veneza (1254-1323). Seu livro notável descreve a China e o Extremo Oriente.

Behaim — Cosmógrafo alemão. Nasceu em Nuremberg em 1436 e morreu em Lisboa em 1506. Em 1484 foi nomeado por D. João II geógrafo da expedição de Diogo Cão. Fez um globo terrestre que ficou célebre por ser um resumo dos conhecimentos geográficos quando da descoberta da América por Colombo.

QUESTIONÁRIO

1. Quais eram os conhecimentos astronômicos da Antiguidade?
2. Quando apareceu a geografia e quais os primeiros geógrafos?
3. O que foi a chamada Idade Média?
4. Como a Idade Média preparou o renascimento da filosofia, das ciências, das letras e das artes?
5. Quem eram os maometanos e que fizeram?
6. O que foram as Cruzadas?
7. Quais as concepções geográficas até o século XV?

DEBATE: Comparação entre a situação das Ciências hoje com seu estado na Idade Média.

CAPÍTULO II

AS ESPANHAS

Povos ibéricos

A epopéia das navegações, na qual estão incluídos os descobrimentos da América e do Brasil, teve início e desenvolvimento na Península Ibérica. Era esta habitada pelos "íberos" que, posteriormente se cruzaram com os celtas, do que resultou o tipo humano denominado "celtíbero".

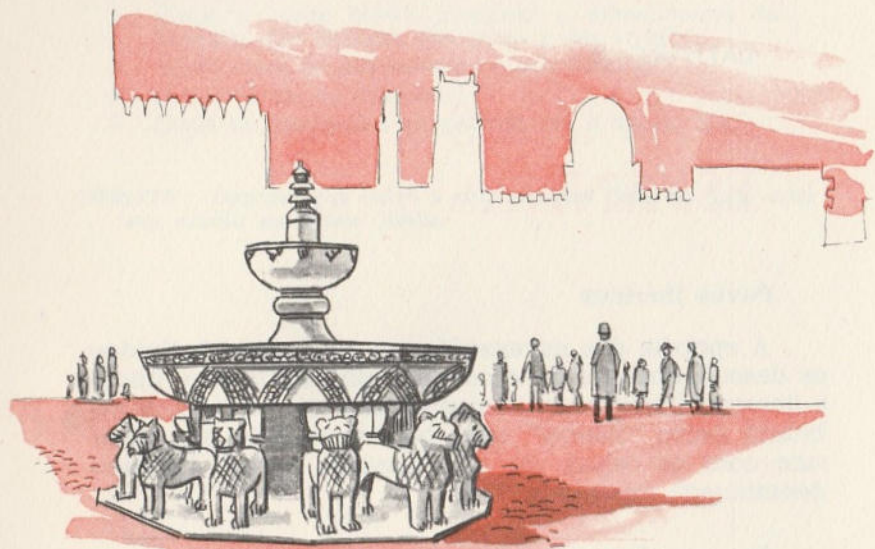
As espanhas cristianizadas

O Apóstolo São Paulo, em epístola aos romanos, avisa que irá à Espanha. A tradição, entretanto, é a de que o primeiro evangelizador na península foi São Tiago (o Maior). O assunto é controvertido, mas o que parece fora de dúvida é haver São Pedro enviado à Bética (Sul da Espanha) discípulos que fundaram as primeiras igrejas.

Suevos, alanos, vândalos e visigodos

Vários povos invadiram posteriormente as Espanhas. Os suevos se estabeleceram na Galícia; os alanos na Lusitânia; os vândalos na Bética (donde o nome "Vandaluzia", transformado hoje em Andaluzia).

Dominavam os suevos tóda a região que se estende da Galícia ao Tejo, quando os visigodos (ou godos) entraram na península. Convertidos ao cristianismo, fundaram poderoso império, sob a influência da Igreja. Corre, assim, mais de um século, porém as *dissenções* políticas e o relaxamento dos costumes enfraqueceram o poder dos reis.



Influência árabe na arquitetura espanhola

Os árabes

Aproveitando-se de tais circunstâncias, os árabes, com a *convivência* de nobres visigodos, invadiram a península em 710, dominando-a durante oito séculos e deixando marcas *indelévels* na filosofia, nas ciências e nas artes.

A Reconquista

Destruído o império visigótico, um grupo de cavaleiros e prelados refugiou-se nas Astúrias. Ali se organizou um pequeno reinado, sendo Pelágio acla-

mado como soberano. A figura de Pelágio se projeta na História no momento em que infringe espetacular derrota ao exército árabe, na batalha de Covadonga, em 718. Começam, desde então, as lutas pela Reconquista.

Nesta fase da vida peninsular, em princípios do século XIII, surgiu o Condado Portucalense, do qual se originou a Monarquia Portuguesa.

ELUCIDÁRIO

Espanhas — Inclui-se nesta denominação, não só a atual Espanha, mas tôdas as terras da península ibérica, inclusive Portugal.

Península Ibérica — Limita-se ao norte pelos montes Pireneus, a leste pelo Mar Mediterrâneo, ao oeste pelo Oceano Atlântico, separando-se da África, ao sul, pelo estreito de Gibraltar.

Suevos — Raça da Europa Setentrional, que desempenhou grande papel histórico, estabelecendo-se na Península Ibérica.

Alanos — Desde remota antiguidade, este povo habitava a região entre o Mar de Azof e as montanhas do Cáucaso. Bem mais tarde, os alanos atravessaram a Hungria e a Alemanha. Igualmente como os suevos e os vândalos, invadiram as Espanhas.

Vândalos — Uma das cinco raças germânicas, segundo Plínio, o Antigo. Eram estabelecidos nas costas do mar Báltico. No ano 416 os vândalos devastaram as Gálias. Depois, invadiram a Península Ibérica fixando-se na Bética, que passou a denominar-se "Vandaluzia", hoje Andaluzia. Passaram-se, posteriormente, ao norte da África, onde exerceram domínio largo tempo. Famosos pelas suas destruições de cidades e monumentos, seu nome significa, até hoje, a ação de depredadores. Dizer hoje "vandalismo" é dizer devastação e ruína.

Visigodos — Povo germânico. Vindo das margens do Báltico, estabeleceram-se os visigodos na região dos Carpatos, ligando-se aos ostrogodos. Acossados pelos hunos, atravessaram o rio Danúbio. A história de suas relações com os romanos é longa

e cheia de peripécias. No século V, conquistaram as Espanhas e ali dominaram durante mais de um século. A invasão árabe pôs fim ao seu império.

Reconquista — Assim chamadas as lutas dos cristãos contra os árabes, que principiaram em 718 e duraram sete séculos.

Celtibero — Natural ou habitante da Celtibéria. Os celtiberos resultaram da fusão dos celtas com os iberos.

QUESTIONÁRIO

1. Qual o primeiro grupo racial que habitou a Península Ibérica?
2. Onde provêm, segundo as lendas, os nomes de Ibéria, Espanha e Lusitânia? (ver leitura complementar)
3. Como o Evangelho foi pregado nas Espanhas?
4. Qual a origem da palavra "celtibero"?
5. Invasão dos suevos, alanos e vândalos; onde se estabeleceram?
6. Domínio dos visigodos; quanto tempo durou o seu império?
7. Conquista das Espanhas pelos árabes. Como se deu?
8. A Reconquista; quem a iniciou e quanto tempo durou?

DEBATE: As invasões dos Bárbaros, elemento criativo das atuais nações européias.

LEITURA COMPLEMENTAR

A Ibéria

Os grupos étnicos iniciais da Península estavam estabelecidos nas regiões da Lusitânia, da Tarraconense, da Galícia, da Bética e da Vascônia.

O nome Ibéria, segundo a lenda, provém de Ibero, filho de Tubal, este neto de Noé. Continua a lenda dizendo que Tubal fundou a cidade de Setúbal.

Das origens lendárias das Espanhas consta que Ulisses, depois da guerra de Tróia, passara as colunas de Hércules (Estreito de Gibraltar) e erguera uma cidade nas margens do Tejo, que foi denominada Ulissipona, hoje Lisboa. Ao território que se estendia do Mediterrâneo ao Atlântico foi dado o nome de Spania pelos fenícios em cuja língua "span" significa "oculto" ou "toca de coelhos".

Entre os séculos IV e V da Era Cristã, os celtas ultrapassaram os Pirineus e conquistaram a península. Do cruzamento dos celtas com os iberos resultou o tipo chamado celtibero.

Após as guerras entre Roma e Cartago, vencedora a primeira, reivindicou ela a posse da Ibéria. A maior resistência encontrada foi a dos lusitanos, grupo racial da chamada Lusitânia (de "lusi", amêndoas). Avulta a figura de Viriato, que derrotou sucessivos exércitos romanos, até ser traiçoeiramente assassinado. Daí por diante, todas as Espanhas passaram a ser romanizadas.

Grande foi a ação civilizadora de Roma na península, não somente no que se refere à arquitetura e às demais artes, mas sobretudo quanto às normas de direito e à transformação das "citâneas" em vilas denominadas "municipium".

CAPITULO III

PORTUGAL

Fundação da Monarquia Portuguesa

No ano de 1093, o Conde D. Henrique casou-se com D. Tereza, filha de Afonso VI, rei de Leão e de Castela. Como dote recebeu o território que ia do Minho ao Tejo. Por morte do Conde D. Henrique, seu sucessor era o filho D. Afonso Henriques. Pretendeu, entretanto, D. Fernando Peres casar-se com a viúva e apoderar-se do Condado. D. Afonso Henriques deu-lhe combate, expulsando o Conde de Portugal. Este feito, ocorrido em 1128, assinala a fundação da *Monarquia Portuguesa*, sob o governo da Dinastia Borgonhesa, nome oriundo do Conde D. Henrique de Borgonha. A luta contra os castelhanos continuou, mas ao cabo de nove anos, D. Afonso Henriques saiu vitorioso.

Luta contra os mouros

Os mouros, com grandes exércitos, avançam do sul. *Urgia* continuar a luta pela Reconquista. Diante do perigo comum, castelhanos e portugueses fazem as pazes. O jovem rei lança-se na grande empresa e toma Lisboa, prosseguindo na reconquista do Alentejo. Sua última batalha foi em 1184, quando os mouros pretendiam retomar Lisboa.



D. Afonso Henriques

Fim da Dinastia Borgonhesa

O primeiro rei, depois de D. Afonso Henriques, foi D. Sancho I e o último D. Fernando, infelicíssimo nas guerras contra Castela, mas bom administrador, principalmente pelo avultado número de navios que fêz construir. Morreu em 1383 e com êle se extingue a Dinastia Borgonhesa. O mais notável dos monarcas desta Dinastia foi D. Dinis, grande administrador e poeta, que marcou o comêço da formação da língua portuguesa.

A Dinastia de Aviz

D. Beatriz, filha de D. Fernando, espôsa do rei de Castela, *pleiteia* o trono de seu pai. O povo português revolta-se, porque fazer D. Beatriz sua rainha seria submeter Portugal a Castela

Um grupo de jovens, entretanto, conspira. Chefiam-nos Nuno Álvares Pereira e D. João, Mestre da Ordem de Aviz. A alma da trama castelhana é D. Leonor Teles, viúva de D. Fernando. Rebenta a revolução em Lisboa e a *plebe* é a favor do Mestre de Aviz, contra a traição dos nobres. Reunem-se as Côrtes em Coimbra; o trono é declarado vago e D. João eleito rei. Começa a dinastia que vai promover as grandes navegações.



D. Dinis

Governo de D. João I

O comêço do reinado de D. João I é assinalado pelos combates entre castelhanos e portugueses. O maior foi o de Aljubarrota. O exército castelhano se apresenta em número esmagador, mas é derrotado pela hábil estratégia de Nuno Álvares Pereira. Seguem-se outras vitórias portuguesas, entre as quais as de Atoleiros e Valverde. A independência do Reino está assegurada.

O reinado do Mestre de Aviz representou verdadeira revolução social, pela predominância das classes

populares até então subordinadas à aristocracia. O rei tinha sido aclamado pelo povo, antes da decisão das Côrtes de Coimbra. Esse povo tomara parte nas guerras contra os invasores castelhanos. O rei compreendia as suas aspirações. Tinha-se criado, acima do conceito dinástico, uma consciência de nacionalidade. Todos eram iguais. O Estado recupera-se economicamente. E Portugal está preparado para o comêço das empresas marítimas.

D. Henrique o Infante Navegador

Casara-se D. João I com D. Felipa, filha do Duque João de Lencaster, da Inglaterra. A princesa tinha sido educada no entusiasmo pelas façanhas dos cavaleiros da Idade Média. Do matrimônio real nasceram quatro príncipes, sendo que sôbre todos avultou D. Henrique, tendo sido a maior figura da Europa no seu tempo, criador e impulsionador das empresas marítimas, que determinaram o descobrimento dos continentes desconhecidos. Foi chamado "Infante Navegador". A êste príncipe e seus notáveis irmãos os historiadores dão o nome de "Ínclita Geração" pelo que representaram pelo saber e virtudes.

Tudo preparado para a conquista dos oceanos

Vão entrar na História os heróis das Grandes Navegações. Os fatores predominantes dos empreendimentos marítimos foram: o pensamento dos fundadores da Monarquia Portuguesa que era o de "dilatar a fé e o império"; a preparação de navios, principalmente por D. Fernando; as investigações científicas e técnicas da Escola de Sagres, fundada por D. Henrique; a reconquista da Península Ibérica, abrindo novos horizontes à expansão peninsular; o advento da Dinastia de Aviz, com um sentido social-revolucionário, criando a consciência da Nação.

Nada, entretanto, seria possível realizar-se sem um impulso forte e isso se deveu a D. Henrique, o Navegador. Guerreiro de alta *estirpe*, homem *erudito*,

grande idealista, despertou a juventude, sem a qual coisa alguma de grande se faz. Deveu seus predicados aos exemplos do pai e aos ensinamentos da mãe. Em tôdas as épocas da História verificamos que é da maneira de educar os moços que decorrem os destinos felizes ou infelizes de uma pátria.



D. Fernando I

ELUCIDÁRIO

Minho — Rio que separa Portugal da Galícia.

Tejo — Río que nasce na Espanha, entra em Portugal separando as províncias da Beira e do Alentejo e termina no Atlântico a 16 quilômetros de Lisboa. Celebrizado como ponto de partida das Grandes Navegações.

Ordem de Cristo — O rei D. Dinis, de Portugal, em 1319 resolveu substituir os Templários, Ordem Militar e Religiosa que formava a vanguarda dos exércitos cristãos, pela Ordem de

Cristo. Ele facultava aos Templários, ordem já extinta pelo Papa Clemente V, o ingresso na nova instituição. O papel desempenhado mais tarde, no estudo dos problemas náuticos, pela Ordem de Cristo, foi notabilíssimo.

QUESTIONÁRIO

1. Como se fundou a Monarquia Portuguesa?
2. Quais as conquistas de Afonso Henriques aos mouros?
3. Qual foi o rei mais notável que sucedeu a Afonso Henriques?
4. Como surgiu a Dinastia de Aviz?
5. Em que batalha se empenhou o Mestre de Aviz e que êxito alcançou?
6. Como foi o governo de D. João I?
7. Quem foi o grande herói das navegações?
8. Quais foram os principais fatores dos empreendimentos marítimos?
9. Qual o papel do Infante D. Henrique, o Navegador?
10. Que era a Ordem de Cristo?
11. Qual o papel da juventude nas epopéias marítimas?

DEBATE: Como surge uma família real e como se faz a sucessão através dos tempos.

CAPÍTULO IV

AS GRANDES NAVEGAÇÕES

A idéia dominante do Infante D. Henrique

Desde os fins do século XII, os portugueses navegavam pelo Atlântico. Seus navios iam aos portos da França, Holanda e Inglaterra, mas já começava a preocupação dos *nautas* no sentido de avançar para a África. Desenvolvera-se, em Portugal, a ciência e a arte da navegação e era forte a atração que o mar exercia sobre os portugueses. A Nação pressentia seu destino histórico.

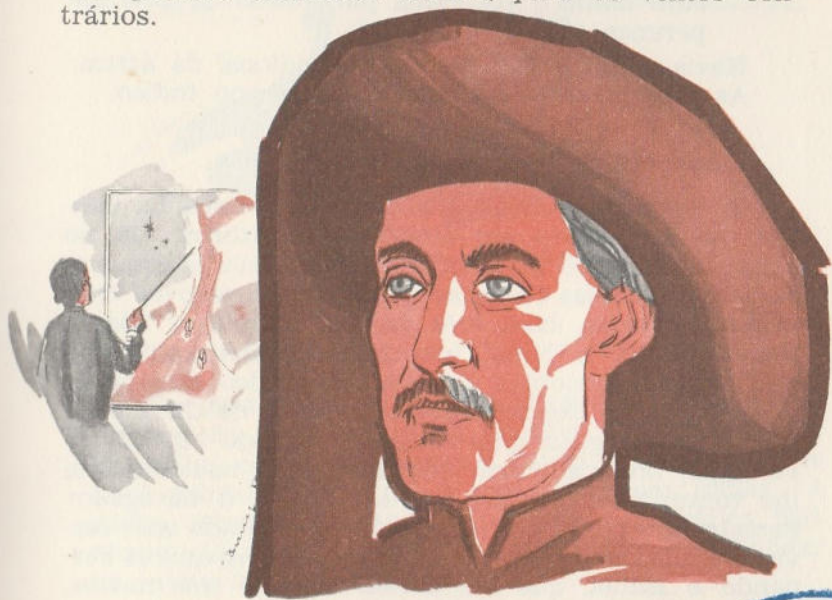
A idéia central de D. Henrique era a mesma dos fundadores da Monarquia Portuguesa: dilatar a fé e o império. Animava-o o espírito das Cruzadas subordinado ao lema: "serviço de Deus". Fortaleciam-no as duas realidades: os conhecimentos científicos e os interesses do comércio.

O sonho do Oriente

Atingir a Ásia sempre foi o desejo constante de Portugal. Os muçulmanos se interpunham, com suas praças fortes, no norte da África. Mas o que interessava ao Infante D. Henrique era contornar o continente africano, em busca do caminho das Índias.

O plano de D. Henrique tinha de ser executado com segurança. Para isso firmou-se nos estudos antigos: Aristóteles, César, Plínio, Estrabão, Ptolomeu e nas narrações mais recentes de Marco Polo. O cronista Pedro Nunes disse: "partiam nossos navegantes mui bem ensinados e providos de instrumentos e regras de astrologia e geografia; levavam cartas mui particularmente traçadas e navegavam com agulhas". Estas agulhas eram a bússola, de que os europeus tomaram conhecimento através dos árabes.

Na arte de navegar, verdadeira revolução foi realizada pelo Infante — o duplo aparelho, que consistia em velas quadradas para o vento de pôpa e, velas triangulares, chamadas latinas, para os ventos contrários.



D. Henrique, o navegador

O Gênio de Sagres

Ia começar o desbravamento do Atlântico. As datas dizem tudo:



- 1419: São descobertos Pôrto Santo e Madeira;
- 1432: Descobrem-se os Açores;
- 1434: Transposto o Cabo Bojador;
- 1445: Atingida a Guiné;
- 1455: Descoberta das ilhas do Cabo Verde.

O Príncipe Navegador a tudo preside. Anima uma geração de heróis incutindo-lhes os sentimentos da honra e da bravura. Morreu em 1462, com a certeza de que a sua obra gigantesca iria continuar. E continua a marcha dos heróis:

- Diogo Cão atinge o Congo (1484);
- João Afonso descobre o reino de Benin (1486);
- Bartolomeu Dias dobra o Cabo das Tormentas, cujo nome o rei muda para Cabo da Boa Esperança (1488).

Havia-se atingido o extremo meridional da África; As naus portuguesas entram no Oceano Índico.

Competições entre Portugal e Espanha

Se Portugal alcançava tais êxitos, a Espanha também se empenhava em emprêsas marítimas. Já no tempo do Infante D. Henrique, os espanhóis estavam de posse das ilhas Canárias. Em 1492, o genovês Cristovam Colombo, com três navios espanhóis, "Santa Maria", "Pinta" e "Niña", procurando as Índias no rumo do Ocidente, descobriu uma ilha a que deu o nome de São Salvador. Depois costeou o litoral de Cuba e do Haiti, onde ergueu uma fortaleza. Tendo estado em Portugal, onde adquiriu conhecimentos náuticos que lhe foram transmitidos por seu sogro, o navegador Perestrelo, e tendo o rei de Portugal rejeitado seus serviços, Colombo encontrou apoio dos reis espanhóis Fernando e Isabel, que lhe deram aquêles três navios, apesar da reprovação dos *doutos* de Salamanca.

A competição entre Portugal e Espanha, nos mares, deu origem ao Tratado de Tordesilhas, fixando os limites que não deveriam ultrapassar as nações competidoras. Assinado em 1494, traçou a demarcação por um meridiano a 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde.



Cristovam Colombo

Vasco da Gama

Enquanto Bartolomeu Dias atingia, por mar, o lado oriental da África, Pero da Covilha, descendo o Mar Vermelho, conseguiu chegar a Cananor e Calecute, sendo o primeiro português a pôr os pés nas Índias. A África estava contornada e sua carta geográfica delineada. Cumpria agora alcançar as Índias e consolidar na Ásia o domínio lusitano.

O rei D. Manuel I, sucessor de D. João II, que morreu em 1495, e chamado "Venturoso" por motivo dos magníficos sucessos da navegação em seu reinado, preparou uma esquadra e confiou-a a Vasco da Gama. São quatro naus, com um efetivo de 170 homens. Gama recebe a seguinte recomendação: propagar a fé cristã e consolidar o comércio português.

A 8 de julho de 1497, a esquadra partiu. Atinge o Cabo Verde, descobre a ilha de Santa Helena, alcança Moçambique, onde o Sultão põe às ordens do Almirante dois pilotos. A frota chega a Melinde, recebida com festas pelo Sultão e o povo. No dia 20 de maio de 1498, os navegantes estão nas costas das Índias, em frente a Calecute.

Estava realizado o sonho do Infante D. Henrique e da Dinastia de Aviz. Todos êstes acontecimentos vêm descritos no poema "Os Lusíadas", de Luís de Camões.



Vasco da Gama

ELUCIDÁRIO

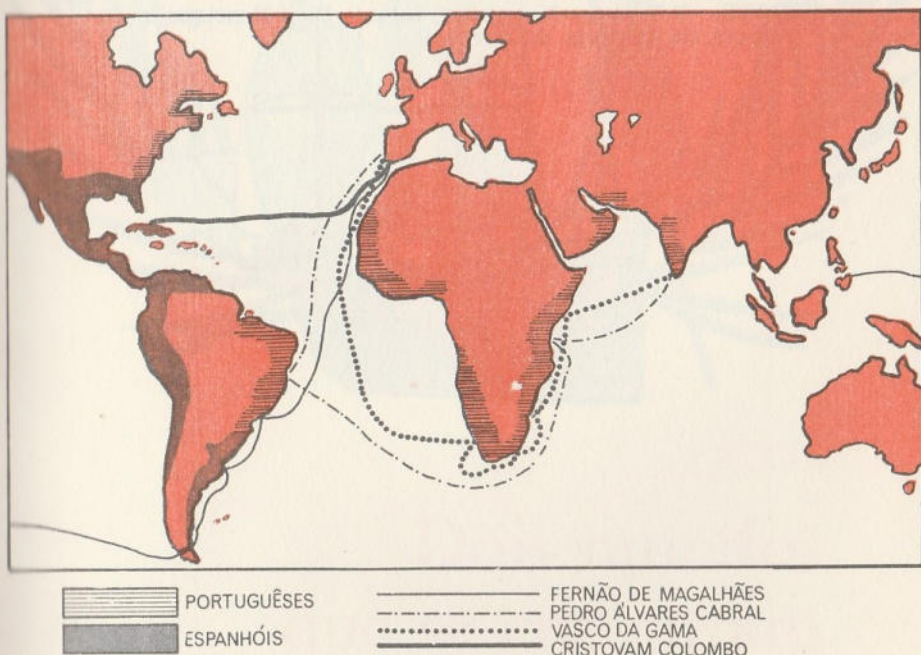
Bússola — Instrumento que contém uma agulha magnética sobre um ponto de apoio e cujas pontas se encontram voltadas para os pólos da Terra. Foi no século XII que os europeus aprenderam a servir-se dela.

Salamanca — Cidade espanhola, famosa pela sua Universidade, fundada em 1230 e que teve grande predominância no reinado de D. Afonso X, cognominado “o astrônomo” (1250-1282).

Santa Helena — Esta ilha tornou-se famosa por ter estado ali prisioneiro e nela falecendo, em 1821, o Imperador dos Franceses, Napoleão Bonaparte.

Luís de Camões — O maior poeta da língua portuguesa e o maior lírico do século XVI. Nasceu em Lisboa em 1524 e, depois de todas as suas aventuras na África e na Ásia, morreu na terra natal em 1580. Seu poema “Os Lusíadas”, traduzido em todas as línguas dos países civilizados, canta as glórias das grandes navegações.

Sagres — A residência de D. Henrique, transformada em escola para marinheiros. É famoso centro, onde os portugueses aprendiam a arte de navegar e de entender as cartas pelas quais se guiavam.



QUESTIONÁRIO

1. Desde quando andavam os portugueses pelo Atlântico e em que portos tocavam?
2. Quais as causas determinantes das grandes navegações e descobrimentos?
3. Por que era preciso contornar a África para atingir as Índias?
4. Com que recursos técnicos contava a navegação portuguesa?
5. Quais as primeiras descobertas e quando aconteceram?
6. Quem dobrou o Cabo das Tormentas, depois chamado da Boa Esperança?
7. Que foi o Tratado das Tordesilhas? Que estabelecia?
8. Que fez Vasco da Gama?
9. Onde Colombo encontrou apoio para seus ideais?
10. Quem era D. Manuel e que fez de importante?

DEBATE: O Príncipe Navegador, Infante Dom Henrique, maior figura da História de Portugal.



2.^a PARTE

Dois mundos que se encontram

CAPITULO V

DESCOBRIMENTO DO BRASIL

A esquadra e a Nação

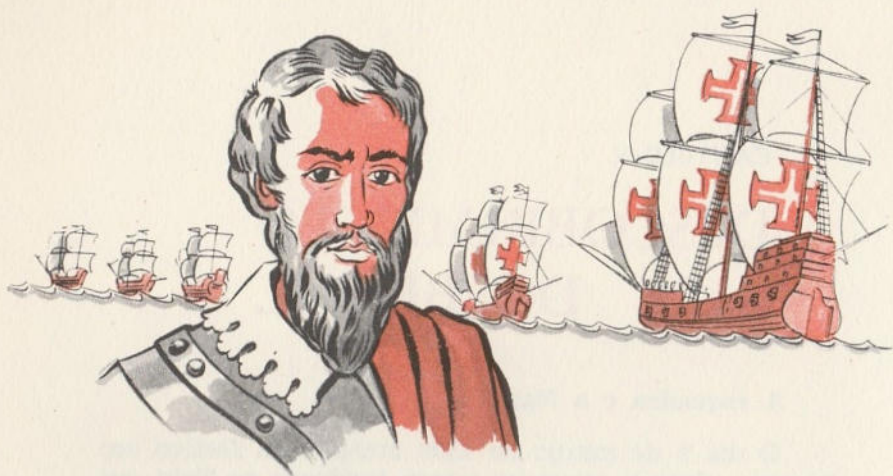
O dia 9 de março de 1500 amanheceu festivo em Lisboa. Grande esquadra estava fundeada no Tejo, em frente à *ermida* do Restelo. Eram dez naus e três navios pequenos.

Na ermida celebrava-se missa solene, com a presença do Rei, do comandante da esquadra e demais chefes das naus. O Bispo, revestido de paramentos bordados a ouro, pronunciou um sermão. O comandante da esquadra recebeu das mãos do Rei a bandeira da Ordem de Cristo. Organizou-se imponente procissão até à praia, onde os nautas se despediram.

Os mistérios da História

Para onde vão aquêles navios cuja partida constituiu uma festa nacional? Dizem que se dirigem às Índias. *Conjetura-se*, porém, à meia voz, ser outra a missão da esquadra. Talvez a posse das terras do Ocidente, vencendo as 370 léguas além de Cabo Verde, assinaladas pelo Tratado de Tordesilhas. Tais murmúrios são de supor-se face a documentos chegados até nós, como aquela ordem de D. Manuel a Duarte

Pacheco Pereira, dada em 1494, para que, navegando na direção ocidental, “ultrapassasse a grandeza do mar-oceano” chegando ao local “onde é achada terra firme”.



Pedro Álvares Cabral

O comando da esquadra

Comanda a esquadra Pedro Álvares Cabral, senhor de Belmonte, que de El-Rei colhe instruções e de Vasco da Gama conselhos. As demais naus são comandadas por Simão de Tovar, Pedro de Ataíde, Bartolomeu Dias, Diogo Dias, Nuno Leitão, Nicolau Coelho, Simão de Miranda, Vasco de Ataíde, Luís Pires, Aires da Silva, Simão de Pina e Gaspar de Lemos.

Rumo ao Oeste

No dia 14 chegam às ilhas Canárias, a 22 ancoram no arquipélago de Cabo Verde. Daí por diante seguem na direção de sudoeste mas, em meados de abril, na latitude de 17 graus e distanciadíssimos da África, tomam resolutamente o rumo de Oeste. Desistiam de

dobrar o Cabo da Boa Esperança e ir às Índias? Tudo nos leva a crer que sabiam da existência de uma terra no Ocidente, a qual devia estar próxima.

O Descobrimento

A 21 de abril surgem sinais de terra, no dia 22, aparecem aves pela manhã; à tarde os nautas avistam um monte e ao sul dêle terra plana com arvoredos. Deu Cabral ao monte o nome de Pascoal e à terra o de Vera Cruz. Verificam ser a terra habitada por gente nua com cintos de penas. No dia 24, a armada encontra um porto de bom abrigo. A espaçosa baía é denominada Pôrto Seguro.

A 26 de abril, celebra-se missa numa pequena ilha. a 1.º de maio é celebrada outra em terra firme. É erigido o padrão de posse de Portugal.

Prestação de contas

Cabral faz regressar a Lisboa a nau de Gaspar de Lemos. Vai levar a D. Manuel a notícia de que a missão fôra cumprida através da carta de Pero Vaz de Caminha. Tudo indica não se tratar de outra coisa, pois hoje está desfeita a lenda de que o Brasil foi descoberto por acaso.

Desmantelamento da esquadra de Cabral

A armada seguiu para as Índias. Das treze naus regressaram a Lisboa apenas quatro. As demais pereceram em naufrágios ou se extraviaram.

Últimos dias do descobridor do Brasil

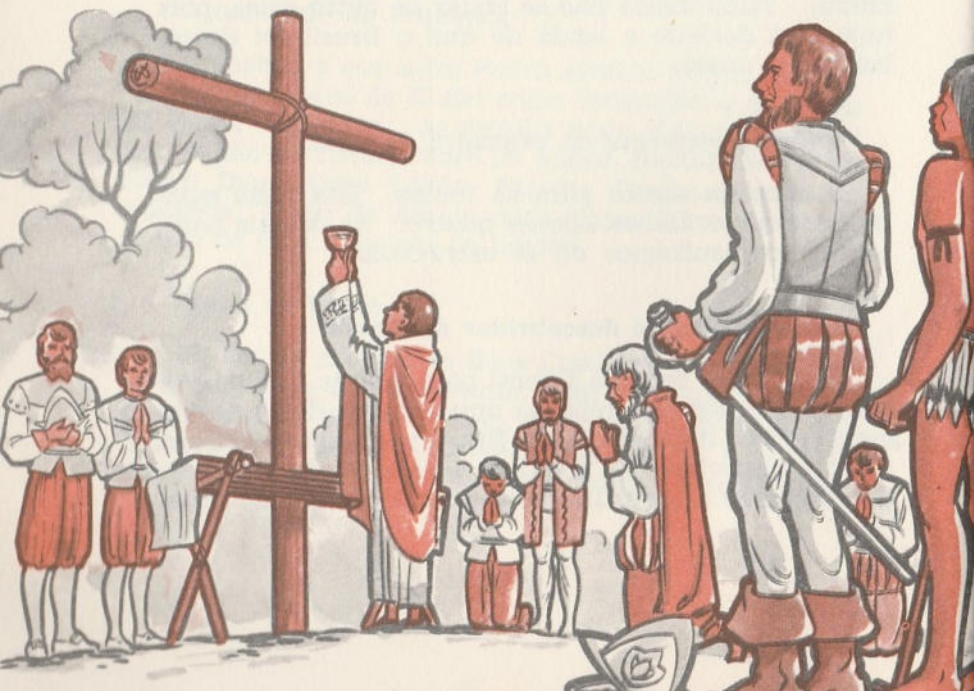
D. Manuel recebeu Cabral com grande júbilo. Algum tempo depois, preparou uma armada de 20 navios escolhendo o descobridor do Brasil para comandante, a fim de consolidar o prestígio português nas Índias. Compunha-se a esquadra de três divisões. Tendo o Rei

dado poderes excessivos ao comandante da segunda, Cabral rejeitou a nomeação. O Rei zangou-se e não quis saber mais de Cabral para nada. Com uma pensão de trinta mil réis por ano, Cabral retirou-se para Santarém, onde morreu em 1520.

ELUCIDÁRIO

Restelo — Antigo nome do local hoje denominado Belém, em Lisboa. Ali o Infante D. Henrique fêz construir uma ermida. Daquele local partiam as grandes navegações.

Pero Vaz de Caminha — Pouco se sabe da vida desse homem que foi verdadeiramente o iniciador da História do Brasil. Apenas se conhece o nome do pai (Vasco Fernandes de Caminha) e sabe-se que Pero Vaz era natural do Pôrto, onde exercia o modesto ofício de mestre da balança da Casa da Moeda. Entrou para a frota de Cabral como escrivão. Escreveu a D. Manuel a famosa carta de 1.º de maio de 1500, em que relata o descobrimento do Brasil. Essa carta permaneceu inédita durante 300 anos, pois só em 1817 Aires do Casal a publicou na sua "Corografia Brasileira". Segundo Souza Viterbo, Caminha morreu na Índia.



QUESTIONARIO

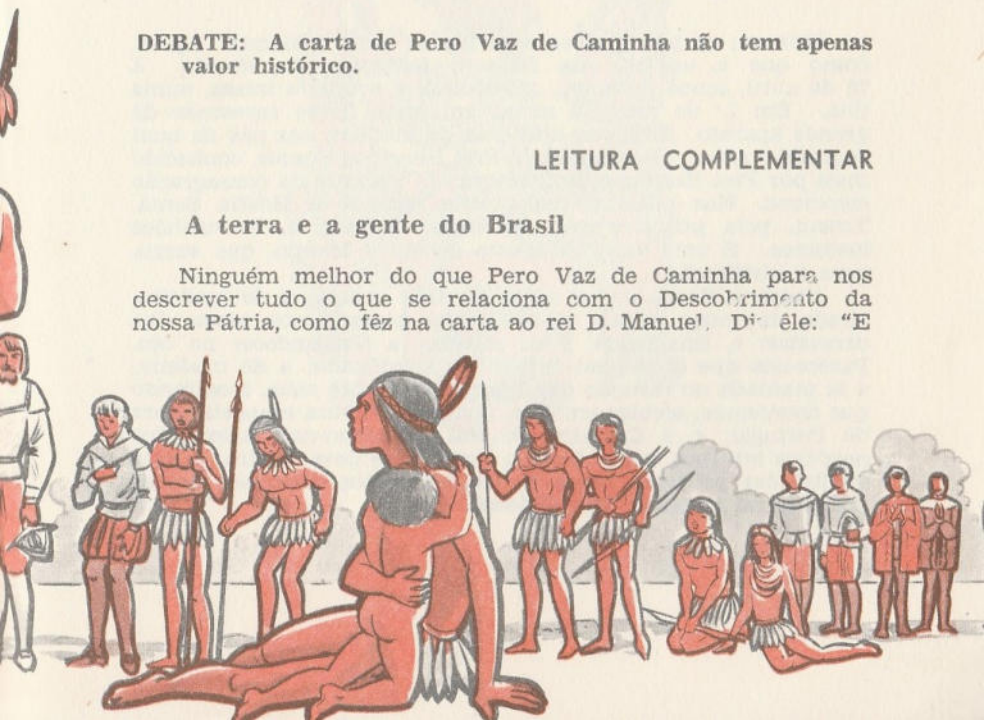
1. Em que dia saiu de Lisboa a esquadra de Cabral?
2. De quantos navios se compunha e quais seus comandantes?
3. A que se atribuir tamanho aparato e festa na partida da esquadra?
4. Que fez Cabral na latitude de 17° , já distante da África?
5. Em que dia apareceram sinais de terra do Brasil?
6. Como Pero Vaz de Caminha descreve o descobrimento? (ver leitura complementar)
7. O Brasil era habitado? Qual o tipo dos índios que se apresentaram aos navegantes?
8. Quais as cruzes que presidiram ao nascimento do Brasil para a História? (ver leitura complementar)
9. Quem celebrou a primeira missa solene em terra firme?
10. Que fez Cabral depois da cerimônia religiosa?
11. Que navio foi dar notícia ao Rei do descobrimento? Quem comandava?
12. Que aconteceu aos 13 navios de Cabral e com quantos voltou a Lisboa?
13. Como se passaram os últimos dias do descobridor do Brasil, em que ano morreu e onde está sepultado?

DEBATE: A carta de Pero Vaz de Caminha não tem apenas valor histórico.

LEITURA COMPLEMENTAR

A terra e a gente do Brasil

Ninguém melhor do que Pero Vaz de Caminha para nos descrever tudo o que se relaciona com o Descobrimento da nossa Pátria, como fez na carta ao rei D. Manuel. Diz ele: "E



assim seguimos nosso caminho por este mar longo, até terça-feira de oitava de Páscoa, que foi 21 de abril, quando topamos sinais de terra, que eram muita quantidade de ervas compridas e, na quarta-feira, pela manhã, topamos aves e neste dia, a horas de véspera, houvermos vista de terra, a saber: primeiramente um grande monte, muito alto e redondo e outras terras mais baixas ao sul dêle, e terra chã, com grandes arvoredos, ao qual monte o capitão pôs o nome de Pascoal e à terra de Vera Cruz”.

No próprio dia 23, em que os navegantes tomam contato com a terra, Nicolau Coelho travou relações com a gente que a habitava. Trava-se o primeiro diálogo entre a Europa e o Brasil. A conversa é por mímica, mas dá para os interlocutores se entenderem. Como vinham os naturais armados de arco e flecha, pediu-lhes Nicolau que os depusessem, no que foi atendido.

Conseguiu-se trazer à nau capitânia dois indígenas. O escrivão Caminha descreve seus tipos, dizendo “serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos”. Foram recebidos com certo aparato. “Sentado numa cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado, bem vestido, com um colar de ouro ao pescoço”, assim é apresentado Cabral pelo cronista. Sendo já noite, acenderam-se tochas e os visitantes entraram. “Um dêles” — diz Caminha — “fitou o colar do capitão e começou a fazer acenos com as mãos em direção à terra, como se quisesse dizer que havia ouro na terra”. O que lhes causou medo foi uma galinha. Do que lhes deram a comer e beber não gostaram. Estendendo-se sôbre uma alcatifa e mandando Cabral que lhes dessem seus próprios coxins por travesseiros, dormiram a bordo, tranqüilos e confiantes.

Mensagem de Cristo ao Brasil

Falaram os portugueses e os índios como puderam. Agora, como que a uni-los, iria falar o Redentor do Mundo. A 26 de abril, sendo domingo, celebrou-se a primeira missa, numa ilha. Em 1.º de maio, a missa em terra firme reveste-se de grande aparato. Ergue-se alta cruz de madeira aos pés da qual se arma o altar. O celebrante é Frei Henrique Soares, conhecido mais por Frei Henrique de Coimbra. O instante da consagração emociona. Nas mãos do celebrante ergue-se a Hóstia Santa. Troam, pela primeira vez, na terra descoberta, os canhões lusitanos. É uma salva de glória ao Nôvo Mundo, que surgia para a civilização.

Nasce o Brasil sob o signo de três cruzeiros: a de madeira, tirada das suas matas; a que vinha pintada nos panos das caravelas; e, finalmente, a de estrêlas, a resplandecer no céu. Parece-nos que cada qual tem o seu significado: a de madeira, a fé plantada no coração dos brasileiros; a das naus, mostrando que deveremos, séculos em fora, continuar a obra evangelizadora de Portugal; e o Cruzeiro do Sul a indicar-nos, acima dos negócios terrenos, nosso destino eterno, que deve inspirar nossas instituições políticas, nossa legislação, nossos costumes, nossas posições no convívio internacional.

Desmantelamento da armada de Cabral

Eram treze os navios da armada de Cabral. Na ida para o Brasil, perdeu-se a de Vasco de Ataíde. A de Gaspar de Lemos voltou para Lisboa. Seguiram para as Índias 11 naus. Ao largo do Cabo da Boa Esperança, sob terrível tempestade, **soçobraram** quatro navios, os de Luís Pires, Aires da Silva, Simão de Pina e Bartolomeu Dias.

Quem diria? Bartolomeu Dias, o decifrador do enigma do cabo fatídico, denominado, longo tempo, Cabo Não, ou das Tormentas, êsse cabo que Luís de Camões configurou no medonho gigante Adamastor, quem diria que, ao transpô-lo novamente, o herói ali encontrasse a morte? Era a vingança da esfinge decifrada à qual o poeta de "Os Lusíadas" atribui a exclamação: "aqui espero tomar, se não me engano, de quem me descobriu, suma vingança".

Restam sete naus. Em 16 de janeiro de 1501, naufraga a de Simão Tovar. A de Diogo Dias se desgarrá e vai ao Mar Vermelho e uma das pequenas é enviada a Sofala. Dos treze navios, restam quatro. Como uma se adianta e outra se atrasa, Pedro Álvares Cabral, em 9 de julho de 1501, entra no Tejo sòmente com duas unidades da Armada: a capitânia e a de Pedro de Ataíde.



Armas de Cabral

CAPÍTULO VI

CONTROVÉRSIAS E DISCUSSÕES

Acaso ou objetivo deliberado?

Durante muito tempo era ensinado nas escolas que o Brasil fôra descoberto por acaso. Afastando-se das costas da África, para evitar as calmarias, Cabral veio encontrar uma terra desconhecida. Hoje, depois de pesquisas e estudos, a maior parte dos historiadores tem como seguro haverem os reis portugueses tido anterior conhecimento da existência de terras no Ocidente. Supõe-se que a Portugal não convinha tomar posse de tais terras, antes do Tratado de Tordesilhas. O roteiro de Cabral, como vimos na lição precedente, evidencia a intenção de chegar ao Brasil.

Navegantes que antecederam Cabral

Muitos são os que querem conferir prioridade no descobrimento de nossa Pátria a outros navegantes; Vicente Yanez Pinzon, em janeiro de 1500, parece ter tocado num ponto da costa brasileira, mas como se lê no historiador Pôrto Seguro, não se pode identificar êsse local, que é provável tenha sido no extremo norte. Mais tarde, Diogo de Leppe percorreu o mesmo caminho que Pinzon. Fala-se, também, de Alonso Ojeda que

nunca esteve no Brasil. Quanto a Américo Vespúcio, existem cartas que ele mesmo escreveu e ninguém confirma suas façanhas.

De qualquer modo, o descobrimento de Cabral é o verdadeiramente oficial, pelo número de navios, pela celebração da primeira missa, pela fixação do marco de posse de Portugal, pelo contato com os indígenas, sobretudo pela narrativa de Pero Vaz de Caminha. Mas, acima de todos os acontecimentos, a posterior colonização da terra descoberta confirma a primazia portuguesa.

Data do descobrimento

Este é outro assunto em que divergem os historiadores. A carta de Caminha corrige este erro grave sobre o descobrimento do Brasil, que muitos colocam em 3 de maio, devido à mudança do calendário pela reforma gregoriana, que só ocorreu em 1582. Assim, a data do descobrimento do Brasil deve ser celebrada a 22 de abril.

O nome Brasil

O historiador João de Barros (Década I, Livro V, capítulo II) mostra-se indignado por se haver trocado o nome de Terra de Santa Cruz pelo de Brasil. Realmente, nos primeiros anos, nossa Pátria foi Ilha de Vera Cruz, depois Terra de Santa Cruz, havendo também os que a denominaram Terra dos Papagaios. Não demorou muito para que sua denominação definitiva fosse Brasil.

Na opinião de *eruditos* estudiosos tem-se atribuído este nome ao fato de haver, em nosso país, grande quantidade de uma madeira da qual se extraía tinta cor de brasa, objeto de comércio altamente lucrativo. Pode-se, entretanto, dizer o contrário: a madeira era chamada "pau do Brasil", por ser oriunda da terra chamada Brasil.

Vicente Yanez Pinzon — Navegador espanhol. Nasceu em meados do século XV e morreu em 1523. Comandou uma das três caravelas de Colombo, a "Niña". Em 1500 tocou a costa do Brasil, provavelmente no Ceará, segundo Pôrto Seguro. Navegou no Amazonas.

Diogo de Leppe — Pilôto espanhol. Um mês depois de Pinzon, seguiu o mesmo roteiro dêste.

Alonso Ojeda — Navegador espanhol (1470-1515). Andou pela parte setentrional da América do Sul e nas Antilhas.

Américo Vespúcio — Navegador florentino (1451-1512). Ora a serviço de Portugal, ora de Espanha, viajou pelas terras do Nôvo Mundo. Pelo muito que escreveu, suplantou Colombo, dando seu nome a tôda a extensão continental, desde o Canadá à Patagônia. Essa denominação (América) foi lançada pelo cosmógrafo alemão Walldesecmuller.

Reforma Gregoriana — Alteração do calendário juliano (de Júlio César) pelo Papa Gregório XIII, em 1582. Conserva, em linhas gerais, o juliano, mas, introduz correções de acôrdo com mais seguras observações astronômicas. Há uma diferença de 10 dias entre o antigo e o nôvo calendário.

QUESTIONÁRIO

1. Quais os pontos de controvérsias relativos aos primeiros tempos da História do Brasil?
2. Que navegadores andaram pelos mares brasileiros em 1500?
3. A quem compete a prioridade do descobrimento do Brasil e por quê?
4. Qual o motivo da divergência quanto à data do descobrimento?
5. Quais os nomes dados ao Brasil nos primeiros anos do século XVI?
6. Quais as opiniões sôbre a origem e significado do nome Brasil? (ver leitura complementar)

DEBATE: O Brasil não foi descoberto por acaso.

Por que Brasil?

No livro do VI século da Era Cristã, intitulado "O último monarca de Tara", cuja tradução o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro mandou fazer, há referência à fabulosa ilha "Hi-Brasil", ou "Ilha dos Bemaventurados", localizada no Ocidente. A tradutora (D. Lúcia Furquim Lahemeyer) bibliotecária do Instituto, não se limitou ao trabalho que lhe foi confiado, mas também, pesquisou e desenvolveu estudos sobre o que se dizia da maravilhosa terra nos séculos XV, XVI e até narrativas correntes no século XVII.

Em mapas antigos, entre os quais um em poder do autor deste livro, aparece essa ilha a sudoeste da Irlanda. O embaixador espanhol em Londres escreveu aos reis Fernando e Isabel, em 1498, revelando a existência de uma terra ocidental, chamada "Hi-Brasil". Muito antes (1470) o rei Afonso V proibia aos traficantes comerciarem com as tintas do Brasil.

Humboldt declara que a palavra "Brasil" vem de Sumatra e levou quatro mil anos para chegar até nós. Originária da Ásia, como quer Humboldt ou do idioma celta, segundo Capistrano de Abreu (braaz-grande) era usada, pelo menos, desde 1503 para designar nosso país. A primeira carta geográfica, em que a denominação se consagra, é a de Marini, de 1512, cujo original se encontra no Itamarati.

Quanto às recriminações de João de Barros por se haver mudado o nome de Santa Cruz para Brasil, não nos parecem aceitáveis. A tinta vermelha é cor de sangue e a Cruz não teria nenhum valor se nela não se derramasse o sangue de Jesus. Significa, pois, o ardor da nossa fé cristã, porque Brasil é brasa e, com esta brasa, nunca seremos frios, ou mornos, em nossas convicções religiosas.

CAPÍTULO VII

PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES

Portuguêses, espanhóis e franceses

O período que vai do descobrimento de Cabral até 1530 foi de freqüentes contatos de europeus com a terra e a gente do Brasil. São três décadas, das quais nos chegam documentações escassas e testemunhos controvertidos. As informações começam a tornar-se mais claras desde o início da quarta década, após a vinda de Martim Afonso de Sousa.

Por ordem cronológica, foram as seguintes expedições que vieram ao Brasil até 1530:

1501 — João da Nova e Fernão de Loronha, o primeiro em março, o segundo em maio.

1503 — Gonçalo Coelho, em viagem para as Índias, com seis naus, toca no Brasil, onde sua armada se dispersa. Traz consigo Américo Vespúcio, que já aqui estivera com Fernão de Loronha. Nesse mesmo ano, Binot Palmier de Gonneville visita uma região onde, segundo suas declarações, desde muito embarcações de Dieppe e Saint Malô costumavam aportar. Presume-se que nessa ocasião João Coelho percorreu o litoral



que vai do cabo de São Roque as costas maranhenses. A Ilha da Trindade é descoberta por Estevam da Gama.

1508 — João Dias de Solis e Vicente Yanez Pinzon costearam o extremo norte do Brasil.

1511 — Cristovam Pires veio ao Brasil comandando a nau "Bretôa", pertencente ao consórcio comercial de Fernão de Loronha, Marchione, Morelli e Martins. Voltou carregado de pau-brasil, animais da nossa fauna e índios capturados.

1515 — Segunda viagem de João Dias de Solis. Percorreu a costa meridional do Brasil e subiu o rio da Prata.

1517-1519 — Vieram ao Brasil Luís de Gusman e Duarte Tristão. Em 1519, prosseguindo sua viagem ao redor do mundo, Fernão de Magalhães esteve no Rio de Janeiro.

1521 — Ancorou em águas brasileiras o francês Hugues Roger e, no mesmo ano, duas caravelas espanholas estiveram em Santa Catarina, a caminho do Prata.

1525 — Outro francês, Jean Parmentier, piloto do visconde de Dieppe, navegou pela costa equinocial brasileira. No mesmo ano, a expedição espanhola de Loayan e Rodrigo Acuña desmantelando-se ao tentar passar o estreito de Magalhães, perdendo os seus navios, excluído o de Acuña, veio *êste arribar* em Santa Catarina e visitou o Rio de Janeiro e a Bahia, onde encontrou três navios franceses. Contemporaneamente, duas expedições espanholas chegaram ao Brasil: a de Diogo Garcia e a de Sebastião Caboto. Declaram ter visto naus francesas em águas brasileiras.



Américo Vespúcio

1526 — Ocorre a expedição de maiores consequências quanto à influência exercida sobre o rei de Portugal em relação à necessidade de colonização do Brasil. É a de Cristovam Jacques.

O inspirador do Rei

Tantas expedições de espanhóis e franceses ao Brasil já vinham preocupando D. Manuel. Por morte do "Venturoso", subiu ao trono seu filho D. João III, em 1521. As preocupações se acentuam, mas nenhuma providência é tomada. A expedição de Cristovam Jacques tornou patente a necessidade de ação do governo português. Ancorando em Pernambuco, no canal que separa a ilha de Itamaracá do continente, Jacques fundou uma feitoria, indispensável à defesa da região, freqüentadíssima pelos franceses. Carregou uma de suas naus com pau-brasil, enviando-a ao Reino, e partiu em direção ao sul, com as cinco restantes. Na foz do rio Paraguaçu (Baía de Todos os Santos) travou batalha com três navios bretões, fazendo trezentos prisioneiros, que levou para Pernambuco. Sugeriu, então, ao Rei, a urgente colonização do Brasil.

D. João III decide-se

Além de Cristovam Jacques, outros observadores insistiam com o monarca para que tomasse medidas imediatas a fim de que Portugal não perdesse o Brasil. Últimamente, até a Inglaterra (expedição de Willian Hawkins) punha os olhos cubiçosos na esperançosa possessão portuguesa.

Finalmente, D. João III decide-se. Manda organizar uma esquadra visando a impedir as incursões espanholas e francesas nas terras pertencentes a Portugal e, ao mesmo tempo, objetivando dar os primeiros passos para a colonização do Brasil. Encarrega do comando Martim Afonso de Sousa, senhor de Prado e Alcoentre, alcaide-mor de Bragança e Rio Maior.

ELUCIDÁRIO

Fernão de Magalhães — Navegador português (1480-1521) — Realizou a primeira viagem de circunavegação, saindo da Espanha, a serviço dos reis Fernando e Isabel e tomando a direção do Ocidente. Atravessou o estreito que hoje tem seu nome, ao sul da Patagônia, e entrou no Pacífico. Não chegou a terminar a volta ao mundo por ter sido morto pelos selvagens. Seus sucessores continuaram chegando ao Atlântico e, depois, à Espanha.

Equinocial — Que pertence ao equinócio, época em que o Sol passa pelo Equador, tornando os dias iguais às noites em todos os países do mundo. Zona equatorial da Terra.

QUESTIONÁRIO

1. Quais as expedições que vieram ao Brasil de 1501 a 1530?
2. Quem descobriu a ilha da Trindade?
3. Quem subiu o rio da Prata?
4. Quais os franceses que vieram ao Brasil?
5. Em que ano morreu D. Manuel, o "Venturoso" e quem o sucedeu?
6. Quais os resultados da expedição de Cristovam Jacques?
7. Que decisão foi tomada por D. João III para garantir a posse portuguesa no Brasil?

DEBATE: Por que, desde o início, houve recusa de aceitar qualquer outro tipo de colonização.

CAPÍTULO VIII

MARTIM AFONSO DE SOUSA

Colonização

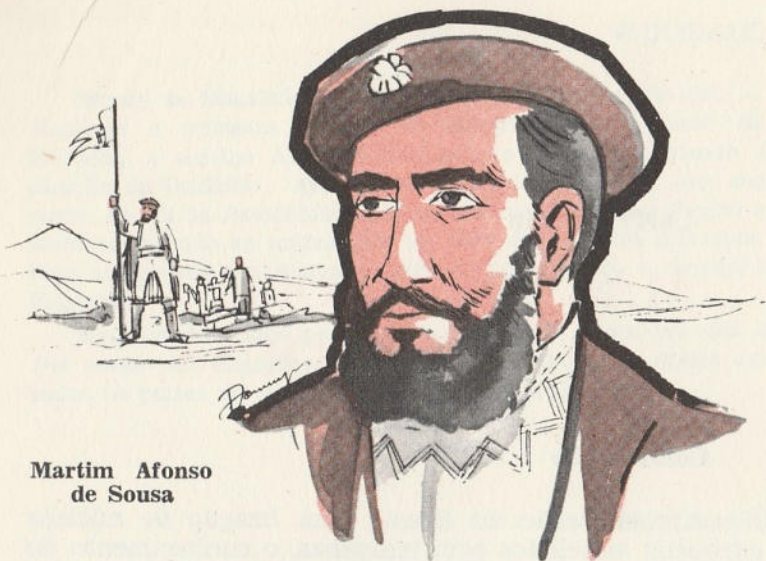
A colonização do Brasil, com fixação de núcleos europeus *mesclados* com indígenas, o conhecimento do interior do país e o início da agricultura na nova terra principiam com Martim Afonso de Sousa.

A frota de Martim Afonso compunha-se de cinco navios, levando quatrocentas pessoas. Trazia êle grandes poderes, quase os de um rei, outorgados por D. João III. Em companhia do comandante, vinha seu irmão Pero Lopes de Sousa, que escreveu um "Diário" onde se encontra a narrativa de quanto fêz a expedição. Saindo de Lisboa a 20 de novembro de 1530, chegou Martim a Pernambuco em 31 de janeiro de 1531.

De Pernambuco à Bahia

Lá estavam os franceses. São três navios dos quais Martim Afonso se apodera. Determina a Diogo Leite que navegue para o norte até as costas do Maranhão. Com os navios restantes, segue para o sul.

Na Bahia, os enviados do Rei foram bem recebidos e ajudados por Diogo Álvares, o famoso "Caramuru", de quem falaremos mais adiante. A frota esteve quatro dias na Bahia, retomando o rumo do Brasil meridional.



**Martim Afonso
de Sousa**

Incursão pelo interior

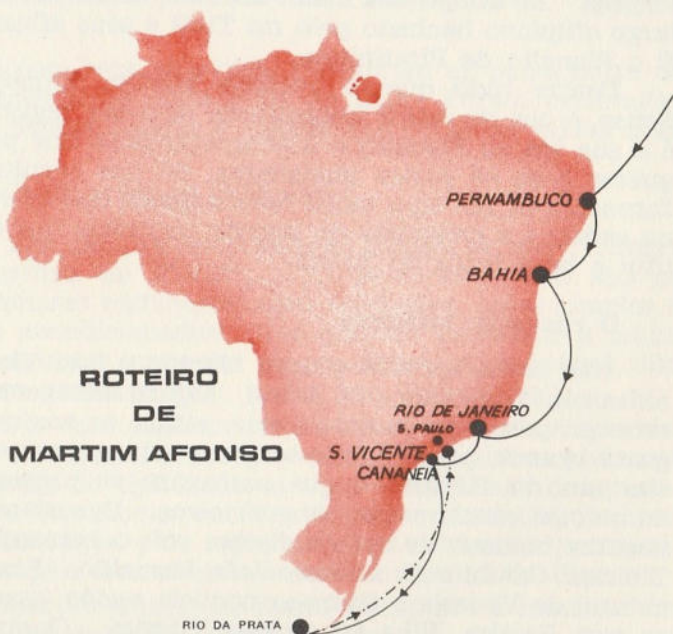
A 30 de abril de 1531, Martim ancorou no Rio de Janeiro. Permaneceu ali três meses. Ergueu uma casa forte, construiu dois *bergantins*, abasteceu os navios para o prosseguimento da rota. Não se descuidou de averiguar o que havia no misterioso sertão. Mandou quatro homens por terra a dentro, os quais caminharam mais de cem léguas, grande parte por montanhas e depois por dilatado planalto. Ao cabo de dois meses, voltaram, trazendo um índio que se dizia chefe daquelas terras e que regressou com presentes que lhe foram dados.

Rumo ao rio da Prata

No dia 1.º de agosto, a armada levantou ferros e partiu na direção de Cananéia, onde chegou a 12 do mesmo mês. Os navios acolheram-se por detrás da ilha do Bom Abrigo. Efetuou-se o desembarque num povoado cujo nome se deve ao fato de o local ter sido

descoberto no dia em que na Missa é lido o trecho do Evangelho que se refere à mulher cananéia. Apresentou-se aos expedicionários um bacharel português, certamente ali deixado por alguma expedição anterior. Também apareceu certo Francisco Chaves, que narrou tais maravilhas das terras por ele conhecidas, a ponto de impressionar Martim Afonso. O comandante não teve dúvidas: organizou uma expedição de 80 homens, sob a responsabilidade de Pero Lobo e mandou que fôsem em busca daquele verdadeiro El-Dourado, indo Chaves como guia. Nunca mais se teve notícias dos expedicionários. Naturalmente, os carijós, na região entre o Paraná e Mato Grosso, dêles fizeram grande banquete.

Prosseguindo para o sul, a armada enfrenta violenta tempestade. Salvam-se Martim Afonso e grande parte dos marujos, mas a viagem não continua. O chefe manda Pero Lopes ao rio da Prata e regressa.



Fundação de São Vicente

Pero Lopes, cumprida a missão, volve a se encontrar com Martim Afonso. Deixando Cananéia, vão no rumo do norte. Desembarcam no dia 22 de janeiro de 1532, dia de S. Vicente, numa aprazível enseada. Fundam ali uma colônia e a vila que toma o nome do Santo comemorado naquela data. Constroem-se casas, igreja, paço do Conselho, cadeia e ergue-se o *pelourinho*. Distribuem-se terras, plantam-se árvores frutíferas européias, introduzem-se animais domésticos ainda não conhecidos no Brasil, dá-se início ao cultivo da cana, e constrói-se o primeiro engenho para a produção de açúcar e aguardente.

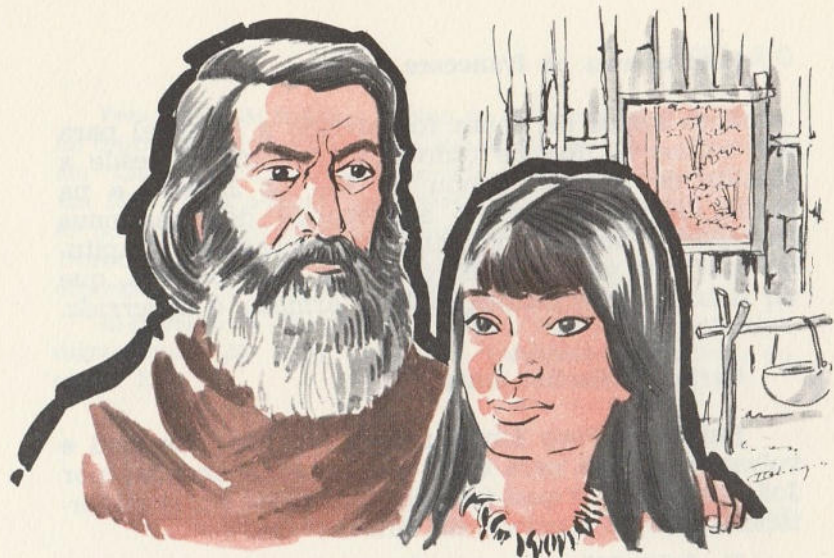
No planalto predestinado

A Serra do Mar, *emergindo* dos mangues do Cubatão, eriça-se, como alta muralha, coberta de matas virgens. Ao atingir sua maior altitude, desenrola-se em largo *altiplano* banhado pelo rio Tietê e seus afluentes. É o Planalto de Piratininga.

Dentre tudo quanto realizou Martim Afonso de Sousa, o que de maior importância deve ser registrado é a sua ida ao Planalto e o conagraamento dos portugueses com os índios guaianases, do que resultou a formação de um tipo racial determinante das entradas no sertão e a conquista do imenso território que constitui a base física do Brasil.

O encontro histórico

Não havia, quando chegou Martim a São Vicente, aldeamentos de índios no litoral. Alguns selvagens, que estavam pescando junto ao mar, vendo os navios e a gente branca, precipitaram-se serra acima, para anunciar aos do Planalto o que acabavam de presenciar. As *inúbias* conclamaram os guerreiros. Desceram quinhentos homens de arco e flecha, sob o comando de Tibiriçá, Caiubi e do lusitano João Ramalho. Era este natural de Vouzela e fixara-se naquela região, casando-se com Bartira, filha do cacique Tibiriçá. Gozava de grande prestígio entre os gainases. Das conversas que



João Ramalho e Bartira

teve com seus patrícios, resultaram as pazes entre os guerreiros da selva e os do mar. Foram celebradas com festas, danças e cantos, que duraram vários dias.

Quem eram os guaianases

Em 1587, escreveu Gabriel Soares, no seu “Tratado Descritivo do Brasil”, estas palavras: “Não são os guaianases maliciosos, nem *refalsados*, antes simples e bem acondicionados. São grandes flecheiros e inimigos de carne humana. Se encontram gente branca, não fazem nenhum dano, antes boa companhia”.

Por êste depoimento e pelos testemunhos que, depois de Martim Afonso, trouxeram os jesuítas, podemos ter idéia do tipo humano e da cordialidade dos guaianases. Realizou-se em Piratininga o matrimônio *cósmico* das raças, pelo espírito universalista dos portugueses e pela boa disposição dos indígenas do Planalto.

Martim Afonso de Sousa oficializou a fundação do povoado de Santo André da Borda do Campo, iniciado por João Ramalho, dando-lhe o título de vila.

Luta contra os franceses

Pero Lopes de Sousa foi enviado a Portugal para dar contas ao Rei de tudo quanto houvera, desde a partida de Lisboa. Tocou no Rio de Janeiro e na Bahia. Em Pernambuco apoderou-se de duas naus francesas e, após dezoito dias de combates, fêz capitular um forte gaulês, construído por Jean Duperet, que ali deixara uma guarnição bem armada e *aguerrida*.

Carta a "Martim amigo"

Deixemos Pero Lopes navegando para Portugal e volvamos a vista para duas caravelas comandadas por João de Souza, o qual traz documento de suma importância para os destinos do Brasil.

D. João III escreve a Martim Afonso de Sousa. Começa dizendo: "Martim amigo, eu, El-Rei, vos envio muito saudar". É uma carta cheia de desculpas, por haver tomado uma deliberação sem a presença do amigo, mas levado pelas solicitações dos que desejavam tomar por conta própria a colonização do Brasil. Assim, aconselhado pelo Conde de Catanhede, resolvera dividir o território brasileiro em capitanias, uma das quais, a de São Vicente, outorgada a ele, Martim.

Recebendo essa carta, Martim Afonso de Sousa resolve regressar a Portugal, deixando por seu lugar-tenente, com plenos poderes, o vigário de São Vicente, Gonçalo Monteiro.

Martim Afonso e os paulistas

O nome de Martim Afonso de Sousa ficou para sempre ligado à história dos paulistas, que então eram chamados vicentinos. A data de 22 de janeiro (fundação de São Vicente) supera a tôdas as outras, como efeméride nacional brasileira, porque ela é o início de uma colonização regular e da entrada de nossa Pátria na civilização.

ELUCIDÁRIO

Pero Lopes de Sousa — Irmão de Martim Afonso de Sousa, foi o primeiro português que entrou no Rio da Prata. Escreveu um "Diário da Navegação da armada que foi à terra do Brasil em 1530", obra notável, que esteve esquecida trezentos anos e foi publicada pelos esforços do historiador brasileiro Varnhagen (Visconde de Porto Seguro), em 1839. Morreu em naufrágio ocorrido nas proximidades da ilha de Madagáscar.

El-Dourado — Região, ou cidade, contendo quantidades maravilhosas de ouro, fruto da imaginação espanhola do século XVI.

QUESTIONÁRIO

1. Quando e quem começou a colonização do Brasil?
2. Quem foi Martim Afonso de Sousa e que fez em nosso País?
3. Que rei o enviou ao Brasil?
4. Quantos navios trouxe e quantos homens?
5. Quem veio em sua companhia?
6. Quando saiu de Lisboa e quando chegou a Pernambuco?
7. Que itinerário seguiu?
8. Que fez no Rio de Janeiro?
9. Quando chegou a Cananéia e o que ali aconteceu?
10. Quem foi ao Rio da Prata?
11. Quando foi fundada a vila de São Vicente?
12. Qual o feito de maior importância de Martim Afonso?
13. Que tipo humano era o dos guaianases?
14. Que fez João Ramalho?
15. Que dizia a carta de D. João III a Martim Afonso de Sousa?
16. Por que a data de 22 de janeiro é de suma importância na História do Brasil?

DEBATE: Balanço do governo de Martim Afonso de Sousa.

CAPÍTULO IX

O GRANDE CENÁRIO DA HISTÓRIA

A terra do Brasil

Até aqui, tratamos dos contatos iniciais da civilização européia com a nossa Pátria; iremos agora entrar na narrativa dos acontecimentos que constituem a formação da nacionalidade. É preciso *bosquejarmos*, ainda que em largas pinceladas, o panorama geral do país, onde gerações sucessivas se agitaram, sofreram, sacrificaram-se para sermos hoje o que somos. É o cenário dos episódios históricos, a geografia emoldurando a ação do Homem, a natureza condicionando as atividades humanas ao meio físico.

Aspectos geográficos

Nosso país desdobra-se em latitudes que vão desde o paralelo 4.º acima do Equador, até o 33.º abaixo da linha equatorial, abrangendo uma longitude que vai de 35.º a 74.º do Nordeste ao Acre e que varia para menos derivando até a faixa mais estreita delimitada pelo Paraná e o Uruguai.

As variações climáticas decorrentes dos paralelos e meridianos, em oito milhões e meio de quilômetros quadrados, e as condições orográficas e hidrográficas

do vasto território dividem o país em zonas distintas: A Amazônia, o Nordeste, o Centro, o Oeste e o Sul.

A Amazônia

Esta região não apresenta completa unidade: o extremo norte é montanhoso, derivando pelas gargantas das serras os afluentes do grande rio; seguem-se a planície central, com imponentes matas e a trama dos *igarapés* e *igapós*; e, finalmente, as chapadas meridionais.

O Nordeste

Também o Nordeste oferece aspectos variados: a transição maranhense da Amazônia para as chapadas do Piauí; daí por diante as terras do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e grande parte da bacia do rio São Francisco, zona onde *campeia* o vaqueiro entre as "*caatingas*" cheias de espinhos.



O Centro

Do rio Doce para o Sul o território erica-se em serras, que atingem elevada altitude no Caparaó, desdobrando-se em tumulto nas serranias de Minas Gerais e lançando na orla marítima as montanhas que formam as paisagens de Guanabara, Angra dos Reis, Ubatuba, Paranaguá, até os Aparados do Rio Grande do Sul e, paralelamente, a linha da majestosa Mantiqueira, onde se *erigem* as silhuetas do Itatiaia e outros picos de avantajada estatura. Não entraremos na apreciação das sub-regiões, que se diferenciam, como as fraldas da Mantiqueira, derivando para os vales do Sapucaí, de um lado, e do Paraíba do outro; a faixa ferrífera e aurífera que se estende do Espírito Santo às montanhas de Ouro Preto e Sabará; parte do vale do rio São Francisco; o Triângulo Mineiro, alargando-se em pastagens entre o Rio Grande e o Paranaíba.

O Oeste

Chegamos à região denominada Oeste. Aqui o estudioso encontrará dificuldade quanto à classificação das sub-regiões. A divisão política do Brasil não corresponde às diferenciações geográficas. O Estado de Goiás inclui-se na região amazônica ao norte; a leste participa da região nordestina; ao sul pertence à bacia do Prata. O Estado de Mato Grosso, desde as cabeceiras do Tapajós e do Xingu, é evidentemente amazônico, mas a sua área meridional, assinalada pelas vertentes e cursos dos rios Cuiabá e Paraguai, integra-se na bacia do Prata.

O Sul

Resta-nos agora descrever a parte do Brasil que medeia entre o Atlântico e os rios Paraná e Uruguai, abrangendo os territórios paulista, paranaense, catariense e rio-grandense do sul. Ultrapassada a Serra do Mar, estamos na região onde os rios correm em direção contrária ao oceano: o Grande, o Pardo, o Tietê, o

Peixe, o Aguapeí, o Paranapanema, o Avaí, o Tibagi, o Iguaçu, o Pelotas, o Ijuí, o Ibicuí, o Quaraí, todos integrados na bacia do Prata. Para o Atlântico se dirigem apenas o Ribeira de Iguape, o Itajaí, o Gravataí e pequenos rios. É a região fadada aos grandes êxitos da agricultura. Com regime pluvial bem ordenado, solo rico de húmus, clima propício ao trabalho humano, foi, até agora, a zona do Brasil que mais progrediu.

Rios brasileiros

No transcorrer das narrativas dos acontecimentos que constituem a História do Brasil, teremos ocasião de nos referir a rios e serras que dêles foram testemunhas.

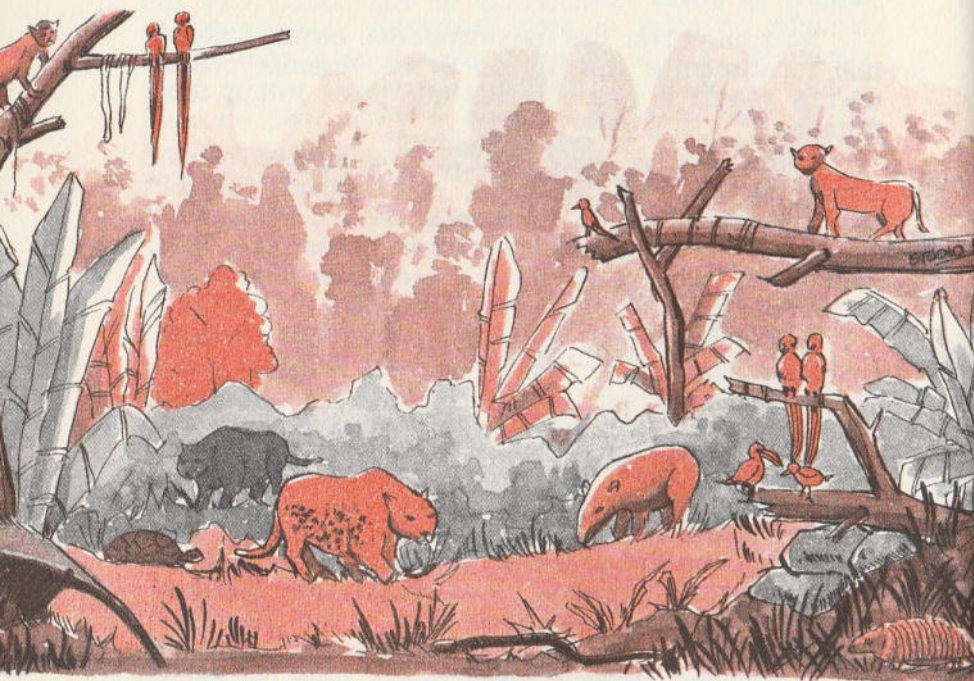
Todos os rios, cada qual na sua região, formam conjuntos que em geografia, se chamam "bacias". Essas bacias são a do Amazonas, do São Francisco e do Prata, para cujas águas afluem numerosos tributários. Há também os rios que procuram diretamente o oceano.

Quanto às serras, as principais são as da cadeia marítima e as do interior. Conhecer os seus nomes, como os dos rios, facilita a compreensão dos fatos que se deram nas suas proximidades. Para facilitar esse conhecimento, consulte-se um bom mapa do Brasil.

A natureza

Majestosas florestas, "caatingas" no Nordeste, "cerrados" no Planalto Central, campos que dilatam os horizontes meridionais; baías e angras emolduradas de matas virgens; dunas e alvas praias onde se agitam coqueiros; rios caudalosos deslizando serenamente ou esfacelando-se em cachoeiras, eis o espetáculo que se oferecia aos desbravadores das terras do Brasil. Uma fauna riquíssima em animais, aves e insetos, manhãs esplendentes e noites incendiadas de pirilampos, tudo isto envolve o europeu do século XVI.

Há, porém, para os que penetram os sertões, os fatores negativos: as onças, as cobras venenosas, os insetos portadores de enfermidades. É preciso superar tais inimigos, rasgar picadas nas matas, enfrentar o desconhecido, *vadeando* rios e transpondo serras.



Sobe o pano, começa o drama

Esse o quadro geral da terra brasileira. Dentro dêle vai desenrolar-se a epopéia da nossa formação histórica. Vejamos agora as personagens do grande teatro: os que esperavam e os que vieram.

ELUCIDÁRIO

Latitude — Distância do Equador a um lugar da terra contada pelo meridiano que passa por êsse lugar.

Paralelos — Linhas que em tôda a sua extensão, conservam igual distância umas das outras. Em geografia indicam as medidas das latitudes.

Longitude — O ângulo compreendido entre o meridiano de um lugar e outro, tomado convencionalmente. Os meridianos comumente usados como ponto de partida para medir as latitudes são o de Paris e o de Greenwich (Londres). A longitude, combinada com a latitude, fixa a posição de um lugar terrestre.

Meridiano — Círculo máximo, que passa pelos pólos e corta o Equador em ângulos retos.

QUESTIONÁRIO

1. Por que, estudando a História do Brasil, precisamos conhecer a geografia e a natureza da nossa Pátria?
2. Quais são as zonas do nosso país que se distinguem uma das outras?
3. Quais os aspectos geográficos da Amazônia?
4. E do Nordeste?
5. Do Centro?
6. Do Oeste?
7. Do Sul?
8. Quais as chamadas bacias em que deságuam os rios brasileiros?
9. Quais as serras principais do Brasil?
10. Que quadro da natureza do nosso país encontraram os desbravadores e colonizadores?

DEBATE: Vantagens e desvantagens da topografia brasileira para uma conquista total do país.

CAPITULO X

O ÍNDIO BRASILEIRO

Conquista de Pindorama

Em tempos anteriores à descoberta de Cabral, descendo pelos *flancos* das Ibiturunas (Cordilheira dos Andes), *hordas* selvagens invadiram as terras que seriam futuramente o Brasil. Era a migração de tribos *aguerridas*: a raça tupi. Os guerreiros cantavam um canto de guerra: "Ia so Pindorama koti, itamarana po anhatim, iára rama recê!" (Marchemos para a terra das palmeiras, com as armas nas mãos, seremos senhores daquela terra).

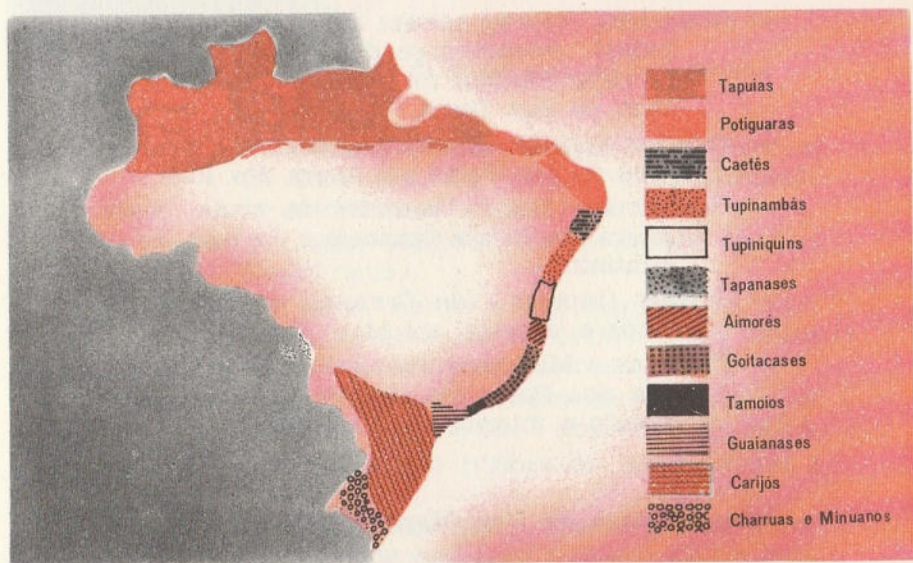
Os Tapuias

Mas, antes dêles, tinham também entrado em Pindorama, os tapuias, povo mais atrasado, pois não conhecia a *cerâmica*, não cozinhava os alimentos, não possuía rudimentos de agricultura, não tecia, não construía embarcações. Empurrados pelos tupis, refugiaram-se nas regiões centrais do país, entre os rios Xingu e Tapajós, que seus adversários denominavam "tapui-rama" (terra dos tapuias). Restaram algumas tribos do lado do Atlântico.

Classificação dos índios

Quem primeiro tentou classificar os nossos índios foi Gabriel Soares, no seu "Tratado Descritivo do Brasil, datado de 1587, conquanto Pero Magalhães Gandavo (1585) e Frei Vicente do Salvador (posterior a Soares e Gandavo) hajam se ocupado do assunto. Também nos deixaram informações o francês Jean de Lery, os frades igualmente franceses, Abeville e Ivo d'Evreux, o alemão Hans Staden, os jesuítas Anchieta e Simão de Vasconcelos. No século XVIII, Jaboatão, reproduz as informações de Soares, procurando pô-las em ordem.

No século XIX, o alemão Von Martius, notável sábio, tentou uma classificação baseada nos dialetos selvagens.



Classificação dos índios do Brasil segundo Gabriel Soares

Nomenclatura de Gabriel Soares (século XVI)

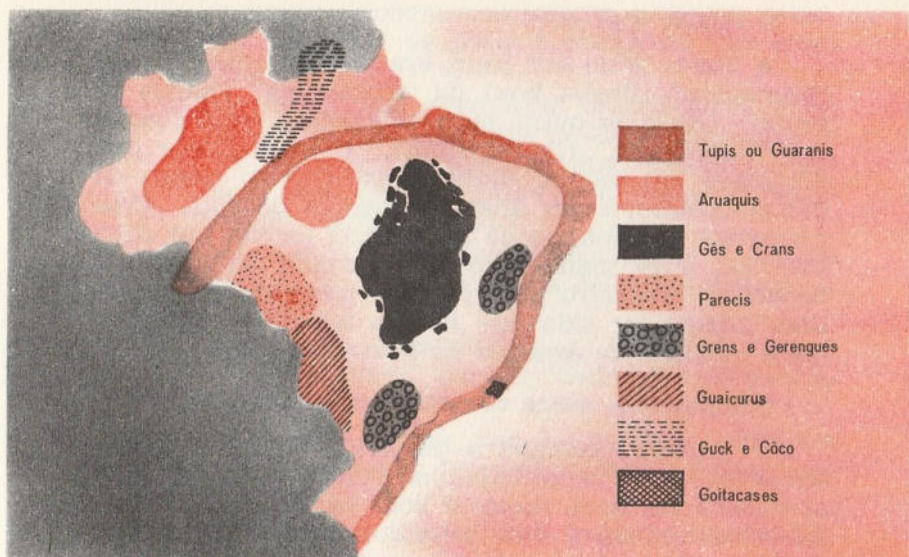
Trata Soares dos índios do litoral atlântico, catalogando-os da seguinte forma:

- Tapuias: do Amazonas ao Jaguaribe.
- Potiguares (tupis): do Jaguaribe à Paraíba.
- Caetês (tupis): da Paraíba ao São Francisco.
- Tupinambás (tupis): do São Francisco ao sul da Baía de Todos os Santos.
- Tupiniquins (tupis): sul da Bahia.
- Aimorés (tapuias): localizados nas capitanias de Ilhéus e Pôrto Seguro. Os mais ferozes entre as tribos mais selvagens.
- Tapanases (provavelmente tapuias): encravados entre os tupiniquins e os aimorés; foram por êstes desalojados.
- Goitacases (não há certeza se eram tupis ou tapuias): estendiam-se desde o rio Reritiba (a cuja margem morreu Anchieta) até ao cabo de São Tomé.
- Tamoios (tupis): dominavam o litoral, desde o cabo de São Tomé até Angra dos Reis.
- Guaianases (tupis): senhores da costa, desde Angra dos Reis a Cananéia e, do Planalto de Piratininga.
- Carijós (tapuias): de Cananéia à Lagoa dos Patos e, a oeste, até Mato Grosso.
- Charruas e Minuanos (tapuias): do sul da Lagoa dos Patos até ao rio da Prata, penetrando o interior da terra gaúcha.

Nomenclatura de Von Martius (século XIX)

São registrados os seguintes ramos:

- Tupis ou guaranis: vindos dos Andes, ocuparam as cabeceiras dos rios que formam o Madeira; dali uma parte dirigiu-se para o sul,



Classificação dos índios do Brasil segundo Von Martius

outra para o norte, ocupando as margens do Amazonas, até Marajó; gradativamente se estendeu pela costa atlântica.

- Gês e Crans: estabelecidos no centro do país (tapui-rama).
- Guck e Côco: senhores das margens do Amazonas, ao oeste da foz do Madeira e vastas áreas no Oiapoc e Guianas.
- Grens e Gerengues: encontravam-se nos sertões de São Paulo, Paraná e uma parte da Bahia.
- Parecis: habitavam regiões do Mato Grosso e Pará.
- Goitacases: dominavam o norte da terra fluminense, onde está hoje a cidade de Campos.
- Aruaquis: em matas dos atuais Estados do Amazonas e Pará.
- Guaicurus: *campeavam* no território mato-grossense, às margens do rio Paraguai.

A língua tupi

A língua geral dos tupis era por eles denominada "nheengatu" (língua boa) ou "abanhenga" (língua de gente). Qualquer outra, ou seus *dialetos*, eram chamados "nheengaíba" (língua ruim). O idioma tupi predominava em todo o litoral brasileiro, ao tempo do descobrimento, e por dilatadas regiões do país. Uma gramática e dicionário da língua tupi escrita por John Luccock, cujo manuscrito foi ofertado ao Instituto Histórico Brasileiro pelo poeta e polígrafo Gonçalves Dias, afirma ter sido este idioma falado ao longo da costa atlântica da América do Norte.

Depoimentos sobre os índios no século XVI

O primeiro europeu a descrever os índios brasileiros foi Pero Vaz de Caminha: "pardos a maneira de avermelhados, bons rostos e bons narizes, bem feitos. Ali andavam entre eles quatro moças bem gentis". Quanto a Pero Lopes de Sousa, elogia a afabilidade dos índios e a beleza das mulheres.

Contradições sobre o comportamento dos selvagens

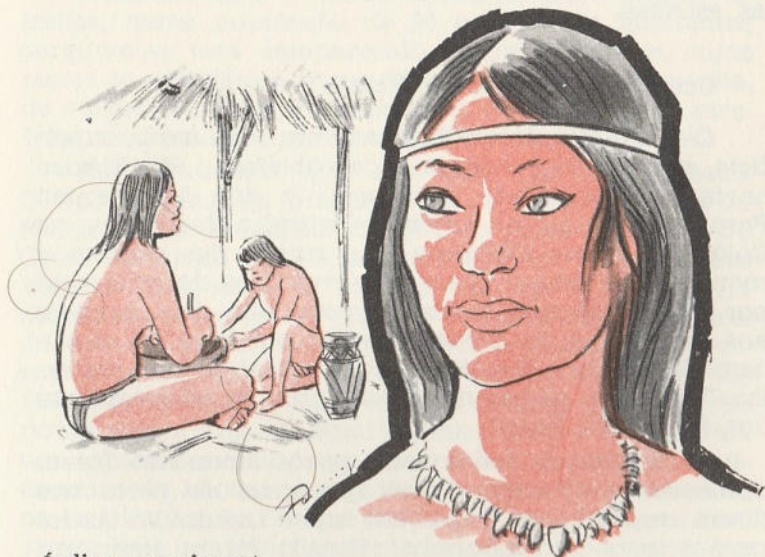
As opiniões dos viajantes dos séculos XVI e XVII, sobre nossos índios, são contraditórias: umas favoráveis outras desfavoráveis. Há os que julgam o índio indolente e inimigo do trabalho, como há os que defendem o *íncola* explicando sua aversão aos *labôres sedentários* por serem guerreiros, afeitos às aventuras da caça e das batalhas, pelo que não toleravam a escravidão.

Onde não há controvérsias

Os observadores, em sua unanimidade, são concordes em nos dar as seguintes informações sobre os selvagens brasileiros:

- viviam nus, enfeitados com penas de pássaros;
- sua alimentação era baseada na caça e na pesca e os menos primitivos possuíam rudimentos de agricultura (mandioca, pacova, cará, inhame);

- os tupis cozinhavam alimentos e sabiam preparar conservas de peixe e carne, no que eram *exímios*;
- as tribos mais adiantadas dedicavam-se à *cerâmica*, fabricando potes de barro (igaçabas) e outros utensílios, tendo na ilha de Marajó adornado seus potes e vasos com desenhos semelhantes aos dos gregos;
- os guerreiros fabricavam suas armas — arcos e flechas, tacapes, machados de pedra e facas — “quicés”;
- quase tôdas as tribos usavam instrumentos musicais de sôpro, “borés”, “inúbias” e de percussão, “maracás”;
- mulheres e homens, nos dias de festa, pintavam seus corpos com listas vermelhas e azuis “*urucum*” e “*genipapo*”;
- os cabelos femininos eram longos e os masculinos aparados;



Índios marajoaras

- possuíam o que poderemos chamar uma literatura falada, ou narrações de lendas e fábulas;
- as tribos eram governadas por um chefe “morubixaba” e orientados por um oráculo, ou feiticeiro “pajé”, que conhecia as virtudes das plantas e exercia a medicina.

Religião indígena

Tanto os tupis como os tapuias acreditavam num Ente Supremo, denominado “Tupã”. Assim como os hebreus chamavam o Criador de Jeová, o que significa “eu sou quem sou”, também os índios brasileiros designavam-no por aquela palavra que quer dizer: “que é isto”?

Tinham noção rudimentar da vida do homem depois da morte. Os que morriam iam viver num campo florido, mas alguns vinham vaguear altas horas da noite, rondando as sepulturas ou as casas dos parentes. Os que se engrandeceram em vida, por seus feitos e virtudes, subiriam aos céus, onde iriam passear entre as estrêlas.

Origens dos índios do Brasil

O Nôvo Mundo era habitado em tôda a sua superfície, quando os europeus o descobriram. No México havia uma adiantada civilização, a dos Astecas; no Peru a dos Incas; na América Central a dos Maias; na Colômbia a dos Chibchas. As ruínas das cidades e monumentos dêsses povos e os vestígios do progresso por êles alcançado causam *pasma* nos dias de hoje aos estudiosos do passado pré-colombiano do nosso hemisfério. Nos Estados Unidos havia os “pele-vermelhas”, mais ou menos no mesmo grau de adiantamento dos índios do Brasil.

As origens de todos êsses povos ainda não foram *desvendadas*. Tratemos dos que mais de perto nos dizem respeito. As migrações tupi e tapuia dos Andes para a terra de Pindorama (Brasil) foram anteriores à vinda dos Incas ao Peru, ocorrida cêrca de quatro-

centos anos antes do descobrimento da América e do Brasil. No Peru, vivia a nação "quichúa", que os Incas dominaram. Os dominadores construíram palácios e monumentos, possuíam um alfabeto ("quipos", sinais em fios), tendo organizado uma biblioteca destruída pelos espanhóis, como tudo o mais da civilização *incaica*, tal como fizeram vandálicamente no México.

Quanto aos tupis e tapuias, ocorre a pergunta: qual a sua origem mais remota? Uns acreditam que vieram pelo Pacífico; outros pelo Atlântico. Alguns outros, baseados nas ossadas humanas encontradas na Lagoa Santa, nos *sambaquis* de Iguape e na Argentina, calculam a existência do homem na América do Sul há milhares de anos. Tais hipóteses convém anotar, mas não tomar como verdades comprovadas. O passado pré-colombiano das Américas continua um mistério.

Desapareceram as raças indígenas do Brasil?

Contando hoje o Brasil menos de meio milhão de índios, numa população de 93 milhões de habitantes, pergunta-se: terá desaparecido a raça *aborígene*, cujos restos se refugiaram nos sertões do Xingu, do Araguaia, de outros afluentes do Amazonas, ou se extingue, rarefeita, em poucas regiões dos Estados Brasileiros?

Responderemos que essa raça não desapareceu. O tipo humano da preponderância das populações do Nordeste, da Amazônia, de grande parte do Sul e do Oeste do Brasil evidencia o cruzamento dos europeus com os indígenas. O índio entrou no sangue da nacionalidade brasileira. Estêve presente nas aventuras das Bandeiras, na guerra contra os holandeses, no espírito de independência da nossa Pátria, na guerra do Paraguai, nos *entreveros* das campanhas gaúchas, nas novas arrancadas da atual marcha para o Oeste. Fala nos cantos dos nossos poetas, na renovação e enriquecimento do idioma português, na *toponímia* brasileira, na inspiração de nossos pintores e compositores musicais. Pelo seu temperamento indomável, herdamos-lhe a virtude de não nos submetemos ao domínio estran-

geiro, nem a ditaduras de qualquer espécie. A alma tupi vibra no corpo da nossa Pátria. É o elemento *aglutinador* de tôdas as raças do mundo, *polarizando*, anônimo e esquecido, as energias vitais dos povos que acorrem ao Brasil e mantendo as características indestrutíveis da personalidade nacional brasileira.

QUESTIONÁRIO

1. Como se deu a conquista de Pindorama pelos tupis?
2. Quais as tribos que vieram antes deles e por que eram mais atrasadas?
3. Onde se estabeleceram os tupis e os tapuias?
4. Qual a principal nação indígena e quais suas tribos?
5. Além da nação tupi existem muitas outras. Quais são algumas?
6. Qual a língua geral dos tupis e que extensões territoriais abrangia?
7. Quais as opiniões dos viajantes dos séculos XVI sobre os índios?
8. Quais os pontos em que todos estão de acôrdo? Como viviam, que faziam, como se governavam os índios?
9. Qual a religião dos selvagens?
10. Que povos habitavam o México, a América Central, o Peru e a Colômbia? Qual o grau de sua civilização?
11. Quais as hipóteses sobre a origem dos habitantes nas Américas e particularmente no Brasil?
12. Os índios brasileiros desapareceram? Quais as diversas influências por eles exercidas sobre a formação do Brasil?

DEBATE: Situação atual dos índios do Brasil.

LEITURA COMPLEMENTAR

Expressões morais e intelectuais dos tupis

Já dissemos que os nossos índios possuíam uma literatura falada constituída de lendas e fábulas narradas em reuniões nas tabas. Muitas são reproduzidas por Barbosa Rodrigues no seu

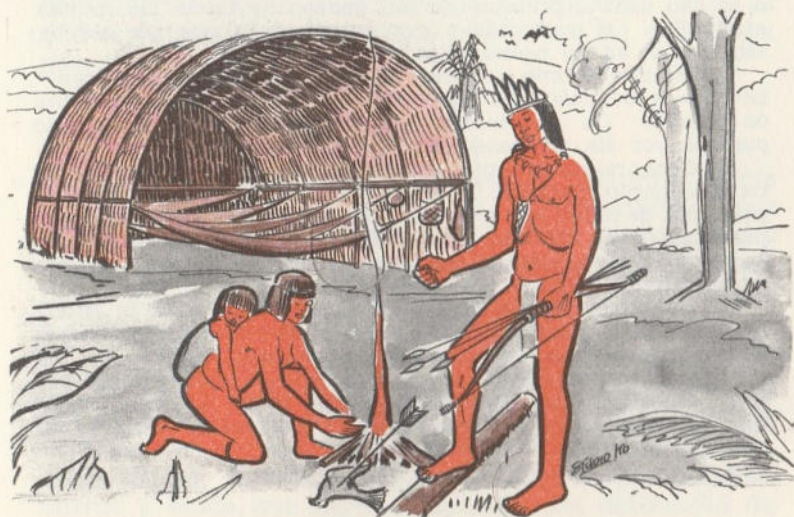
"Poranduba" (bonitezas) e no livro de Couto de Magalhães "O selvagem". Isto revela as faculdades imaginativas dos indígenas.

Eram eles também naturalistas. Observavam os animais e as plantas, assinalavam a característica principal do objeto examinado e, baseados nesta, davam a denominação mais conveniente. Conheciam as virtudes das plantas, seu emprêgo nas indústrias domésticas e sua aplicação na medicina. Geógrafos de espírito vivo, num rio, numa montanha ou num trecho do litoral, buscavam o que mais lhes chamava a atenção e escolhiam o nome que resumisse a descrição do local. A toponímia brasileira, quase tôda tupi, é das mais expressivas do mundo.

Também eram poetas: cantavam feitos heróicos e canções sentimentais como o fazem até hoje nos sertões do Xingu e mais afluentes do Amazonas, dando elementos **temáticos** aos compositores nestes últimos tempos.

Quanto à conceituação moral, diremos que a família, entre os nossos selvagens, era organizada e baseada na monogamia. O jovem para casar, o que ocorria aos 25 anos, deveria, até essa idade, conservar-se casto. O pretendente pedia a jovem aos pais. Se rejeitado, abandonava a taba para não mais voltar e, se os progenitores da moça lhe impunham condições, ficava para eles trabalhando certo tempo, tal fêz Jacó, segundo a Bíblia, servindo Labão por amor de Raquel.

Havia certos deveres: o homem solteiro obrigava-se a desposar a viúva do irmão; o tio tinha para com os sobrinhos órfãos obrigações de pai.



A "taba" era uma espécie de aldeia constituída de "ocas" (moradas). Tôdas as ocas se reuniam para a refeição em comum, depois do banho matinal. Cada qual trazia a sua "cuia", acocorando-se em círculo em volta do chefe, que distribuía os alimentos.

Em relação ao comportamento pessoal, estavam todos sujeitos a normas impositivas, sendo inexoravelmente punidos o infiel no matrimônio, o assassino, o mentiroso, o ladrão, o traidor e o desertor.

Mitologia selvagem

Em muitos pontos, a mitologia dos índios brasileiros é semelhante à dos gregos antigos. Entre os mitos dos nossos selvagens, dois dêles nos levam a esta consideração: a Iára (Primavera) e Rudá (deus do amor). Agora vejamos outras personagens míticas:

O Anhangá é o demônio. Aparece como um veado branco e olhos de fogo. Quem o vê fica sujeito a febres e, não raro, a loucuras.

O Uiara mora no fundo dos grandes rios e toma conta dos peixes. Transforma-se em boto para rondar as jovens índias e levá-las consigo. A seu respeito é rico o folclore amazonense.

O Saci-Pererê, também chamado Martim-Cererê, ou simplesmente Cererê, é um pequeno tapuio, de uma perna só, um olho no meio da testa, um barrete vermelho e um pito na boca, soltando fumaçadas. Gosta de brincar. Quando os europeus trouxeram cavalos ao Brasil, o Saci começou a se divertir trançando as crinas dêsses animais. Altas horas, entra nas casas e se não acha o presente de um pedaço de fumo, faz muitas estripulias. É conhecida a sua aproximação por um assobio semelhante ao do pássaro "sem-fim".

O Boitatá é uma serpente de fogo ("boi-cobra, tatá-fogo"). Levanta-se do chão dos cemitérios ("angatubas") e voa sobre os campos. Os que incendeiam, inutilmente, os matos, são punidos por êle, morrendo queimados.

O Caapora, ou Curupira é uma das mais engenhosas figuras da imaginação indígena. É um sujeito que tem os pés voltados para trás, de modo que seu rastro engana os que o acompanham, perdendo-se na floresta. Às vêzes, o Caapora ou Curupira, surge, de noite, montado numa anta, seguido de uma manada de caitetus e multidões de pirilampos.

Todos êstes indivíduos da mitologia indígena estão subordinados à Lua ("Jaci"). Como Rudá, é protetora do amor, porém mais particularmente inspiradora da saudade. Quando o Sol ("Guaraci", o que nasce no mar) se esconde no horizonte e à noite ("petuna", véu preto) se estende sobre a Terra, "Jaci" ilumina os terreiros das tabas e as jovens sentem saudades do ente amado.

CAPÍTULO XI

OS PRIMEIROS POVOADORES

Falsa noção a respeito dos primeiros povoadores

Muita injustiça se tem feito aos que, vindo de Portugal, povoaram o Brasil. Afirma-se que eram gente da pior espécie, criminosos degredados, oriundos das camadas inferiores da população portuguesa. Para os que examinam os documentos históricos, tal afirmativa não passa de uma lenda.

Caramuru e João Ramalho

Antes de entrarmos na apreciação dos povoadores brancos do Brasil, no século XVI, detenhamo-nos nas duas personalidades que constituíram instrumentos providenciais para a fixação dos colonos europeus em nosso país: Diogo Álvares Corrêa (Caramuru) na Bahia, e João Ramalho, em Piratininga.

Em 1531, Martim Afonso de Sousa foi bem recebido e ajudado na Bahia por um português que ali residia e se tornara chefe dos índios. Era o Caramuru. Divergem os historiadores quanto à origem dêste nome, atribuindo-o uns a certo peixe, assim denominado, outros à lenda que narra o episódio da detonação de

um *arcabuz* por Diogo Álvares, pelo que foi chamado “filho do trovão”. No “Catálogo *Genealógico*”, Ja-boatão informa que Diogo Álvares Corrêa pertencia à principal nobreza de Viana. Era homem que atraía os selvagens pelo seu gênio pacífico e bondoso. Cultivava a terra, fundando uma povoação de 300 casas; recolhia náufragos europeus, integrando-os na iniciativa colonizadora, entre êstes, o fidalgo genovês Paulo Dias Adôrno e Afonso Rodrigues, português natural de Óbidos. Quando Tomé de Sousa chegou à Bahia, Caramuru o recebeu com mais de quarenta portugueses e espanhóis. Casado com Paraguaçu, a *prole* de Caramuru foi grande.

João Ramalho desempenhou em São Vicente o mesmo papel de Caramuru na Bahia: estabelecer boas relações entre portugueses e índios, ajudar o Donatário, depois o Governador Geral e os Jesuítas. No seu testamento declara-se natural de Vouzela, distrito de Vizeu. Da sua chegada a São Vicente, ignora-se como



Caramuru

e quando. Talvez algum naufrágio. Foi homem de confiança das autoridades portuguesas e ocupou cargos de responsabilidade. Casou-se com Bartira, filha do cacique Tibiriçá. Morreu com cem anos.

Povoadores de São Vicente e Piratininga

Era gente da melhor qualidade, a começar por Gonçalo da Costa e Antônio Rodrigues que chegaram juntamente com Ramalho. Casou-se Rodrigues com uma filha do cacique Piquerobi e teve grande descendência.

Frei Gaspar da Madre de Deus, em suas "Memórias", enumera dezenas de nobres e "fidalgos da Casa Real" que se fixaram na Capitania de São Vicente.

Povoadores no norte do país

O mesmo se deu em Pernambuco, na Bahia e outras regiões do norte do Brasil, onde figuram como primeiros povoadores, portugueses, espanhóis, italianos de boa *estirpe* e procedência. Em geral, eram fidalgos arruinados, a tentar fortuna, ou a transferir-se para o Novo Mundo pelo espírito de aventura.

A genealogia das principais famílias de Pernambuco, de Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, é documento que deixa por terra a perversa afirmativa de que o Brasil foi povoado por indivíduos de má categoria.

Nosso orgulho nacional

Devemos orgulhar-nos por ter sido o Brasil povoado por gente de nobre *estirpe*, oriunda de um povo que foi o desbravador dos oceanos e, posteriormente, dos sertões continentais. Será mau brasileiro aquele que, contrariando a verdade que *ressalta* dos documentos históricos, pretender desmerecer nossas origens, deprimindo nosso espírito nacional.

ELUCIDÁRIO

Frei Gaspar da Madre de Deus — Historiador brasileiro, nasceu em Santos em 1715 e faleceu em 1800. Escreveu: "Memórias para a história da capitania de São Vicente" e "Notícia dos anos em que se descobriu o Brasil e das entradas das religiões e suas fundações".

Jaboatão (Frei Antônio de Santa Maria) 1695-1764) — Escritor brasileiro, nasceu em Pernambuco. Entre suas obras, distingue-se o "Nôvo Orbe Seráfico Brasileiro".

QUESTIONÁRIO

1. É justa a afirmativa de que o Brasil foi povoado somente por criminosos e degregados? Por quê?
2. Quem era Caramuru e o que fez?
3. Quem era João Ramalho e que fez?
4. Que diz Frei Gaspar da Madre de Deus em suas "Memórias"?
5. Que disse Jaboatão sobre as famílias pernambucanas?
6. Por que devemos orgulhar-nos da nossa procedência lusitana?

DEBATE: Influência da família portuguesa na estrutura da família brasileira.

CAPÍTULO XII

O BRASIL DIVIDIDO EM CAPITANIAS

Feudalismo

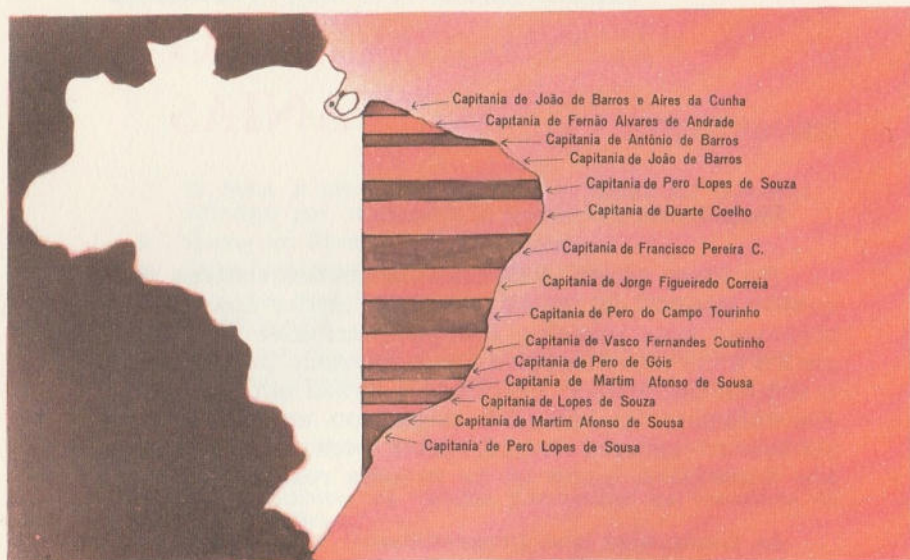
Na Idade Média, o feudalismo era um sistema pelo qual o senhor do feudo concedia terras aos que se tornavam seus vassallos, comprometendo-se os beneficiados a certas obrigações entre as quais predominava o serviço das armas. Dividindo o Brasil em Capitanias Hereditárias, D. João III implantou em nosso país verdadeiro sistema feudal, pelos poderes outorgados aos donatários, quase os da própria realza.

As Capitanias que progrediram

Duas foram as Capitanias que progrediram: São Vicente (Martim Afonso de Sousa) e Pernambuco (Duarte Coelho). Martim Afonso de Sousa, deixando a sua em início de prosperidade, regressou a Lisboa, onde recebeu ordem do Rei para assumir o comando de uma esquadra e partir para as Índias, ali se ilustando, quer como guerreiro, quer como governador. Deixou em seu lugar o Padre Gonçalo Monteiro, vigário de São Vicente.

Muito se afligiu o padre com a guerra que lhe moveram os castelhanos localizados em Iguape, sob a chefia de Rui Mosquera, inicialmente aliado ao famoso

bacharel de Cananéia, cujo nome parece ser Duarte Pereira. Chamado êste aos brios de português, recolheu-se a São Vicente, porém Mosquera, não só resistiu, derrotando uma expedição vicentina contra êle enviada, mas contra-atacou apoderando-se da vila e saqueando-a. Organizou-se segunda expedição, comandada por Pero Góis e Luís Pinto, contra o audacioso castelhano. Os de Iguape foram desbaratados.



Capitanias e respectivos donatários

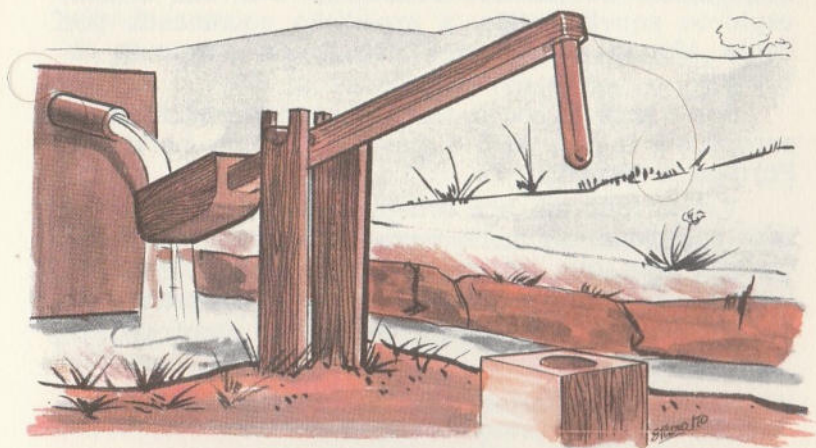
Não bastando tais *vicissitudes*, a Vila de São Vicente foi arrasada por tremenda ressaca e tromba d'água, cujas enxurradas, tudo destruindo, entulharam a entrada do pôrto. Diante de tal calamidade, Braz Cubas, escudeiro de Martim Afonso de Sousa, empenheu a mudança do povoado para outro local, dando à nova Vila o nome de Todos os Santos, abreviado depois para Santos. Com êle se transferiu o Padre Gonçalo Monteiro.

Rápido foi o progresso de Santos. Fundou-se ali um hospital de Misericórdia, construíram-se casas, montou-se um engenho de cana, instalou-se o primeiro monjolo, máquina primitiva que Braz Cubas vira na Ásia e que veio a espalhar-se por todo o nosso país.

No planalto, sob os *auspícios* de Tibiriçá e João Ramalho, crescia a Vila de Santo André da Borda do Campo. Ao longo da praia, fundavam-se as aldeias de Itanhaém e Peruíbe. Já em 1547, a Capitania de São Vicente contava seis engenhos, mais de seiscentos colonos, escravaria africana, colaboração dos índios. Produzia, além do açúcar, trigo, arroz, frutas de procedência européia e asiática.

Passemos agora a Pernambuco, ou Nova Lusitânia.

Duarte Coelho foi o donatário que acreditou na obra que iria realizar e no seu futuro. Veio com a família, trouxe colonos, ferramentas, instrumentos para construção e agricultura e mais artigos necessários à definitiva permanência. Vinha para ficar; depositava confiança no Brasil. Aliavam-se, a favor dessa disposição, vários fatores: a amenidade do clima, as condi-



Monjolo

ções do solo e a proximidade da Europa. Não havia mais do que pôr mãos à obra, visto como, a facilitá-la, existia já, desde 1526, a feitoria fundada por Cristovam Jacques e um núcleo de pequena colônia que, em 1532, Pero Lopes deixara confiada a Paulo Nunes.

Outro elemento de êxito para a Capitania foi a contribuição dos índios, cuja simpatia o donatário soube conquistar. Os prestimosos silvícolas traziam a sua ajuda, chefiados pelos caciques Itabira, Itagibe e Uirá-Obi (Arcoverde).

Pelo que vimos na Capitania de São Vicente e agora vemos na de Pernambuco, as boas relações com as tribos locais constituíram o fundamento da prosperidade. Onde isso não se deu, tudo andou desastrosamente.

Apesar de uma guerra na Serra de Ibiapaba e de alguns assaltos de indígenas inimigos dos que colaboravam com os portugueses, a Capitania prosperou extraordinariamente: a indústria progredia, todos trabalhavam com ardor em olarias, carpintarias, construções, *fainas* agrícolas. Além de tais realizações, foi Duarte Coelho quem, pela primeira vez, teve noção da importância do rio São Francisco. Por sua ordem, explorou aquela região, a expedição comandada por Paulo Afonso, cujo nome ficou ligado à grande cachoeira.

Sob o aspecto social, fêz celebrar casamentos entre europeus e índias, para o que mandava vir noivos de Portugal e Espanha.

Vendo tudo em boa ordem, viajou Duarte Coelho para a Europa, a fim de recrutar técnicos, artífices e capitais com que estimulasse o desenvolvimento da Colônia. Faleceu em Lisboa em 1554 e deixou aos filhos a tarefa de continuar a sua obra.

Sucessos medíocres e fracassos totais

Falemos agora das demais Capitanias. Algumas alcançaram reduzidos êxitos, outras redundaram em completos desastres.

De tôdas, a que apresentava melhores *prognósticos* era a de Francisco Pereira Coutinho (Bahia). Ali já existia, como sabemos, uma povoação de portugueses, espanhóis e índios, chefiados pelo Caramuru. Coutinho elevou a povoação existente à categoria de Vila, nela estabelecendo a capital da Capitania. Tudo corria às mil maravilhas: engenhos, construções, plantações, novos imigrantes, explorações no litoral. Mas... ao cabo de algum tempo, os colonos se *desmandaram* na prática de abusos que irritaram os selvagens, sem que Coutinho usasse a sua autoridade. Deram-se os primeiros conflitos.

Os ânimos se exaltam, a conspiração fermenta, estala a rebelião dos naturais. A ação medianeira de Caramuru nada consegue; os guerreiros da selva cercam a vila.

O donatário foge para Pôrto Seguro, depois abriga-se em Ilhéus, onde fica um ano. Afinal, as *diligências* pacificadoras de Caramuru alcançam relativo êxito. Animado, Coutinho volta à Bahia. Seu navio, batido por tempestade, *soçobra* próximo à ilha de Itaparica. Os selvagens, ali, ignoram as pazes *pactuadas*. Todos os naufragos, inclusive Coutinho, sucumbem esmagados pelos tacapes.

Caramuru regressou à sua vila, pacificou os tupinambás e, mais tarde, prestou relevantes serviços ao primeiro Governador Geral.

Outros desastres

Vejamos o que se passou nas outras Capitánias.

Pero Lopes de Sousa — Suas áreas foram por êle abandonadas. Partiu para as Índias e, no regresso, pereceu junto à ilha de Madagáscar, onde o navio naufragou.

Pero do Campo Tourinho — A Capitania de Pôrto Seguro foi arrasada pelos Aimorés.

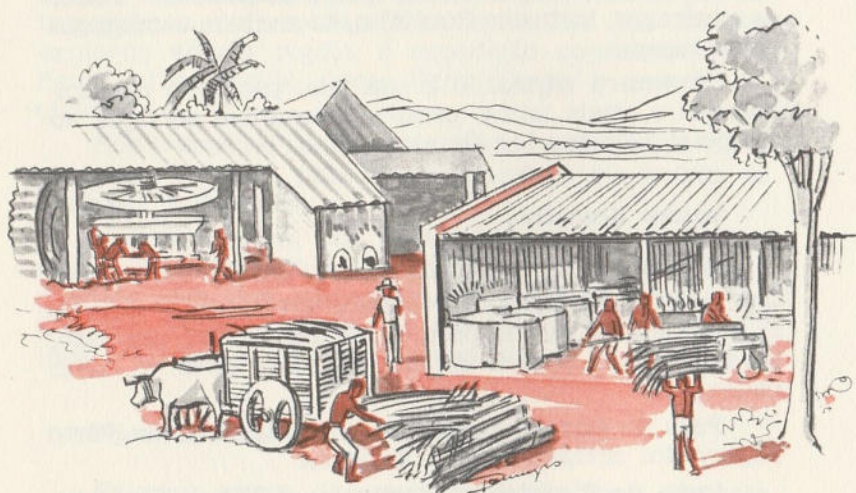
Jorge de Figueiredo Corrêa — (Ilhéus) Não veio ao Brasil. Seu lugar-tenente, Francisco Romero, trouxe muitos colonos e fundou a vila de Ilhéus, sob a invo-

cação de São Jorge. As divergências entre os colonos e Romero e os ataques dos Aimorés liquidaram a Capitania.

Vasco Fernandes Coutinho — Sua Capitania (Espírito Santo) começou sob bons *augúrios*. O donatário, homem de grandes posses, trouxe consigo muitos colonos, entre os quais alguns de *estirpe* fidalga. Fundou uma povoação sob a invocação do Espírito Santo. Um de seus colonos, Duarte Lemos, também fundou uma vila, sob o nome de Nossa Senhora da Vitória, para onde se transferiu o governo da Capitania. Iniciaram-se lavouras.

No entanto, quando tudo corria a contento, começaram os desmandos dos fidalgos e do próprio donatário. A Capitania entrou em decadência. O infeliz Vasco Fernandes Coutinho, que saíra rico de Portugal, terminou seus dias pedindo esmolas.

Pero de Góis (São Tomé) — A Capitania não pôde prosperar. Os ataques constantes dos goitacases impediram qualquer trabalho. O donatário abandonou a empresa e regressou a Portugal.



Engenho de cana

Capitanias do Norte e Nordeste

As Capitanias que couberam a João de Barros, Aires da Cunha, Antônio Cardoso de Barros e Fernando Álvares de Andrade, localizadas desde o Rio Grande do Norte até o Pará, abrangendo o Ceará, o Piauí e o Maranhão, constituíram completo malôgro. A tentativa, digna de nota, no sentido de colonizar aquelas partes do Brasil, foi a expedição de Aires da Cunha. A frota foi colhida por violenta tempestade em que pereceu o comandante. Os navios salvos ancoraram junto à grande ilha, que mais tarde denominou-se São Luís (Maranhão). Ali ficaram os náufragos, acolhidos amigavelmente pelos selvagens.

Saldo favorável às Capitanias

As capitanias, por morte ou cessão dos donatários, foram passando a legítimos sucessores. Até aos meados do século XVI, havia um saldo favorável ao esforço dos donatários, computados os sucessos e insucessos. Prosperavam São Vicente e Pernambuco; estava iniciado o povoamento no Espírito Santo, Pôrto Seguro, Ilhéus e Bahia. Lançaram-se as bases da agricultura, incrementara-se a pesca, o sertão ia descerrando o véu de seu mistério. Outras vilas iam sendo fundadas, com organização administrativa e judiciária. O Brasil, como uma criança, começava a balbuciar

ELUCIDÁRIO

Braz Cubas — Fidalgo português. Inicialmente recebeu carta de sesmaria de terras. Fundou a cidade de Santos. Mais tarde, foi nomeado capitão da Capitania de São Vicente, como representante de Martim Afonso de Sousa, que se encontrava na Ásia. Morreu com perto de cem anos e seus restos mortais se acham na Igreja Matriz de Santos.

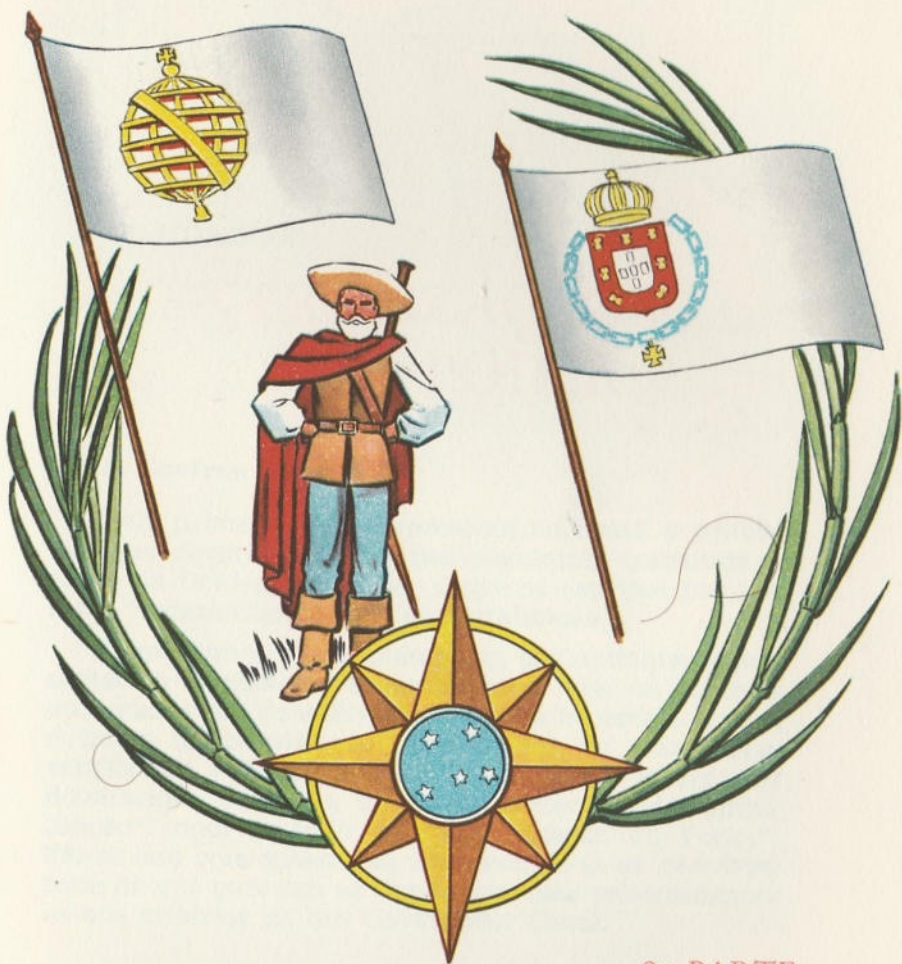
Tibiriçá — Chefe guaianás, um dos fundadores de São Paulo. Sua taba estava localizada no atual Largo de São Bento.

Feitoria — Povoação destinada ao comércio de trocas, podendo abranger terras obtidas por concessão.

QUESTIONÁRIO

1. Quantas Capitanias foram criadas no Brasil por D. João III?
2. Quais eram alguns donatários e quais as extensões de seus domínios?
3. Que Capitanias progrediram?
4. Que foi feito em São Vicente e em Pernambuco?
5. Que aconteceu na Bahia?
6. Que sucessos ocorreram em Pôrto Seguro, Ilhéus, Espírito Santo e São Tomé?
7. Como terminou seus dias Vasco Fernandes Coutinho?
8. Qual o destino de Pero Lopes de Sousa?
9. Do Rio Grande do Norte ao Pará foi feita alguma coisa?
10. Quais as vantagens trazidas pelas Capitanias?

DEBATE: Quais são as diferenças básicas entre as capitanias e os atuais Estados?



3.ª PARTE

Estrutura política e expansão territorial

CAPÍTULO XIII

CENTRALIZAÇÃO DO PODER

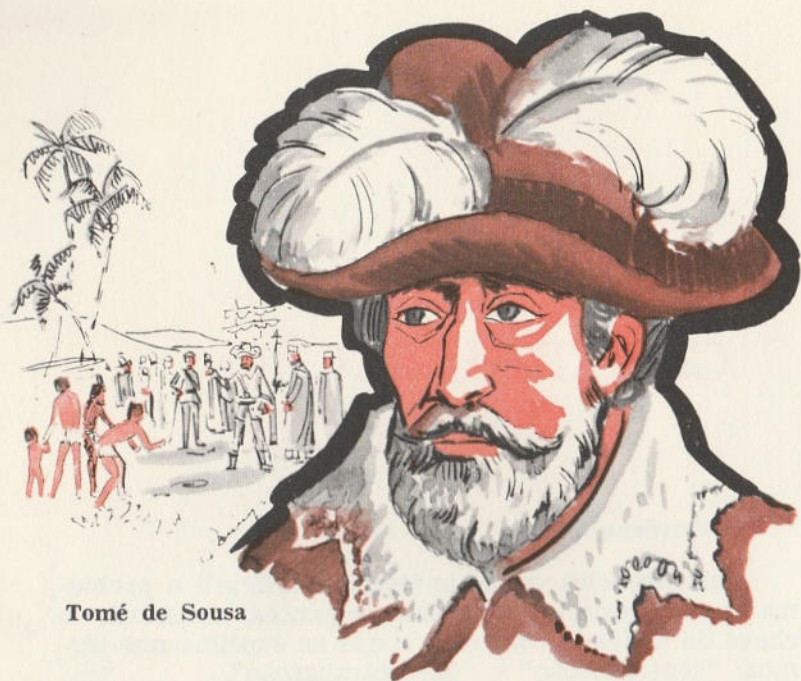
O Govêrno Geral

Pela primeira vez se apresenta no Brasil o problema que deveria, nos séculos seguintes, constituir a chave da Unidade Nacional, o que se exprime nos termos: “centralização” e “descentralização”.

Como vimos na lição anterior, as Capitanias representavam verdadeiro sistema feudal tais os poderes outorgados aos donatários. Era uma necessidade para o início da colonização. Em menos de vinte anos, verificou-se o inconveniente do excessivo poder dos donatários. Cumpria, diante de tamanha “descentralização”, opor o freio da “centralização do Poder”. Fêz-se isso com sabedoria, conservando-se as *prerrogativas* de que gozavam as Capitanias, mas subordinando-as aos critérios de um Governador Geral.

Tomé de Sousa

Em 17 de novembro de 1548, foi entregue a Tomé de Sousa, escolhido para o govêrno geral do Brasil, um Regimento *redigido* pelo Conde de Castanheira, que demonstrou muito conhecer o assunto a êle confiado pelo Rei.

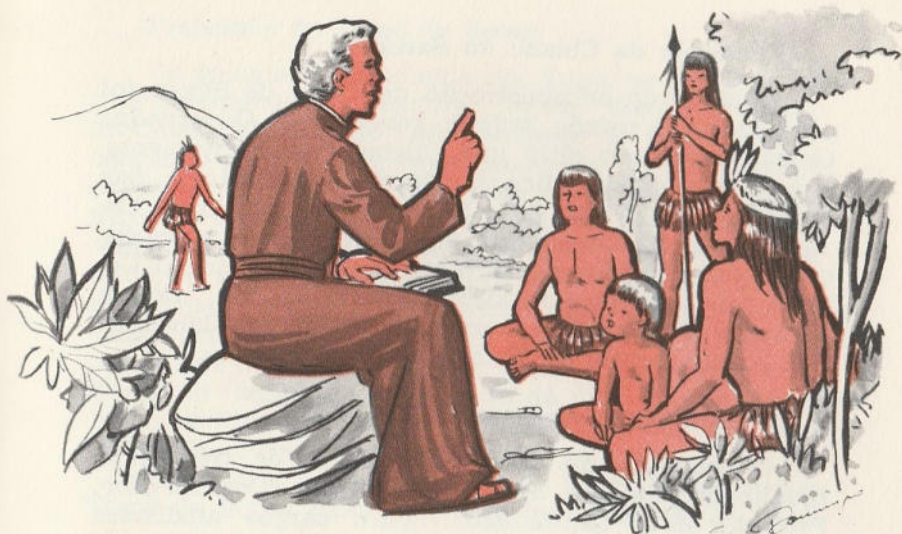


Tomé de Sousa

Tomé de Sousa tinha *grangeado* fama em serviços prestados na África e na Ásia. De suas virtudes dava testemunho o Conde de Castanheira quando, catorze anos antes, em carta que lhe mandara, dizia que “cada vez lhe ia achando mais qualidades boas, tendo, sôbre tôdas, a de ser *sisudo*”. Partiu Sousa de Lisboa em 2 de fevereiro de 1549, chegando à Bahia em 29 de março do mesmo ano.

A mensagem cristã

Uma das preocupações de D. João III era a catequese dos selvagens. Até então não havia trabalho *sistemático* visando a tal objetivo. Agora se apresentava excelente oportunidade. Em 1534, Inácio de Loyola fundara a Companhia de Jesus e os *inacianos* se mostravam dispostos a anunciar o Evangelho a todos os



Catequização

povos do mundo. Aproveitando-se dessa disposição, o Rei de Portugal enviou ao Brasil, com Tomé de Sousa, seis jesuítas, chefiados por Manuel da Nóbrega, os quais eram os padres Leonardo Nunes, João Aspilcueta Navarro, Antônio Pires e dois irmãos leigos. As obras dos filhos de Santo Inácio serão objeto de uma lição especial.

Carta de El-Rei ao Caramuru

Antes de partir para o Brasil a armada de Tomé de Sousa, D. João III mandou, por um navio que para aqui vinha, uma carta a Caramuru em termos afetuosos, pedindo-lhe que ajudasse Tomé de Sousa, *encarecendo* a construção de uma cidade “de assento grande”. Pedia, por estar informado “da muita prática e experiência” do Caramuru “dessas terras e gentes e costumes delas”. Atendendo ao apêlo, Caramuru apresentou-se a Tomé de Sousa com quarenta colonos estabelecidos na Bahia. No enderêço da carta a Diogo Álvares Corrêa, é êste designado pelo Rei como “cavaleiro da minha casa”.

Fundação da Cidade do Salvador

O início da administração de Tomé de Sousa foi a fundação da cidade, sede do governo. O Governador Geral designou o sítio que julgou mais conveniente, cuja posição geográfica facilitaria a assistência das Capitânicas do Norte e do Sul. Com o auxílio de Caramuru, dos jesuítas e dos índios, traçou ruas e praças, construiu os *paços* do Governo e do Conselho, o Colégio dos Jesuítas e residências para colonos. Deu-se à capital do Brasil o nome de Cidade do Salvador, atualmente capital do Estado da Bahia.

Organização governamental

O mandato do Governador seria de três anos. Igualmente os dos altos funcionários: Ouvidor-Mor, Provedor-Mor, Capitão-Mor. Para cargos auxiliares (escrivães, tesoureiros, almoxarifes, mestres de obras) foram designados dez funcionários. Havia ainda 320 pessoas exercendo funções menores e percebendo ordenados. *Regimentos* específicos regulavam as atribuições de todos.

Instruções

Entre as instruções, cumpre-nos pôr em relêvo a que recomenda bom tratamento aos índios e aliança com os tupiniquins, acrescentando serem réus de pena de morte os colonos que escravizassem os gentios. Essa atitude do Rei adveio certamente da posição tomada pela Igreja na *Bula* de Paulo III, de 1537, condenando a afirmativa de que os índios não eram homens e sim animais. As outras instruções fixam a área da capital em seis léguas quadradas; regulam o modo de se dar sesmarias para engenhos de açúcar, obrigando-se os proprietários a moer canas dos lavradores vizinhos e a fortificar seus engenhos; proíbem o luxo nos vestuários; mandam que se realizem feiras periódicas; recomendam a exploração do rio São Francisco; dão poderes ao Governador para armar cavaleiros aos que prestarem bons serviços, prover ofícios de justiça, conceder donativos e adiantar ordenados.

Trabalhos de Tomé de Sousa

Os trabalhos executados por Tomé de Sousa podemos resumi-los no seguinte: rápido desenvolvimento da Cidade do Salvador; policiamento do litoral; moralização dos costumes; apaziguamento dos indígenas; prestígio dado aos jesuitas para a obra da catequese; inspeção pessoal das Capitanias do Sul; provimento das vilas visitadas, de muros, artilharia e outras armas; estudo e relatório ao Rei sobre o Rio de Janeiro e sugestão para ali se fundar uma cidade; construção de uma fortaleza para defender São Vicente e Santos; criação da vila de Itanhaém; visita a Santo André da Borda do Campo e confirmação da vila; expedições ao longo do Rio São Francisco (Jorge Dias) e do Rio Doce (Sebastião Fernandes Tourinho).

Terminado o seu mandato, D. João III conservou Tomé de Sousa pelo tempo de mais um ano e meio.



Santo Inácio de Loyola

Inácio de Loyola — Fundador da Companhia de Jesus. Nasceu em 1491 e morreu em 1556. Foi oficial do exército espanhol e estava entre os defensores de Pamplona, atacada pelos franceses, quando recebeu grave ferida, sendo transportado para o castelo de seu pai. Durante a convalescença, dedicou-se a leituras religiosas, deliberando entregar-se ao serviço de Deus. Em 1534, em Paris, numa capela da igreja de N. S. de Montmartre, fundou, com seis companheiros, a Companhia de Jesus, sob o lema "ad maiorem Dei Gloriam" (para maior glória de Deus).

Manuel da Nóbrega — Célebre jesuíta, cujo nome está ligado à fundação das cidades brasileiras de Salvador, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Nasceu em Portugal em 1517 e morreu no Rio de Janeiro em 1570. Sua vida foi cheia de aventuras, desventuras e consoladores triunfos para a causa da evangelização no Brasil.

Sesmaria — Doação de terras, ficando o beneficiado na obrigação de pagar à coroa a sexta parte da produção, chamada "sêsma". Para o efeito da colonização e desenvolvimento da agricultura, as sesmarias desempenharam importante papel no Brasil.

QUESTIONÁRIO

1. Por que foi criado o Governo Geral no Brasil?
2. Quem foi Tomé de Sousa e o que fez?
3. Quantos e quais os jesuitas que vieram com o primeiro Governador Geral?
4. Quem determinou a fundação da Cidade do Salvador? Em que documento? Quem a construiu?
5. Quem escreveu a Caramuru?
6. Em que dia saiu de Lisboa e em que data Tomé de Sousa chegou à Bahia?
7. Qual a organização do Governo Geral do Brasil?
8. Entre as instruções do Rei a Tomé de Sousa, quais as mais importantes?
9. Quais foram os trabalhos de Tomé de Sousa e quantos anos ficou no nosso país?

DEBATE: Que tipo de governo favoreceu mais ao Brasil — governo centralizado ou governo descentralizado?

CAPÍTULO XIV

SEGUNDO GOVERNADOR GERAL

Duarte da Costa

A 13 de julho de 1553, chegou à Bahia o segundo Governador Geral, Duarte da Costa. Se *proficua* e feliz foi a administração de Tomé de Sousa, desafortunada foi a de seu sucessor.

A primeira virtude dos governantes é a de se fazerem insensíveis a intrigas e Duarte da Costa não era nem discreto, nem prudente. A paz social, que Tomé de Sousa deixara assegurada, cessou de existir, desde os primeiros dias do triênio do novo Governador. Temperamento desconfiado, *timbrou*, de início, em dispensar a colaboração dos auxiliares de maior categoria nomeados pelo Rei; e como acontece a todo aquele que se vangloria de não ouvir ninguém, acabando por acatar bajuladores e os que menos autoridade têm para informar ou emitir pareceres, assim Duarte da Costa se viu *enredado* numa teia de murmurações a provocarem desavenças.

Moralização dos costumes

Sabia o Rei que a desmoralização dos costumes e as arbitrariedades praticadas pelos colonos, no tempo

das Capitânicas, constituíram o motivo do fracasso destas e, para corrigir tais desmandos, instituiu o Governo Geral. Houve-se Tomé de Sousa com estrita observância de quanto lhe competia. Satisfeito com a paz geral e a ordem em que Sousa pusera o Brasil, D. João III resolveu reforçar o instrumento que valeria ao segundo Governador, consolidando a situação feliz herdada do seu antecessor. Para isso, fez embarcar, na frota de Duarte da Costa, mais sete jesuítas: os padres Luís da Grã que fôra reitor do Colégio de Coimbra, Braz Lourenço, Ambrósio Pires, os irmãos Gonçalves, Antonio Blasques Gregório Serrão e o Jovem Canarino José de Anchieta, predestinado a ser o *taumaturgo* do Brasil.



Duarte da Costa

Conflito com o Bispo

O primeiro Bispo da Bahia foi D. Pero Fernandes Sardinha, elevado à dignidade episcopal em 25 de fevereiro de 1551. Era homem ilustre, tendo lecionado

em Paris, Salamanca e Coimbra. Chegou à Bahia em 23 de junho de 1552. Governando Tomé de Sousa, este lhe facultou todas as facilidades para a construção do Paço e da Sé.

D. Pero Fernandes Sardinha teve sempre em mira combater a dissolução dos costumes. O prelado era de caráter enérgico, intransigente em matéria de fé e de moral. Sua notória altivez iria chocar-se com o autoritarismo do novo Governador. E foi o que se deu.

O Bispo já cansado de, particularmente, advertir D. Álvaro da Costa, filho do Governador, sobre a vida *dissoluta* que levava, acabou perdendo a paciência e publicamente censurou o môço.

D. Álvaro dava mau exemplo aos colonos e irritava os índios que comparavam a vida virtuosa que levavam com a devassidão dos brancos. Não mais queria atender às ponderações dos padres e dava expansão ao seu caráter violento.

Furioso com a admoestação pública do Bispo, D. Álvaro da Costa arregimentou os seus partidários contra o prelado. A luta estava aberta, a colônia dividida; até no clero havia contrários ao Bispo. O Governador e o filho, depois de uma tentativa de reconciliação com D. Pero, na qual este não levaria a melhor, nada mais fizeram. Os índios, molestados, vendo o enfraquecimento dos portugueses, que se dividiam, atacaram repentinamente a cidade. Com espírito de ódio e vingança, D. Álvaro assumiu o comando da tropa que dava combate aos *insurretos*, excedendo-se em crueldade a ponto de arrasar quatro aldeias de nativos. Essa vitória covarde deixou a semente do ressentimento, o germe de novas rebeliões, que impediram qualquer obra administrativa de Duarte da Costa.

O Bispo é trucidado pelos caetés

A altura de tais acontecimentos, o Bispo foi chamado a Lisboa por D. João III, para onde partiu em navio que levava mais de cem pessoas, entre as quais homens de prestígio, como Antônio Cardoso de Barros. O navio naufragou na foz do Cururipe (Alagoas). Os

passageiros e a tripulação conseguiram alcançar a praia. A pior das surpresas os esperava ali: caíram nas mãos dos ferozes caetés. Foram todos, inclusive mulheres e crianças, abatidos a tacape. Grande foi a consternação na Bahia pelo trágico fim do primeiro Bispo do Brasil.



Villegaignon

Franceses no Rio de Janeiro

Como se não bastassem tais insucessos, Duarte da Costa teve de enfrentar o problema da invasão dos franceses no Rio de Janeiro. Até então, limitavam-se os gauleses a pequenas incursões de barcos mercantes no Brasil. Agora, sabendo-se na França da fraqueza do novo governador, prepara-se uma expedição armada, que entra na Guanabara no dia 10 de novembro de 1555. Comanda-a Nicolau Durand Villegaignon, Cavaleiro da Ordem de Malta.

Villegaignon iludiu o almirante Coligny, dizendo-lhe que fundaria uma colônia francesa na América,

onde se pudessem refugiar os protestantes perseguidos em França, como também ao próprio Rei, para o qual prometia uma colônia francesa no Brasil. Com tais manobras, obteve navios, artilharia, munições, gente e dinheiro.

Chegando ao Rio de Janeiro, Villegaignon instalou-se na ilha que hoje tem o seu nome, em nossos dias ligada ao continente, funcionando ali a Escola Naval. Isolou todos os que com êle iam, impedindo comunicações com a terra firme. Construiu fortificações, *cintando* a ilha de muralhas. Mas... nada de ir ao continente promover colonização.

As condições da ilha eram de miserabilidade. Os índios, que em começo traziam mantimentos e lenha aos invasores, acabaram por desanimar e não mais apareceram. Entre os comandados do almirante lavraram divergências.

Começava Villegaignon a exercer feroz autoridade. Em 1557, pediu recursos militares à França e colonos a Calvino (Genebra). Chegaram êstes e escassa ajuda militar comandada por Bois-le-Comte. Os recém-vindos mostraram-se surpresos diante da situação real da ilha. Avolumaram-se as queixas. A agravá-las, sobrevieram questões teológicas. Multiplicam-se as deserções. Os fugitivos seguem pelas praias, muitos alcançando a Capitania de São Vicente, na região entre o Paraíba e a Serra do Mar, onde se encontram até hoje caboclos brasileiros com sobrenomes franceses.

Revidando a dispersão de seus comandados, Villegaignon revela-se cruel tirano, decreta penas de morte, castiga, espanca, ameaça e braveja. Detestado pelos *calvinistas*, odiado pelos católicos, a sua incapacidade constituiu a sorte de Duarte da Costa. Os franceses foram derrotados por êles próprios e Villegaignon regressou inglòriamente à França.

Crédito e Débito

Balanço do governo de Duarte da Costa:

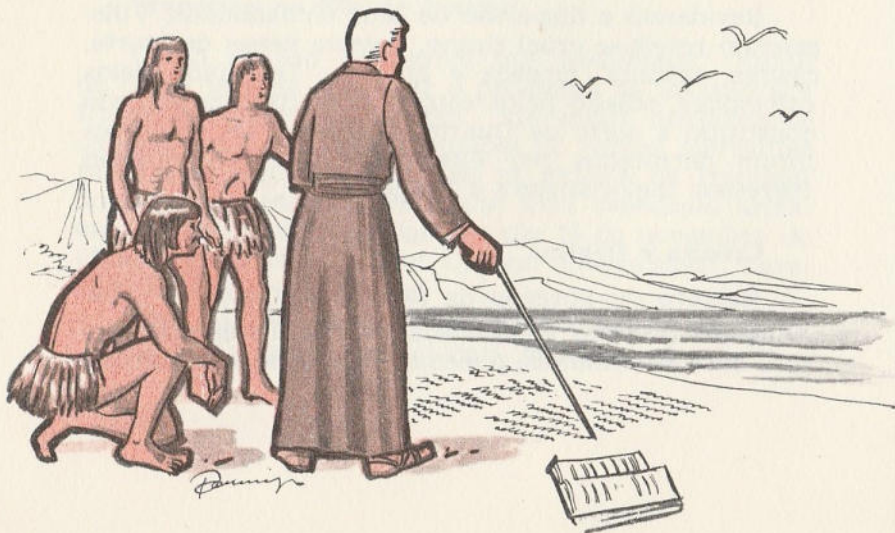
Saldo positivo — Fundação de São Paulo que, embora obra dos jesuítas, podemos incluir no seu governo.

Saldo negativo — Administração perturbada; *insurreição* de índios em quase todo o país; franceses no Rio de Janeiro; conflito com o Bispo e massacre dêste pelos selvagens; período de *inoperância*, em contraste com o dinamismo de Tomé de Sousa; desordem moral generalizada.

Em 1557 o Brasil se encontra no momento em que precisa de um nôvo Tomé de Sousa, que será representado pela alta personalidade do terceiro Governador Geral: Mem de Sá.

ELUCIDARIO

Anchieta — Um dos primeiros missionários do Brasil. Nasceu na ilha de Tenerife, Canárias, em 1533, e morreu em Reritiba (Espírito Santo) em 1597. Aos 14 anos, iniciou curso na Universidade de Coimbra e aos 18 anos entrou para a Companhia de Jesus. Em 1553, vem para o Brasil, onde começa a obra da catequese. Para isso, aprende a língua dos indígenas, falando-a correntemente e dela escrevendo uma gramática. Sua atuação principal foi na Capitania de São Vicente, onde fundou o Colégio e, com Nóbrega, a cidade de São Paulo. Escrevia pequenas peças teatrais, em tupi e português, que fazia representar, com grande contentamento de brancos e índios. Tomou parte na guerra contra os tamoios, arregimentando os guaianases sob o comando de Tibiriçá. Trabalhou para ajustar a paz com aqueles selvagens, ficando como refém, em Ubatuba, enquanto



Nóbrega iria negociar as condições com os portugueses de Piratininga. Durante o cativeiro, Anchieta escreveu, com um bastão, na praia, o Poema da Virgem, que decorou e depois passou para o papel, em latim. Sem descanso, Anchieta procurava todas as tribos, catequizando-as. Achou tempo para produzir volumosa obra literária, tanto histórica como de ciências naturais, pelo que Saint-Hilaire o considera um dos homens mais notáveis do seu século. Tendo sido nomeado para o cargo de Provincial da Companhia de Jesus, quando se achou velho e cansado, pediu dispensa, recolheu-se a Reritiba (Espírito Santo), onde morreu. Os índios levaram seu corpo em procissão a Vitória, num percurso de 15 léguas.

Coligny — Almirante francês. Foi assassinado no massacre da famosa noite de S. Bartolomeu, em 24 de agosto de 1572.

Calvino — Um dos fundadores da reforma protestante (1509-1564).

QUESTIONÁRIO

1. Em que data chegou à Bahia Duarte da Costa?
2. Qual o caráter e o temperamento do novo Governador Geral?
3. Quais os jesuítas que D. João III mandou em sua companhia?
4. Como e por que se rebaixaram os costumes na Bahia?
5. Quem era D. Pero Fernandes Sardinha, e quando chegou à Bahia?
6. Por que se deu o conflito entre o Bispo e o Governador?
7. Qual o trágico fim do primeiro Bispo do Brasil?
8. Em que ano Villegaignon entrou na Guanabara?
9. Por que os franceses foram derrotados e que fez Duarte da Costa contra eles?
10. Quais os insucessos e o único sucesso do Governo de Duarte da Costa?

DEBATE: A necessidade de impedir que os franceses conquistassem o Rio de Janeiro fez com que os brasileiros dessem mais valor à baía de Guanabara.

CAPÍTULO XV

FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO

Os jesuítas no Brasil

Em 1554, a Companhia de Jesus já exercia as suas atividades em quatro Capitanias. Eram 26 religiosos: 18 em São Vicente, 4 na Bahia, 2 em Pôrto Seguro e 2 no Espírito Santo.

O Padre Manuel da Nóbrega, no litoral vicentino, tinha os olhos postos no Planalto, que se desdobrava além da serra marítima, e onde tudo fazia supor grande êxito na obra da catequese. Em 1553, pelas gargantas das montanhas, os jesuítas subiram demandando os campos de Piratininga. Resolvera Nóbrega — Provincial da Companhia — fazer dos campos que se desdobravam às margens do Tietê (também chamado Anhembi ou rio das Anhumas) e de seus afluentes, o Tamanduateí e o Anhangabaú, o quartel general dos apóstolos de Cristo.

Entre os religiosos que deveriam fixar-se em Piratininga, achava-se o jovem José de Anchieta, que viera de Portugal com o Padre Luís da Grã.

Povoações no Planalto

A vila de Santo André da Borda do Campo prosperava, principalmente depois de sua confirmação por

Martim Afonso de Sousa. Era governada por João Ramalho. Além dela, havia os povoados de Piratininga, Maniçoba e Gerebatiba.

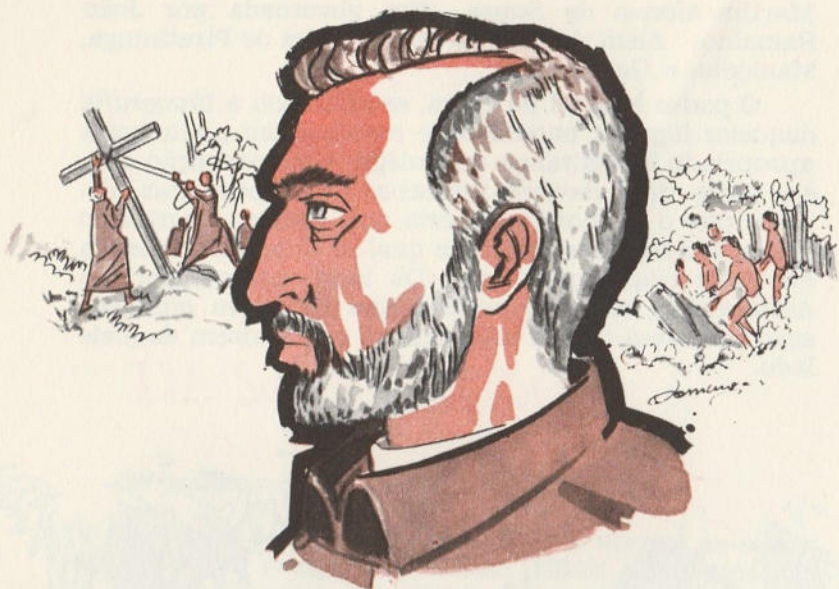
O padre Manuel de Paiva, examinando a *topografia* daqueles lugares, entendeu de escolher um ponto mais apropriado à segurança do Colégio e da povoação que, em torno dêle, deveria formar-se. Das pesquisas, deduziu que o melhor local seria uma colina, a *cavaleiro* do rio Tamanduateí, além da qual se estendia a baixada que hoje chamamos Braz. Do lado oposto, corria o Anhangabaú, numa depressão que facilitava qualquer ação de defesa contra arremetidas que viessem daquele lado.



Fundação de São Paulo

O Colégio e a futura cidade

No lugar hoje denominado Pátio do Colégio (entre a rua 15 de Novembro e o Parque D. Pedro II) os jesuítas assentaram a sua casa principal. Construção



Pe. Manuel da Nóbrega

modestíssima, de paredes de pau, e entrançamentos de varas amarradas com cipó e revestidas de barro, media 14 passos de comprimento e 10 de largura. Ali funcionariam, ao mesmo tempo, a escola, a enfermaria, o refeitório, a cozinha e a despensa, conforme diz Anchieta em suas "Cartas".

Tratou-se de erigir a capela, que era de taipa. Em torno dela, casas cobertas de palha.

A 25 de janeiro de 1554, inaugurou-se o Colégio e o povoado, que recebeu o nome de São Paulo, por ser naquele dia celebrada a conversão do Apóstolo dos Gentios. A solenidade é emocionante, vendo-se a presença dos indígenas e seus chefes, adornados com seus cocares e trazendo seus arcos e flechas, como reproduziu o quadro do pintor paulista Benedito Calixto. Celebra-se a missa solene. Está nascendo a cidade de onde partiriam os Bandeirantes para a conquista dos sertões.

Rivalidade entre Santo André da Borda do Campo e São Paulo

Estavam convencidos os padres da Companhia de que todos os habitantes do Planalto deveriam concentrar-se em São Paulo. Não tardou que Tibiriçá e Caiubi atendessem às ponderações dos padres. Entretanto, João Ramalho *recalcitrava*. Os jesuítas impunham novo estilo de vida, que não se *coadunava* com os costumes de portugueses e mamelucos de Santo André da Borda do Campo. Fortíssima foi a luta entre a Esparta dos mamelucos e a Atenas dos jesuítas. Mas Atenas venceu quando, pouco mais tarde, Mem de Sá reconciliou as duas partes, vindo Ramalho, com sua gente, para a nova cidade. Trouxe o pelourinho, símbolo da autoridade, que foi colocado no terreiro em frente ao Colégio dos padres. Se lutas houve entre o velho patriarca e os jesuítas, tudo ficou sanado: em 1562 João Ramalho assumiu o cargo de capitão-mor de São Paulo de Piratininga, ao qual foi elevado em eleição pelos "homens bons" do Planalto.

Rebelião de Jaguanharo

Tão grandes triunfos haviam de despertar, certamente, as forças do mal. Elas falaram ao coração de Jaguanharo, irmão, pelo sangue, de Tibiriçá, mas não pela mesma fé. E Jaguanharo conclamou os indígenas contra os padres de Jesus. Profunda dor feriu Tibiriçá: ver os guaianases divididos, irmãos contra irmãos, e ele próprio forçado a empunhar as armas fazendo troar a *inúbia* contra Jaguanharo

Sofreu essa amargura e outra maior: os padres desconfiavam da sua lealdade. Nunca lhe disseram nada, mas o velho cacique percebia, porque os padres sabiam que o destino do Colégio e da Cristandade estava agora nas mãos de Tibiriçá. Bastaria a este cruzar os braços e dizer: não combaterei contra meu irmão, e todo o esforço dos portadores do Evangelho cairia por terra.

Tibiriçá pôs na cabeça o seu cocar de penas coloridas e ergueu para o alto o braço nobre em sinal de juramento. Em redor da vila de São Paulo, milhares de índios gritavam apertando o cerco. Os de Tibiriçá eram em menor número, mas o chefe confiava em Deus, porque a sua causa era a das mulheres e crianças, que choravam e rezavam na igreja do Colégio.

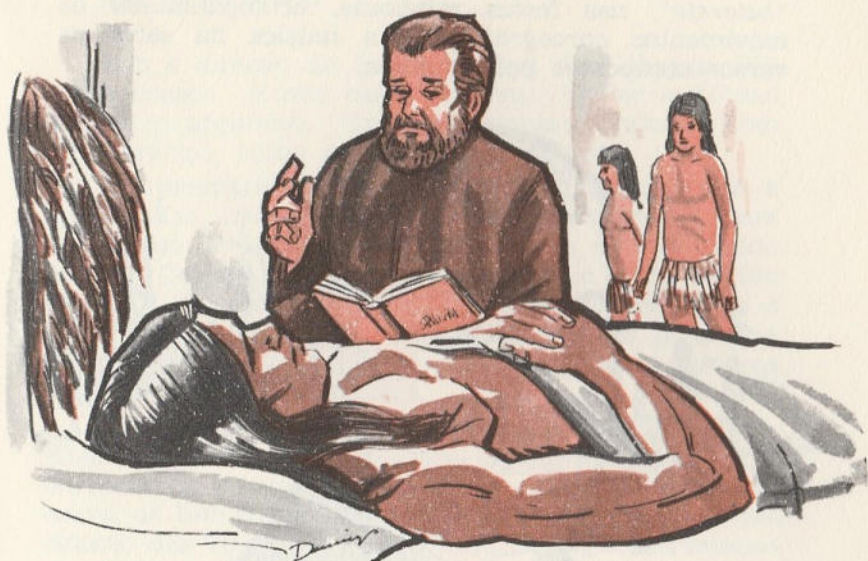
Quando os invasores se aproximaram da cerca e a chuva de setas crivou as paredes das casas, Tibiriçá mandou tocar as *pocemas* e avançou à frente dos seus homens. Bateram-se, de parte a parte, como leões e, na batalha, o chefe guaianás viu tombar o bravo mas cruel Jaguanharo, varado por uma flecha. Foi a debandada. E quando, ao cair da tarde, o clamor da vitória subiu aos ares com o troar das *inúbias* e o repique do sino, Tibiriçá podia dizer: "Fui leal; minha palavra é de rei".

Morte de Tibiriçá

O golpe moral abatera o coração do chefe guaianás. Dezembro chegou. O herói da fundação de São Paulo sente aproximar-se a morte. Pede que lhe chamem o Padre Fernão Luís, que fala correntemente a língua tupi; quer dizer as últimas palavras no idioma de seus avós e entrar no céu falando como rei do seu povo.

Simão de Vasconcelos, na sua "Crônica da Companhia de Jesus", reproduz as últimas palavras de Tibiriçá: "Conheço que a minha vida acaba; sinto somente faltar aos padres nesta ocasião em que a queria pôr por eles e pela fé em Cristo; mas já que o Senhor é servido traçar a coisa de outra maneira, estou mui conforme e lhe dou graças e a Vossa Reverência peço que ajude a minha alma..."

O sino do Colégio chamava os fiéis para a missa do Natal. Celebrava-se o nascimento de Jesus; e Tibiriçá nascia para o céu.

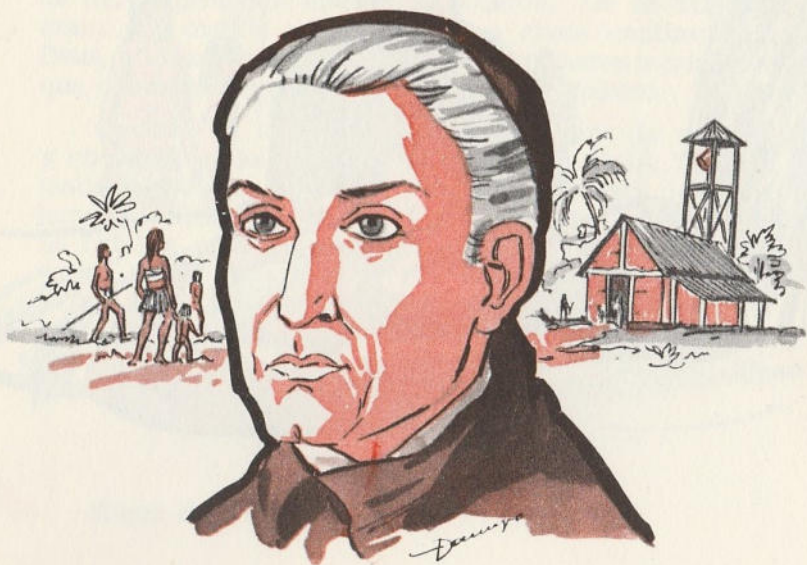


Morte de Tibiriçá

Apostolização de Anchieta

Se é verdade que São Paulo foi fundada por determinação de Nóbrega e a execução dos trabalhos coube a Manuel de Paiva, não se pode negar que o gênio inspirador, que soprou vida à cidade nascente, foi Anchieta. Trabalhava infatigavelmente, ensinando, aprendendo a língua tupi. Era missionário genial. Em vez de destruir os costumes indígenas, aproveitava-se deles tornando-os um instrumento de cristianização. Compreendeu, desde logo, que a dança dos selvagens representava uma forma de expressão dos sentimentos, uma linguagem de ritmos plásticos, que tanto pode ser posta ao serviço dos maus, como dos bons pensamentos. Compunha, em tupi, versos de caráter religioso, para as músicas e danças nativas. Alguns anos mais tarde, Fernão Cardim veria, em Piratininga, dançar o

“cateretê”, nas festas religiosas, acompanhando os movimentos *coreográficos* e a música da selva os versos compostos por Anchieta.



Pe. Anchieta

A hora do “Angelus”, quando a voz do sino ecoava pelo Planalto, os índios saudavam Nossa Senhora cantando:

Ó Virgem Maria
Tupan ci etê
Aba pê ara póra
Oicó endê iabê...

o que significava: “Ó Virgem Maria, mãe do Deus verdadeiro, os homens dêste mundo sentem-se contentes convosco...”

Os índios não resistiam ao jovem apóstolo, que os compreendia e lhes trazia coisas novas e tão lindas.

São Paulo cresce

Sob a direção do Padre Manuel da Nóbrega, São Paulo cresce. Novas casas surgem. O Padre Afonso Braz é o arquiteto. Traça as plantas, trabalha com os operários, como pedreiro e carpinteiro.

No primeiro dia do ano de 1556, inaugura-se a igreja. Em 1561, constrói-se um recolhimento para estudantes de letras. As moradias vão se estendendo desde o Colégio à taba de Tibiriçá (hoje largo de São Bento) e derramam-se pelas encostas que dão para o Anhangabaú. Estendem-se lavouras com os primeiros bois, *jericos* e cavalos, instrumentos agrícolas e carros *minhotos* de rodas maciças.

Multiplicam-se os casamentos entre *reinóis* e *guaianases*. Nos berços de taquara, pendurados aos tetos, dormem os pequenos mamelucos. Serão, dentro em breve, os homens sadios e fortes, que recuarão o meridiano das Tordesilhas, dando ao Brasil o seu imenso território.

ELUCIDÁRIO

Esparta — Cidade grega da antiguidade. Seus habitantes se dedicavam à cultura física.

Atenas — Principal cidade da Grécia antiga. Era notável pela sua cultura intelectual.

Fernão Cardim — (1540-1625) — Jesuíta. Missionário no Brasil (1582-1599). Escreveu uma narrativa de viagens pelas Capitanias do Brasil, que só em 1847 foi publicada pelos esforços de Varnhagen (Visconde de Pôrto Seguro). Sob o título de "Tratados da terra e da gente do Brasil", produziu obra notável. Seu livro "Do Clima e Terra do Brasil" foi publicado com magníficas introduções de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia.

QUESTIONÁRIO

1. Quantos religiosos tinha a Companhia de Jesus no Brasil, em 1554 e como estavam distribuídos?
2. Quais os povoados no Planalto de Piratininga, em 1554?
3. Qual foi o local escolhido para a fundação de São Paulo?
4. Por quê?
5. Que aconteceu em 25 de janeiro de 1554?
6. Houve luta entre Santo André da Borda do Campo e São Paulo? Como terminou?
7. Que cargo ocupou João Ramalho em São Paulo?
8. Como se deu a rebelião de Jaguanharo?
9. Qual foi o desfêcho dessa guerra?
10. Qual a ação de Tibiriçá?
11. Como morreu o chefe guaianás?
12. Que fez Anchieta em Piratininga?
13. Como se aproveitou do seu conhecimento da língua tupi e dos costumes dos selvagens?

DEBATE: Anchieta, apóstolo do Brasil.

CAPÍTULO XVI

MEM DE SÁ

Regedor dos desgovernos do Brasil

A situação do Brasil era de desordem e de ausência de autoridade, quando a rainha viúva, D. Catarina, nomeou (1556) o terceiro Governador Geral, Mem de Sá.

Pertencente a família ilustre, irmão do grande poeta e escritor Sá de Miranda, êle mesmo versado nas letras e nas leis, ocupando o cargo de desembargador, era o homem indicado, pela sua honradez, bom senso e capacidade política, para corrigir os males advindos pela infeliz gestão de Duarte da Costa.

Só chegou à Bahia um ano depois.

O quadro que se oferecia ao seu govêrno era o pior possível: serviços públicos desorganizados, costumes pervertidos, desrespeito à autoridade, índios rebelados. Cumpria-lhe agir com energia e prudência. Mas, por onde começar?

Reorganização e pacificação

Mem de Sá partiu dos alicerces da sua obra: a reorganização dos órgãos da administração e regeneração dos costumes. Recomposta a ordem governamental e, pelo menos, melhoradas as condições morais dos colonos, tinha o terceiro Governador a base de que

partisse para os quatro objetivos: pacificação dos indígenas, impulso à catequese, expulsão dos franceses e realização de obras materiais e de colonização.

Com senso lógico, tratou logo de consolidar as boas relações entre portugueses e brasilíndios. Punha-se uma pergunta: como tratar os selvagens? A resposta sensata era: captá-los pela bondade, pelo estímulo para que viessem cooperar no esforço civilizador e, em relação às tribos indomáveis, impor o respeito pela violência.

Contra colonos viciados e indígenas rebeldes

A espada da justiça deveria submeter tanto os selvagens insubmissos como os colonos portugueses. *Coibiu* quaisquer lutas entre êstes e aquêles. Contra os índios ferozes do Espírito Santo e de Ilhéus, *mandou* expedições que os submeteram. Ao mesmo tempo, recompensava os selvagens acessíveis, até designando-os para cargos públicos e mostrando-lhes que poderiam exercer autoridade na nova ordem que se instaurava no Brasil.



Obras na cidade do Salvador

Restaurada a ordem, Mem de Sá realizou trabalhos materiais de grande valia: concluiu o engenho de Pirajá; terminou a construção da Sé, da Casa de Misericórdia; executou melhoramentos na capital do Brasil; construiu a Capela do Colégio dos Jesuítas. O problema agora era o da expulsão dos franceses do Rio de Janeiro. Corria o ano de 1559.

Remanescentes de Villegaignon

Ao regressar à Europa, Villegaignon deixara na sua ilha o sobrinho, Bois-le-Comte, dispondo de um contingente militar, armas e munições. Com tais recursos, trataram os franceses de atrair os selvagens. Ensinaram aos índios a manejar espingardas e logo se fizeram estes excelentes atiradores.

Mem de Sá havia pedido reforços a Lisboa para atacar os intrusos. Em novembro de 1559, chegou à Bahia a armada sob o comando de Bartolomeu Vas-





Mem de Sá

concelos da Cunha. Tratou Mem de Sá de organizar suas forças. Muito o ajudou o segundo Bispo, D. Pedro Leitão, no sentido de *arregimentar* o gentio para a empresa. O Padre Nóbrega seguiu para São Vicente, a fim de preparar um exército indígena favorável aos portugueses.

Mem de Sá partiu para o Sul, com duas naus e outros barcos menores. Na barra do Rio de Janeiro, esperou os de São Vicente, que chegaram num *bergantim* e uma frota de canoas de guerra. Assim, Mem de Sá entrou com aparato de força, mandando um "ultimatum" aos franceses para que se rendessem. Responderam êstes com altivez e soberba.

As forças da ilha, cintada de muralhas, era constituída pelos soldados franceses e mais de mil índios. O combate durou dois dias e duas noites, iniciado com os tiros de artilharia das naus e de terra. Os gauleses estavam já sem pólvora e sem água e tiveram de capitular. Foram feitos 116 prisioneiros.

Mem de Sá cometeu o grave êrro de arrasar a fortaleza inimiga e não deixar no Rio de Janeiro qualquer dispositivo de defesa, partindo para São Vicente.

Na Capitania de São Vicente

O ato de maior importância do Governador em plagas vicentinas foi o de aprovar e confirmar a mudança da vila de Santo André da Borda do Campo para São Paulo.

Uma idéia sempre andou em mente na Metrópole: descobrir ouro. Mandou Mem de Sá a Braz Cubas (fundador de Santos) acompanhado do mineiro Luís Martins, fôsse por terra a dentro fazer pesquisas. Andaram os dois mais de mil quilômetros sem proveito e, ao regressar, depararam, com surpresa, que ali pertinho da vila de São Paulo, na montanha chamada Jaraguá, encontravam-se veios do precioso metal, cujas amostras foram enviadas a Lisboa, juntamente com turmalinas. Era o *prelúdio* do grande ciclo do ouro e das pedras preciosas, que se desenvolveria nos séculos XVII e XVIII.

Problemas no regresso à Bahia

No Espírito Santo, encontrou Mem de Sá o pobre Vasco Fernandes Coutinho doente e em estado de miserabilidade, o qual renunciou a Capitania em favor da Coroa. O Governador nomeou Belchior de Azeredo para aí governar. Às Capitanias de Pôrto Seguro e Ilhéus, deu Mem de Sá assistência. Já na Bahia, Mem de Sá organizou várias "entradas" para explorar o sertão, entre as quais se destaca a de Antônio Dias Adôrno, que seguiu pelo rio Caravelas. Doou sesmarias no Recôncavo e favoreceu ainda mais as missões jesuíticas.

Botocudos

O mais grave dos problemas foi o da defesa da Capitania de Pôrto Seguro, que estava ameaçada de completa destruição pelas *hordas* terríveis dos Aimó-

rés, também chamados Botocudos. Mandou o Governador contra os bárbaros uma expedição chefiada por Braz Fragoso, ouvidor Geral. A ordem e a segurança foram restabelecidas em Pôrto Seguro.

Confederação dos tamoios

Rechaçados do Rio de Janeiro pela derrota infligida aos franceses, os tamoios *arregimentaram* tôdas as tabas da sua raça para uma guerra de extermínio aos portugueses e aos guaianases da Capitania de São Vicente. Os franceses, que haviam escapado após a capitulação da sua fortaleza, *insuflavam* os selvagens contra os lusitanos. A grande personalidade de chefe era Cunhambebe. Alto, corpulento, com um batoque vertical no beijo inferior, trazia um colar de dentes de inimigos mortos por êle, vangloriando-se de os ter comido. Era intrépido nos ataques, cruel nas vinganças. Mesmo entre os tamoios era temido e sua fama corria pelas selvas como a de um herói lendário.

Tudo está disposto para uma investida fulminante contra a Capitania de São Vicente, que fôra salva, num primeiro ataque, pela bravura de Tibiriçá.

Os jesuítas

Foi nessa ocasião que Nóbrega e Anchieta resolveram ir, corajosamente, conversar com os selvagens *insurretos*. O quartel-general dêles estava em Iperoig (Ubatuba). Foram bem recebidos. O padre Nóbrega celebrou uma missa e repetiu o santo sacrifício vários dias. Finalmente, os dois jesuítas propuseram a paz com os habitantes de São Vicente. Iam as coisas a bom têrmo, quando chegaram do Rio de Janeiro vários chefes de tribos, entre os quais Aimbire, o que mais ódio votava aos portugueses. Parecia perdida a causa dos jesuítas, quando o venerado chefe Pindobuçu tomou a palavra e falou prudentemente. Os *recalcitrantes* foram dominados pela maioria do conselho das tribos. Para firmar definitivamente a paz, os selvagens exigiram reféns. Ficou Anchieta. Foi bom; seu comporta-

mento caridoso, sua castidade, suas palavras agradáveis em língua tupi, suas horas de contemplação e silêncio diante do mar, levaram os silvícolas a dizer “êle não é, por certo, um homem simplesmente como nós; é pessoa do céu”.



Nóbrega e Anchieta pacificando os índios

Aplacada a tempestade

Concluídas as pazes pelo Padre Nóbrega em São Vicente, Anchieta regressou a Piratininga. A adesão de chefes índios prestigiosos, sobretudo a do terrível Cunhambebe, temido em tôda a extensão do litoral, de

Cabo Frio a Cananéia, conferiu aos portugueses situação extremamente favorável.

Veremos, na lição seguinte, novos sucessos no Governo de Mem de Sá.

ELUCIDARIO

Sá de Miranda — Clássico da língua portuguesa. Influenciado pelos mestres italianos, introduziu em nosso idioma, novas formas poéticas: o decassilabo (verso de dez sílabas), o soneto (poesia de catorze versos), o terceto (composição de três em três versos) as quais exerceram grande influência nas gerações posteriores, sobretudo em Camões. (1485-1558).

Brasilíndios — Um dos nomes pelo qual são designados os índios brasileiros.

Ultimatum — Mensagem impondo condições para a terminação da guerra, ou ameaçando, se em paz, a declaração de hostilidades.

Refém — Pessoa deixada em poder de adversário, em garantia do cumprimento de exigência feita por este.

QUESTIONÁRIO

1. Em que data foi Mem de Sá nomeado terceiro Governador do Brasil e por quem? Quando chegou à Bahia?
2. Que fez inicialmente?
3. Quais as obras que realizou na Cidade do Salvador?
4. Como ressurgiu no Rio de Janeiro uma nova ação dos franceses?
5. Como foi debelada?
6. Que fez Mem de Sá na Capitania de São Vicente?
7. Como dominou as ameaças dos Botocudos em Pôrto Seguro?
8. O que foi a Confederação dos tamoios?
9. Que fizeram Nóbrega e Anchieta para dissuadir os tamoios de atacar São Vicente?

DEBATE: Os missionários e a cultura brasileira.

CAPÍTULO XVII

AINDA MEM DE SÁ FUNDAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Idéia fixa de Mem de Sá

Desde que viera do Sul para Salvador, uma idéia trabalhava a mente do Governador Geral: fundar uma cidade, junto à formosa Baía do Rio de Janeiro. Representou à Côrte nesse sentido.

Deliberação da Metrópole

Atendendo às instâncias de Mem de Sá, o govêrno português enviou uma frota, sob o comando de Estácio de Sá, sobrinho do Governador, para colonizar o Rio de Janeiro.

Chegando à Bahia, foi logo por Mem de Sá despachada para o Sul, dando-se-lhe auxílio e mandando com ela Braz Fragoso, a fim de obter a contribuição das Capitâneas do Espírito Santo e de São Vicente, à empresa que a Estácio era confiada.

Adesão de importância foi a do chefe Ararigbóia, com todos os seus índios. O jovem comandante, ani-

mado pelas perspectivas de êxito, tentou entrar na baía do Rio de Janeiro, tendo a sorte de se apoderar de uma nau francesa logo à linha da barra. Mas não pôde prosseguir ante os furiosos ataques dos indígenas impedindo o desembarque. Velejou, pois, para São Vicente, em busca de reforços.

Predestinação de São Paulo

Integrar a nacionalidade — É impressionante observar o destino da Capitania de São Vicente e dos futuros paulistas no sentido da integração nacional brasileira. O desempenho dessa missão iria desenvolver-se nos séculos seguintes, como se verá nas lições a esta posteriores. “Pela segunda vez” — diz Pôrto Seguro (Varnhagen) “a Capitania de São Vicente se prestou, talvez mais do que permitiam suas fôrças, para o bem de todos, para que o Brasil não fôsse dilacerado”.

Foi ampla e completa a mobilização das fôrças vicentinas. Brancos e índios, solteiros e casados, jovens e velhos, tudo se levantou. Prepararam-se as canoas capazes de transportar guerreiros, arrecadaram-se mantimentos para a manutenção da tropa, deixando o estritamente necessário à subsistência de mulheres e crianças e aos homens incumbidos da defesa da vila.

Inicia-se a luta

Em 1.º de março de 1565, Estácio de Sá desembarcou junto do Pão de Açúcar, na Urca (morro Cara de Cão). Mandou cortar madeira e ajuntar pedras para erguer uma cêrca. Também construiu casas de pau a pique e uma igreja, dando àquilo o nome de Cidade de São Sebastião, em homenagem ao menino-rei de Portugal.

O local escolhido era por demais apertado; tinha a vantagem de dominar a entrada da barra, pondo ao alcance de sua artilharia os navios que fôsem ou que viessem.

Num gesto heróico, Estácio de Sá mandou de volta os navios, como a significar que dali não mais sairia sem a derrota dos franceses e total domínio da terra.

Corre o ano todo, chega 1566, mantendo-se os adversários, cada qual na sua toca, mais cuidando de se defender do que de atacar.

Anchieta parte para a Bahia, onde ia receber ordens sacras e leva a incumbência de pedir reforços ao Governador. Coincide a chegada do jovem jesuíta com a de Cristovam de Barros, trazendo reforços da Europa. O Bispo D. Pedro Leitão apela para os colonos e os padres para os índios, formando-se um bom *contingente* de homens e armas. Em novembro de 1566, sai da Bahia o próprio Governador comandando essas forças. No dia 13 de janeiro de 1567, entrou no Rio



Fundação do Rio de Janeiro

de Janeiro. Ali encontrou outros reforços que vinham do Sul. No dia 19 fêz-se conselho, decidindo-se desencadear um ataque geral ao inimigo no dia seguinte, que era o de São Sebastião.

Posições dos combatentes

As posições dos franceses e seus aliados ficavam, uma delas, no lugar denominado Uruçu-Mirim, junto à foz do ribeiro "Carioca", a outra na grande ilha chamada pelos índios "Paranapecu", ou também "Maracajás" (gatos bravos), pois ali residiam os índios desse nome, e mais tarde denominada "do Governador", por haver sido parte dela doada a Salvador Corrêa de Sá, governador do Rio de Janeiro.

O primeiro combate foi contra Uruçu-Mirim, que foi tomada de assalto, sendo onze franceses passados à espada. Os que escaparam refugiaram-se em Paranapecu.

A luta agora toma grandes proporções. Reboa a artilharia, silvam as flechas, pipocam *arcabuzes* e *espingardas*, urram os índios. Chega-se ao último *reduto*. É o assalto final.

Nasce o Rio de Janeiro; morre seu fundador

Estácio de Sá não o viu. Uma flecha envenenada feriu-o. O seu destino terminou. A cidade por êle sonhada podia agora crescer.

A vitória foi comemorada com festas. O fundador, no seu leito de morte, escuta as canções dos seus soldados, o batuque dos seus índios. Ao pé da cama, o valente Ararigbóia, que o apelida carinhosamente "irmão branco", está triste como a sombra das árvores quando morre o dia. O perfil de um jesuíta destaca-se no claro-escuro do humilde aposento. O Governador Mem de Sá e Salvador Corrêa de Sá, capitão mor da povoação nascente, aproximam-se e ajoelham-se.

Lá fora, o soar da vitória.

Estácio de Sá cerra os olhos e vê a maravilhosa cidade do futuro. Cumprira um destino. A História, desde então, recolhe um nome, para glória da Pátria: São Sebastião do Rio de Janeiro.



Morte de Estácio de Sá

ELUCIDÁRIO

Ararigbóia — Chefe indígena, da tribo dos temiminós, distinguiu-se na luta contra os franceses. Em recompensa, foi-lhe doada uma sesmaria, do lado oriental da baía de Guanabara, onde hoje está Niterói.

Estácio de Sá — Militar português do século XVI e fundador da cidade do Rio de Janeiro, onde repousam seus restos mortais.

Salvador Corrêa de Sá — Como Estácio, sobrinho de Mem de Sá. Foi o primeiro governador da cidade do Rio de Janeiro.

QUESTIONARIO

1. Qual a idéia fixa de Mem de Sá, depois de visitar o Brasil Meridional?
2. Que fez o governo português para atender ao Governador Geral?
3. Qual a rota de Estácio de Sá e quais as suas providências no Rio de Janeiro?
4. Quem era Ararigboia? Que fez?
5. Qual a contribuição da Capitania de São Vicente na defesa do Rio de Janeiro e na fundação da cidade?
6. Em que data Estácio de Sá desembarcou junto ao Pão de Açúcar?
7. Por que escolheu esse lugar?
8. Que reforços vieram de Portugal e quem os trouxe?
9. Em que data Mem de Sá saiu da Bahia em socorro de Estácio e quando chegou ao Rio de Janeiro?
10. Em que data foi desencadeado um ataque geral aos franceses?
11. Quais as posições dos franceses?
12. Como se feriu a batalha e quais os resultados?
13. Como se deu a morte de Estácio de Sá?

DEBATE: Rio de Janeiro contentou-se em ser uma cidade bonita?

CAPITULO XVIII

ÚLTIMOS TEMPOS DE MEM DE SÁ

Consolidação da cidade do Rio de Janeiro

Era evidente que Estácio de Sá não poderia escolher outro local para a fundação da cidade, dadas as condições da guerra contra os franceses e seus aliados. Estratègicamente, a Urca era o lugar preferido. Mas agora, que, tanto no mar como na terra firme, os portugueses se encontravam livres para desenvolver a ação colonizadora, podiam optar por sítio que julgassem mais apropriado. Foi preferido o monte São Januário, depois chamado do Castelo, hoje demolido. Construíram-se os prédios necessários. O Governador Geral nomeou as autoridades para a nova cidade, concedeu sesmarias, mandou vir do Reino novos colonos, mudas para a agricultura, gado para povoar os campos.

Batizado com o nome de Martim Afonso e recebendo as insígnias de comendador da Ordem de Cristo, Ararigóia fundou Niterói.

A nova cidade crescia; tudo andava em ordem; Mem de Sá regressou à Bahia.

Dez anos de serviços e de lutas

O governo de Mem de Sá ultrapassara o triênio, mandato dos Governadores. Sobre este, mais dois. Começa Mem de Sá a pedir substituição. Debalde. A sua forte personalidade parecia não encontrar substituto à altura de tão grandes virtudes. Continuou na Bahia a governar o Brasil. Não foram poucas as questões que teve a solucionar. Com prudência e firmeza ia tudo resolvendo.

Os derradeiros anos de Mem de Sá

As cartas do Governador Geral para Lisboa passaram a ser dolorosas. Estava pobre; o que ganhava não cobria o que gastava na administração e expedições guerreiras. Sua situação financeira no Reino era a pior possível: uma filha fôra mandada sair de um mosteiro de Évora por falta de pagamento. Escreve ao Rei: "Não sei quanto serviço de Deus e de V. Alteza foi deitar uma moça dos estudos na rua, sendo filha de quem o anda servindo no Brasil". Isso em 1560.

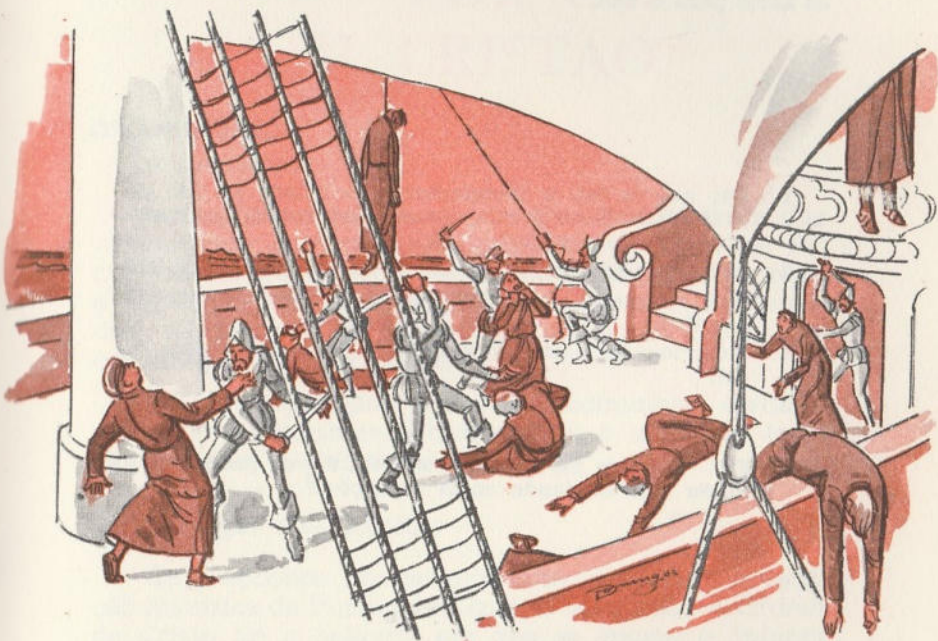
Mas correm os anos. Somente em 1570 consegue Mem de Sá a exoneração. Está velho e cansado, quer morrer na Pátria. Servira catorze anos, pusera ordem entre os colonos, pacificara os indígenas, expulsara os franceses, fundara uma cidade que seria grande no futuro.

Pavoroso morticínio

Foi nomeado para substituir Mem de Sá o nobre fidalgo D. Luís Fernandes de Vasconcelos. Saiu de Lisboa numa frota de sete navios, trazendo 72 jesuítas sob a direção do Padre Inácio Azevedo. Esta armada foi surpreendida pelos corsários franceses, Jacques Soria e Jean Capdeville, *huguenotes*, que deram expansão ao seu ódio religioso e ao despeito pelas derrotas de seus patrícios no Brasil. Mataram o Governador e todos os jesuítas que com ele vinham.

Morte de Nóbrega e de Mem de Sá

A 18 de outubro de 1570, faleceu no Rio de Janeiro o Padre Manuel da Nóbrega. E, em 12 de março de 1572, chegava a vez de Mem de Sá. Tudo estava preparado para regressar a Portugal, onde pretendia usufruir justo descanso e passar seus últimos dias.



Corsários franceses massacrando D. Luís Fernandes de Vasconcelos e os 72 padres jesuítas

Mas a morte o surpreendeu, talvez porque Deus quisesse que seus restos mortais ficassem no país ao qual deu tudo. Foi enterrado no Colégio dos Jesuítas, hoje catedral da Bahia.

ELUCIDÁRIO

Rio de Janeiro — O nome foi dado porque os descobridores da grande baía supuseram, devido à barra estreita que entra no oceano, que se tratasse de um rio; e sendo o descobrimento em 1.º de janeiro de 1512, veio a denominação de Rio de Janeiro.

Morte de Nóbrega — Na véspera de sua morte, saíra o santo apóstolo dos gentios a despedir-se dos amigos. Perguntavam-lhe: "Para onde vai, padre?". Respondia: "Para a casa, para minha pátria". No dia seguinte, fechava os olhos para este mundo e os abria para o Céu.

QUESTIONÁRIO

1. Por que se deu a transferência da cidade do Rio de Janeiro da Urca para o monte São Januário, depois chamado do Castelo?
2. Como se passaram os derradeiros anos de Mem de Sá?
3. Que aconteceu a D. Luís de Vasconcelos e aos 72 jesuítas?
4. Quando ocorreram as mortes de Nóbrega e Mem de Sá?

DEBATE: Mem de Sá administrou sem lucros pessoais. Agiu bem ou mal aceitando essas condições?

CAPÍTULO XIX

POR UM BRASIL CRISTÃO

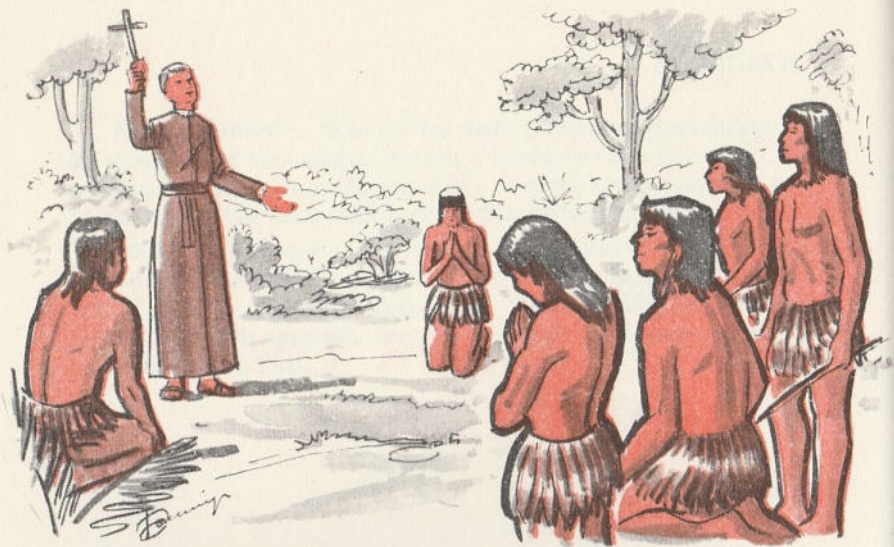
A catequese

Antes de entrarmos na narrativa dos sucessos que assinalaram os governos sucessores de Mem de Sá, cumpre-nos tratar de dois assuntos de importância para a formação da nacionalidade brasileira: a catequese dos selvagens e a escravidão africana. Desta nos ocuparemos na lição seguinte.

A integração dos índios na comunhão lusitana constitui acontecimento básico, sem o qual não teria sido possível a colonização do país.

Portugal e os jesuítas

Os propósitos dos jesuítas coincidiam com a vocação histórica de Portugal: dilatar a fé cristã. A Ordem de Cristo foi o *baluarte* em que se apoiou o Infante Navegador, ao iniciar e prosseguir a obra de formar navegantes para acometer o Oceano. Agora, os jesuítas retomavam o espírito das Cruzadas no sentido da conversão dos gentios, o que unia D. João III a Inácio de Loyola. Para êsse encontro histórico deveria ter contribuído o fato de um jovem português, Simão Rodrigues, ter sido um dos seis companheiros de Loyola no juramento de Montmartre.



O Brasil preferido

Pensou-se, inicialmente, em enviar os jesuítas para a Ásia. Chegou-se mesmo a começar a empresa: em 1541, Francisco Xavier parte para o Extremo Oriente. Mas a obra fascinante, que atraía os *inacianos*, era a catequese dos selvagens da América. Representavam estes matéria bruta em que se poderia trabalhar para a criação de uma nova vida social, isenta dos preconceitos das velhas religiões asiáticas. Tudo indicava que dessas raças espiritualmente virginais, os evangelizadores poderiam fazer o fundamento de uma sociedade cristã. Em 2 de fevereiro de 1549, como já vimos, vieram com o Governador Geral os primeiros filhos de Santo Inácio.

Na Bahia, fundam o Colégio, que principia com sete orfãos vindos de Lisboa para atrair os meninos selvagens. O primeiro problema que se impunha era o de aprender e falar a língua dos indígenas. Tal foi o empenho no estudo desse idioma que, em breve, estavam os jesuítas a dominá-lo. O Padre Aspilcueta Navarro, por exemplo, pregava em língua tupi e com tal desenvoltura que maravilhava os índios.

Dispondo dessa arma os Padres da Companhia entraram pelas tabas tratando com afeto os indígenas particularmente os velhos e enfermos e pondo especial atenção sôbre as crianças.

Nóbrega espalhou os jesuítas pelas Capitanias do Sul. Os selvagens deixavam os costumes bárbaros para adotar uma vida pura, segundo as normas do Evangelho.

A grave questão dos colonos

De tal forma se portavam os colonos, entregues a desregramentos, que se tornavam problema mais grave do que o da conversão dos índios. Seus exemplos perturbavam a obra da catequese. Por isso, Nóbrega dividiu seu *contingente* em dois setores: os incumbidos de moralizar os brancos e os encarregados de catequizar os índios.

Nóbrega não descansa

Dando assistência a Piratininga, São Vicente, Bahia, Pôrto Seguro, Espírito Santo, Pernambuco, com os olhos postos no mapa do Brasil, Nóbrega viaja de um lado para outro, incansável no seu ministério. A obra dos jesuítas foi ampla e de profunda significação.

Breve resumo dos frutos da catequese

Para se ter noção do que fizeram os jesuítas desde 1549, quando vieram para o Brasil, até 1570, fim do governo de Mem de Sá, ou seja no espaço de apenas 20 anos, começaremos dizendo que na Bahia eram dez as missões inacianas. As escolas funcionavam com mais de trezentos meninos índios, sabendo ler e escrever, pois aprendiam com rara facilidade. Nessas missões os indígenas eram governados por chefes da sua própria *grei*, eleitos por eles mesmos, com os títulos de *alcaide* e *meirinho*, do que muito se orgulhavam.

Não se limitaram os padres a estudar a língua tupi, mas aos brancos desejosos de aprender a língua nativa, davam aulas. Falar o tupi era grande vantagem para

os colonos, pois os selvagens julgavam parentes os que com êles discorriam em nheengatu.

Em Piratininga, o Colégio de Anchieta fazia prodígios, criando uma população *bilingüe*. O jovem apóstolo escrevia comédias e versos, em ambas as línguas, promovia representações teatrais e *coreográficas*, de sorte que a catequese se realizava num ambiente alegre e agradável.

No Rio de Janeiro e demais Capitanias, o tipo de apostolização era êsse mesmo, produzindo os melhores resultados.

Em meio a uma vida atribulada, Anchieta achou tempo, nos intervalos das guerras em que intervinha como anjo da paz, e das viagens por mar, pelos rios e florestas, para escrever sua gramática tupi, um livro sobre os feitos da Companhia, um poema em latim, uma história natural, elogiadíssima por Saint'Hilaire.

É preciso acentuar que não só a extensão territorial dificultava a obra dos missionários, mas as guerras entre portugueses e invasores estrangeiros, entre os colonos e tribos rebeladas, entre as próprias tribos entre si, acrescentando-se a inexistência de comunicações e transportes.

Os jesuítas até a perseguição de Pombal

No curso dos séculos XVII e XVIII avolumou-se a obra da Companhia no Brasil. À altura desta lição, encontramos-nos no limiar da nossa História pelo que basta o resumo dos trabalhos dos *inacianos* no espaço de vinte anos.

Em 1759, o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas de Portugal e do Brasil. Não conseguiu expulsá-los dos corações dos brasileiros, por tudo quanto fizeram em duzentos anos da nossa formação nacional.

ELUCIDÁRIO

Catequese — Instrução religiosa. Explicação curta e metódica da Doutrina Cristã.

Francisco Xavier — (São) — 1506-1552 — Famoso apóstolo do Oriente, também chamado do Japão. Depois de prodigioso apostolado, morreu quando tencionava ir à China. Está sepultado em Goa.

Alcaide — Antigo governador de uma província ou de uma comarca; governador de castelo. Até hoje, na Espanha, se dá este nome aos prefeitos municipais.

Meirinho — Atualmente, oficial de justiça. Antigamente, funcionário nomeado pelos reis portugueses para governar uma área territorial.

Saint Hilaire — (Augusto de) Viajante e naturalista francês (1799-1853). Escreveu "Flora do Brasil Meridional", "História e descrição de todas as plantas que crescem nas diferentes províncias do Brasil". Seus livros, narrando as viagens que fez pelo interior do nosso país, são preciosos documentos históricos e sociológicos.

Pombal — Sebastião José de Carvalho, marquês de Pombal — Protegido de D. José I. Realizou grande administração, mas uma política de ódios e cruéis perseguições. (1699-1782).

QUESTIONÁRIO

1. Que significou e que resultados deu a catequese dos índios do Brasil?
2. Qual foi a ação dos jesuítas nesse sentido?
3. Por que os jesuítas preferiram o Brasil à Ásia?
4. Como principiaram os trabalhos da Companhia de Jesus na Bahia?
5. Que atividades desenvolvia Nóbrega?
6. Por que os portugueses foram superiores aos espanhóis e aos anglo-saxões no trato com os indígenas?
7. Por que devemos nos orgulhar dos métodos adotados no Brasil para civilizar os selvagens?
8. Qual o breve resumo do que fizeram os jesuítas no Brasil?
9. Em que ano o marquês de Pombal expulsou a Companhia de Jesus de Portugal e do Brasil?
10. Os brasileiros são gratos aos jesuítas? Por quê?

DEBATE: A educação moral e religiosa tem grande importância na formação de um povo.

CAPÍTULO XX

ESCRavidÃO NEGRA DO BRASIL

Impossibilidade de escravizar índios

Para suprir a deficiência de braços necessários à lavoura, não podiam os colonos contar com os índios. Todas as tentativas para escravizá-los foram infrutíferas; só se sujeitavam ao trabalho livre. Depois, as determinações expressas dos reis de Portugal vieram tornar impossível essa escravização. Haja vista a "Ley sobre a liberdade dos gentios nas terras do Brasil", dada em Évora, em 1570, por D. Sebastião.

Recorre-se à África

Em 1546, o donatário de Pernambuco, Duarte Coelho, pede ao Rei licença para importar africanos. Na Bahia, os primeiros negros chegaram em 1551. No ano seguinte, entravam em São Vicente 27 escravos. Foram depois despachadas outras levas de prêtos para Olinda e Cidade do Salvador. Pela Carta Régia de 30 de março de 1559, cada senhor de engenho ficava com o direito de mandar vir do Congo 120 negros.

Na segunda metade do século XVI, os africanos se tornaram mercadoria lucrativa. Prepararam-se navios especiais para o tráfico, os chamados "tumbeiros", mais tarde denominados "navios negreiros". Os

escravos eram vendidos pelos "sobas" africanos, ou pelas próprias famílias a que pertenciam. Tais elementos servis vinham do Senegal, da Guiné, de Moçambique, sobretudo de Angola.

O número de africanos entrados no Brasil nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, é assunto controvertido. Os cálculos mais recentes são de Calógeras e Simonsen, tendo Maurício Goulart em seu livro "A escravidão no Brasil", demonstrado estar Simonsen mais próximo da verdade (três milhões e trezentos mil, em duzentos anos). Entretanto, segundo as informações do Padre Pero Rodrigues, havia os menos submissos, como os da Guiné, que fugiam e se concentravam nas serras.

A maior vergonha para os europeus (pois não eram somente os portugueses que traficavam com escravos) é, certamente, o "navio negreiro" *exprobrado* pelo poeta Castro Alves. Em 1569, Frei Tomás Mercado descreve o que eram os navios carregados de escravos. Espaço insuficiente, falta de higiene. Cita o padre um navio que saiu de Cabo Verde com quinhentos negros e chegou ao México com uma centena. Dêsse modo também vinham os negros para o Brasil. Escravos na sua terra, sujeitos a um *soba* tirânico, apenas mudavam de dono.

O elemento africano no Brasil

O grande centro exportador de prêtos era Angola. No século XVII, dirá o Padre Vieira: "Sem negros não há Pernambuco e sem Angola não há negros". Parece ter sido essa a razão pela qual os holandeses, como veremos, instalando-se em Pernambuco, tomaram e ocuparam Angola e, pela mesma razão, os brasileiros a reconquistaram.

Durante a segunda metade do século XVI e curso dos seguintes, a torrente negra atravessou o Atlântico e veio despejar-se no Brasil, na América do Norte e na Central. Cêrca de 100 mil por ano era o número dos traficados, indo 70 mil para os Estados Unidos, México e Antilhas e 30 mil para o nosso país.

Escravos índios e negros

Apesar das leis que concediam plena liberdade aos índios, havia, também, no século XVI, escravos índios, embora em número limitado. No inventário dos bens deixados por Mem de Sá, encontramos 21 escravos africanos, que valiam de 20 a 40 mil réis; 90 prêtos já nascidos na terra (creoulos) cada qual valendo 10 mil réis; 25 índios homens e 58 mulheres. Os índios não valiam mais do que 7 mil réis.

Os jesuítas e os africanos

Muitos acusam os jesuítas de tolerarem a escravidão dos negros. Mas eles não podiam se opôr às leis do Reino criando embaraços de que poderia resultar o fracasso da sua própria obra de catequese. Mesmo no cativeiro, poderiam os prêtos ser instruídos



na doutrina cristã, elevando seu nível mental e preparando-os para a liberdade. Como não sabiam falar a língua africana, os jesuítas mandaram os padres Antonio de Matos e Mateus Tavares à África, para aprendê-la e ensinarem aos demais filhos de Santo Inácio.

Influência dos negros na formação brasileira

Não havia unidade de nação nos negros importados da África. Suas raças, na classificação de Antonil, eram Ardas, Minas, Congos, Angolenses, Caboverdeanos, Moçambiques e os oriundos da ilha de São Tomé. Na Bahia foram compreendidos em duas categorias: os “nagôs” e os “bantus”, incompatíveis entre si. Cumpre anotar também os sudaneses, negros maometanos.

Estas tribos traziam para o Brasil suas crendices, seus deuses, que até hoje exercem influência na Bahia



e no Rio de Janeiro: Iemanjá, Ogum, Oxalá, Exu, invocados nas danças e cantos monótonos das macumbas e candomblês.

Mais cristianizados em Minas e Sul do Brasil, os mitos e práticas do *politeísmo* e *animismo* africanos já não subsistem naquelas regiões.

Na culinária da Bahia a influência negra foi grande. A cozinha baiana é síntese da asiática, da africana e da tupi, enquanto na Amazônia e São Paulo predomina a tupi-guarani e em Minas a portuguesa.

Vida doméstica dos negros

Grande foi a influência africana na vida doméstica do Brasil. Pouco a pouco os negros se integraram nas famílias dos senhores. A “mãe preta”, que amamentava as crianças brancas, tornou-se um símbolo de afeição maternal; a “mucama”, moça negra ou mulata, era a confidente das “iaiás”, filhas dos fazendeiros, em cuja intimidade viviam; o “moleque” era o travêso negrinho a quem se confiavam recados e que muitas vezes fazia diabruras com as suas indiscrições.

Viviam os escravos nas “senzalas”, mas freqüentavam a casa grande da fazenda. Tempo chegou em que muitos eram homens de confiança dos senhores, até para negócios. Foram-lhes ensinados ofícios, havendo entre eles bons marceneiros, pedreiros, sapateiros e ferreiros.

Os sábados foram destinados à completa liberdade do escravo, para cuidar da sua própria roça, ou para caçar e pescar.

Nas cidades, organizavam confrarias religiosas, principalmente as de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito (santo prêto). Conseguiram recursos financeiros, com o que chegavam até a construir igrejas, como as de Ouro Prêto. Suas folganças eram as danças de “moçambique” e do “congo”. Desta se originaram as “congadas”, misto de coreografia africana e trechos de versos oriundos de lendas portuguesas. Na “congada” há o partido dos mouros e o dos cristãos, vestidos aqueles de vermelho e estes de azul. Cada parcialidade tem um rei.

O enredo é simples: uma batalha e a tomada do castelo pelos cristãos. A certa altura, um marujo declama o diálogo da "Nau Catrineta".

Nessa vida social, os negros vão se elevando e se civilizando. Se é verdade que houve senhores maus, maltratando bárbaramente os escravos com os instrumentos de tortura como aqueles reproduzidos nas gravuras de Debret, é preciso fazer justiça aos bons.

Cruzamento das três raças

Não tardaram, desde o século XVI, os cruzamentos das três raças. Do europeu e africano, surgiram os mulatos; do europeu e índio, o mameluco; do índio e negro, o cafuso. Esses tipos sub-cruzaram-se. Foi se elaborando, no imenso laboratório do Novo Mundo, a expressão de uma nova humanidade.



Calógeras — (João Pandiá) — Notável engenheiro, estadista e escritor brasileiro. Nasceu no Rio de Janeiro em 1870 e faleceu nos meados do presente século.

Simonsen — Industrial, economista e escritor brasileiro, foi grande estudioso dos nossos problemas nacionais. Faleceu nos meados deste século.

Castro Alves — Um dos maiores poetas do Brasil. (1847-1871). Publicou "Espumas flutuantes", mas o que o tornou famoso em todo o país foi o livro "Os escravos" e, principalmente, duas poesias dispersas "Vozes da África" e "O navio negreiro", largamente recitadas nos salões dos fins do século passado.

Antônio Vieira (Padre) — Um dos maiores clássicos da nossa língua. Foi grande orador e hábil diplomata. (1608-1697).

Nau Catrineta — Cantiga popular das mais interessantes da língua portuguesa.

Debret (João Batista) — Pintor francês (1768-1848). Veio para o Brasil com o grupo de artistas fundadores da Escola de Belas Artes. Sua "Viagem pitoresca e histórica ao Brasil" é preciso documentário.

QUESTIONÁRIO

1. Por que os colonos não podiam mais contar com os índios nos trabalhos da lavoura?
2. Onde e quando chegaram os primeiros negros ao Brasil? Quem solicitou ao rei de Portugal licença para importá-los?
3. Como se chamavam os navios que transportavam os negros e, por quem eram estes vendidos?
4. Qual o número aproximado de escravos entrados no Brasil do século XVI ao século XIX?
5. Como se chamava o poeta que muito se bateu contra a escravidão no Brasil?
6. Quais foram os padres jesuítas que aprenderam a língua africana? Com que fim?
7. A formação brasileira sofreu influência dos negros? Em que se fez sentir essa influência?
8. Como viviam os escravos?
9. Que resultado do cruzamento das três raças?

DEBATE: Você aceitaria um cunhado de côr? (Preconceito racial = rejeitar a pessoa por causa de sua raça sem considerar o valor da pessoa em questão).

CAPÍTULO XXI

O BRASIL DIVIDIDO EM DOIS GOVÊRNOS

Bahia e Rio de Janeiro

Para substituir Mem de Sá, depois da catástrofe em que pereceu D. Luís Fernandes de Vasconcelos, foi designado D. Luís de Brito e Almeida. Começara êste seu govêrno, quando a Metrópole resolveu dividir o Brasil em dois governos: o da Bahia e o do Rio de Janeiro. O primeiro deveria empreender a colonização no norte do país, o segundo consolidar as posições já conquistadas no sul.

D. Luís de Brito foi confirmado como Governador Geral de Ilhéus para cima; para o sul foi nomeado o Dr. Antônio Salema. As competências e atribuições eram as mesmas.

Brasil do Norte

D. Luís de Brito encontrou a Cidade do Salvador desenvolvendo-se promissoramente. Do mesmo modo, a Capitania de Pernambuco. Quanto a Ilhéus, não decaíra, mas vivia mediocrementemente.

O problema da escravização dos índios novamente se punha. Dadas as restrições das leis portuguesas, que permitiam só se escravizassem os selvagens indomá-

veis vencidos em guerras, os escravistas se valeram dêste pretexto, atacando tribos pacíficas, no que foram apoiados pelo *descritério* de Brito. Reacenderam-se nos selvagens novas e maiores animosidades. Administrativamente, o Governador nada fez.

Brasil do Sul

O Dr. Antônio Salema também nada fez de monta. Em todo o caso, conseguiu destruir a feitoria francesa de Cabo Frio, onde os remanescentes da derrota que lhes infligira Mem de Sá, escondiam-se entre os tamboios.

Quanto à Capitania de São Vicente, havia nela o contraste entre as povoações do litoral e as do Planalto. Aquêles prosperavam com suas lavouras e engenhos e se alongavam para o sul, fundando a vila de Paranaguá e prosseguindo até à Lagoa dos Patos; êstes, sendo seus campos impróprios para a agricultura, começaram a pôr os olhos no sertão, para o qual o Tietê apontava como um convite.

Na verdade, sob certos aspectos, a Geografia escreve a História. As condições de vida, oferecidas pelo ambiente geográfico, determinam o comportamento dos habitantes. Ora, em Piratininga, os êxitos da lavoura eram medíocres: o trigo dera escassos resultados; a uva medrou, mas o vinho importado era melhor e mais barato; cultivavam-se as hortas e algumas árvores frutíferas, entre as quais o marmelo, base da indústria doméstica pela qual se sustentavam as famílias na ausência de seus chefes idos para o sertão.

Houve uma seleção natural dos valores humanos do Planalto: os menos animosos mudaram-se para o litoral; os mais robustos, valentes e arroçados meteram-se pelo interior.

Desânimo nas Capitânicas

Durante os quatro anos do Govêrno Geral bi-partido, o que caracterizou a vida das Capitânicas, em todo o Brasil, foi uma espécie de apatia, correndo tudo



Colheita de marmelo

rotineiramente, como que a acompanhar o mesmo estilo governamental do Reino, sob a Regência de D. Catarina e depois do Cardeal D. Henrique, êste, dentro em breve elevado ao trono como o último rei da dinastia. As finanças de Portugal eram péssimas, a administração inoperante e, no Brasil, os dois Governadores iam tocando o barco como podiam...

ELUCIDÁRIO

Cardeal D. Henrique (1512-1580) — Sexto filho do rei D. Manuel I. Depois de D. Catarina, exerceu a regência na menoridade de D. Sebastião, a quem passou o trono em 1568. Morrendo

este na batalha de Alcácer-Kibir, tornou-se rei de Portugal. Faleceu em 1580, tendo sido o último monarca da dinastia de Aviz.

QUESTIONARIO

1. Quem foi nomeado Governador Geral para substituir D. Luís Fernandes de Vasconcelos, massacrado pelos corsários franceses?
2. Quando o Brasil foi dividido em dois governos, quais eram as duas capitais?
3. Quem ficou como Governador na Bahia e quem no Rio de Janeiro?
4. Qual a situação do Brasil do Norte?
5. Qual a do Brasil do Sul?
6. Que se passava na Capitania de São Vicente?
7. O que caracterizou a vida das Capitanias durante os quatro anos de governo bi-partido?

DEBATE: A geografia escreve a história da Capitania de S. Vicente.

CAPÍTULO XXII

VOLTA AO SISTEMA DE UM SÓ GOVERNADOR GERAL

O trono português

Quando morreu D. João III (1557), o seu legítimo herdeiro era seu neto D. Sebastião. Sendo menor, a regência foi exercida por sua avó, D. Catarina e, posteriormente, por seu tio-avô, o Cardeal D. Henrique. Foi D. Sebastião declarado maior, com 14 anos, em 1568. Durante seu reinado, o Brasil dividiu-se em dois governos (1573) e ainda na vigência do mesmo reinado, voltou ao sistema de um só Governador Geral, em 1577. No ano seguinte, morreu o jovem rei na batalha de Alcácer-Kibir e novamente o Cardeal assumiu o governo de Portugal, agora na qualidade de soberano. Em 1580, falecendo D. Henrique, e não havendo herdeiro português, o cetro passou a Felipe II de Espanha. Iniciava-se o domínio espanhol sobre Portugal, que durou até 1640.

Lourenço da Veiga

Para Governador Geral do Brasil (e agora único) a Metrópole nomeou Lourenço da Veiga (1578). O fato principal do seu governo foi a tentativa da colo-

nização da Paraíba. Um rico proprietário de Pernambuco, Frutuoso Barbosa, estando em Lisboa, propôs-se a fazê-lo por sua conta. Organizou a sua expedição (quatro navios, tropa de desembarque e colonos). Largou o Tejo. Batido por um temporal, regressou a Lisboa, recompôs-se e chegou a Pernambuco. A expedição organizou-se, indo Simão Cardoso por terra, com um contingente de voluntários, enquanto Frutuoso viajava por mar. Na foz do Paraíba, topou sete naus



D. Sebastião

francesas. Tomou cinco. Tudo parecia correr a contento, mas sobreveio uma cilada dos índios e furioso ataque dêstes. A derrota do expedicionário foi tão grande que o *escarmentou*. Debalde Simão Cardoso insistiu com êle, para continuar a luta, mostrando que nem tudo

estava perdido. Frutuoso a nada ouviu e regressou apavorado a Recife.

Lourenço da Veiga governou três anos de escassos acontecimentos. Morreu em 1581. A Câmara da cidade, por falta de imediato sucessor, resolveu que o Bispo e o Ouvidor Geral assumissem conjuntamente o governo.

O Bispo e o Ouvidor

Sendo astuto na execução de seus propósitos, o Ouvidor, Cosme Rangel, conquistou a boa vontade dos camaristas, de sorte que estes aprovavam tôdas as medidas por êle submetidas à consideração da edilidade. Logo se ia vendo que as proposições de Cosme não visavam ao bem geral, mas os seus particulares. Desgostosos, retiraram-se da cidade para as roças o Bispo e os principais moradores de Salvador.

O governo de Cosme ficou assinalado por desonestidades administrativas, franca anarquia, fracassos na luta contra os índios e franceses no Norte e sortidas dêstes no Sul. Mas no Rio de Janeiro estava Salvador Corrêa de Sá, enérgico e a tudo atento.

Manuel Teles Barreto

Felipe II nomeou, pela primeira vez, um Governador Geral para o Brasil, Manuel Teles Barreto, que assumiu o pôsto em maio de 1582.

A situação no Norte continuava má. Os franceses, aliados dos índios, dominavam a Paraíba. Por sorte do Governador, chegou a Pernambuco, de passagem para o Sul, grande esquadra comandada por D. Diogo Flôres Valdez, que se propôs a dar combate aos aliados franco-tupis, atacando-os por mar enquanto D. Felipe de Moura o faria por terra. Os inimigos foram desbaratados. Construiu-se o forte de São Felipe (onde está hoje Cabedelo) deixando-se ali uma guarnição sob o comando de Castejon. Foi necessário, entretanto, enviar reforços àquele forte.

Grave notícia veio, em seguida, alarmar Pernambuco. O prestigioso chefe da nação tabajara, o intrépido Piragibe, ressentido pelas violências praticadas pelos portugueses no tempo de Luís de Brito, firmara aliança com os potiguaras. Organizando grande exército, por êle próprio comandado, Martim Leitão, ouvidor-geral, atacou os adversários, libertando tôda a várzea do Paraíba e provendo de recursos o forte de São Felipe, onde deixou a comandá-lo o espanhol Castejon e o português Pedro Lobo.

Foi o seu erro. O luso e o castelhano se entenderam a tal ponto que a guarnição debandou. Mas a sorte sorriu a Leitão. Dois índios tabajaras vieram a Pernambuco como embaixadores de Piragibe. Informaram que os potiguaras haviam ultrajado o grande chefe e êste, em *revide*, propunha as pazes com os portugueses. Em 1585, o capitão João Tavares conclui o acôrdo com Piragibe, ratificado depois pelo ouvidor. São lançados os fundamentos da cidade que é hoje a capital da Paraíba.

As rivalidades entre espanhóis e portugueses eram sempre as causas dos desfortúnios de Martim Leitão. O governo de Madri mandou Francisco Morales para comandar o forte recém-construído e onde estava João Tavares comandando. Brigaram os dois. Os franceses e potiguaras percebem a desavença e atacam. Volta Martim a rechaçá-los e bate-os. Sentindo o perigo, Morales havia abandonado o pôsto.

D. Francisco de Sousa

Manuel Teles Barreto faleceu em 1585. Foi nomeado para substituí-lo, Francisco Giraldes que, em meio da viagem, regressou a Lisboa devido a um temporal e lá faleceu.

No período que data da morte de Teles até a vinda do Governador que substituiu Giraldes, governou novamente uma Junta, constituída pelo Bispo D. Antônio Barreiros e o provedor da Fazenda, Cristovam de Barros. Governaram quatro anos, tendo de enfrentar um bombardeio de naus inglesas e desembarques dos

britânicos, que por Cristovam foram desbaratados. Em seguida, empreendeu o *biunvirato* a conquista de Sergipe. A luta era árdua, sobretudo contra os mil flecheiros do cacique Boepeba. Os índios foram dominados. A ocupação de Sergipe e das terras do norte do Rio São Francisco muito facilitaram a colonização de Alagoas.

Finalmente, em 1.º de dezembro de 1590, foi nomeado D. Francisco de Sousa Governador Geral do Brasil. Chegou à Bahia a 9 de junho de 1591.

Três foram os objetivos de Francisco de Sousa: descobrimento de minas; fortificação do litoral; ocupação definitiva do Rio Grande do Norte.

O novo Governador Geral trazia ordens para em tudo facilitar Gabriel Soares, nas suas incursões pelo interior e pesquisas de ouro e pedras preciosas. Tinha Soares procurado Cristovam de Moura, cujo prestígio alcançado junto ao rei Felipe II fôra consequência de haver subornado com dinheiro a nobreza de Portugal e o clero para que a Nação Portuguesa não reagisse contra o domínio espanhol. Subindo ao trono lusitano, Felipe II fez Cristovam de Moura vice-rei de Portugal. A esse homem recorreu Gabriel Soares, obtendo concessões amplas e grandes poderes.

A expedição de Gabriel Soares malogrou-se. Depois de ter percorrido mais de cem léguas, adoeceu e morreu. O Governador Geral apoderou-se dos roteiros pelos quais se guiava Soares, para mais tarde deles se utilizar.

Gabriel Soares perpetuou o seu nome, não como descobridor de minas, mas como um dos primeiros escritores que descreveu a terra e a gente do Brasil.

Inglêses no litoral

Em 1591, o inglês Tomás Cavendish atacou e saqueou Santos e incendiou São Vicente. Fez-se ao mar, mas voltou e, dessa vez, foi derrotado, fugindo para o Espírito Santo, onde também foi repellido. Acabou morrendo no mar. Veio depois outro pirata britânico:

James Lencaster (1595). Atacou Recife e saqueou a cidade. Estes episódios levaram o Governador a muito cuidar da defesa da costa brasileira.

Ainda D. Francisco; Rio Grande do Norte e Ceará

Já estava povoada a Paraíba, mas ameaçadas as colônias pelos franceses e potiguaras do Rio Grande do Norte. Organizou-se em Pernambuco uma grande expedição sob o comando de Jerônimo de Albuquerque. Na Paraíba, o chefe tabajara Piragibe, unido a mame-lucos e portugueses, engrossou as tropas. Por mar, levou Manuel Mascarenhas consideráveis fôrças. *Confluindo* todos na barra do Rio Grande, ali construíram um forte.

Em vez de hostilizar os potiguaras, Albuquerque valeu-se dos missionários para conseguir uma conversa com o velho chefe Poti, o que logrou êxito, firmando-se a paz. A notícia repercutiu em Pernambuco e foi ecoar na Bahia, com grande contentamento do Governador. O capitão-mor de Pernambuco, Mascarenhas, o ouvidor geral Braz de Almeida e altas personalidades foram para o Rio Grande do Norte, a fim de celebrarem festivamente aquelas pazes. Com solenidade foi fundada a cidade de Natal, no dia em que a Igreja comemora o nascimento de Cristo.

Não poderiam os conquistadores e povoadores se deterem ali. Agora era a vez do Ceará.

D. Francisco no Sul

Governou D. Francisco de Sousa de 1591 a 1602, quando foi substituído por Diogo Botelho. Antes de terminar seu govêrno, Sousa foi ao Sul, visitando a Capitania de São Vicente e penetrando o interior, até Araçoiaba, onde encontrou Afonso Sardinha com a primeira fundição de ferro do Brasil, em fornos primitivos e rudimentares. Visitou a mina de ouro do Jaraguá e tomou providências para que se incrementasse a pesquisa do precioso metal.



Pero Coelho e família

Diogo Botelho

A conquista do Norte era idéia dominante, tanto no Brasil como em Portugal. Nomeado Governador Geral em 1601, Diogo Botelho chegou a Pernambuco em 1602. Trouxe consigo Diogo de Campos Moreno, que iria celebrar-se como conquistador daquelas partes que iam do Ceará ao Maranhão. Em 1603, autorizou Pero Coelho de Sousa a expulsar franceses e pesquisar minas naquela região. Saiu Pero com 65 soldados e 200 índios flecheiros, estes comandados pelos chefes Batatan, Caraguatin, Mandiocapuba e Guaratingirá, os três primeiros tabajaras e o último potiguar. Fêz pazes com os índios que encontrou e com eles foi até à serra do Ibiapaba. *Perlongou* depois a costa até à foz do Camocim. Não havendo combates

a empreender, pois tudo andava em paz, os índios voltaram para suas tabas. O ambiente era de tal forma pacífico, que Pero Coelho trouxera sua mulher, a heróica D. Tomásia, e cinco filhos. Abandonado pelos seus companheiros, empreendeu o regresso ao Rio Grande do Norte, pelo litoral. Eram léguas e léguas de areia, sem água, sem recursos de alimentação. A marcha foi dramática: o casal, os cinco filhos e vinte soldados. Curtiam sede e fome desesperadoras. Começaram a morrer alguns homens. Um dia morreu o primogênito de Pero. A dolorosa via-crucis terminou, por fim. Dias depois, morria Pero Coelho de Sousa.

A tentativa de colonização do Ceará não fôra infrutífera. O território tornou-se conhecido. Um jovem, que havia acompanhado Pero Coelho, celebrou-se na história do Ceará. Era Martim Soares Moreno, que, já no governo que substituiu Diogo Botelho, fundou a cidade de Fortaleza. O escritor José de Alencar faz dele uma figura romântica, no seu livro "Iracema".

Outros fatos assinalam o governo de Diogo Botelho, entre os quais a entrada de israelitas no Brasil.

Diogo Botelho deixou o governo em 1607.

ELUCIDARIO

Alcácer-Kibir — Cidade, em cujas proximidades, a 4 de agosto de 1578, feriu-se a batalha em que morreu D. Sebastião, rei de Portugal.

Felipe II (1527-1598) — Filho de Carlos V, imperador da Alemanha e de D. Isabel, filha de D. Manuel, rei de Portugal. Apresentou-se candidato ao trono português, por morte do Cardeal D. Henrique, suplantando os demais pretendentes à coroa.

QUESTIONÁRIO

1. Quem foi o sucessor de D. João III no trono português?
2. Que regentes governaram Portugal na menoridade de D. Sebastião?
3. Quando D. Sebastião assumiu o governo?
4. Em que ano morreu o jovem rei na batalha de Alcácer-Kibir?
5. Quem o sucedeu?
6. Por morte do Cardeal D. Henrique, quem subiu ao trono português?
7. Quem dividiu o Brasil em dois governos e depois novamente restaurou o sistema de um só governador?
8. Que se passou no governo de Lourenço da Veiga?
9. E no de Manuel Teles Barreto?
10. Que fez D. Francisco de Sousa? Quando assumiu o governo?
11. Que fizeram os piratas ingleses no litoral? Quem eram eles?
12. Como se deu a conquista do Rio Grande do Norte e do Ceará?
13. Quem era Martim Soares Moreno?

DEBATE: A conquista do norte, iniciada há tanto tempo, é continuada ainda hoje.

CAPITULO XXIII

FRANCESES NO MARANHÃO

O Brasil no século XVII

Está a terminar o governo de Diogo Botelho. Corre o ano de 1607. São decorridos 107 anos do descobrimento; 70 da expedição de Martim Afonso de Sousa e da criação das Capitanias; 59 da instituição dos Governos Gerais. Temos visto quanto se fez em tão escasso tempo, atentas a vastidão territorial do país e as dificuldades opostas aos colonos para entrarem na intimidade da terra virgem e misteriosa. A realização dos portugueses foi grande.

Estabelecera-se no Brasil uma agricultura e se instalaram centenas de engenhos de açúcar, fundaram-se cidades, entre as quais se destacavam Santos, São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória, Ilhéus, Salvador, Recife, Olinda, Paraíba, Natal; multiplicavam-se as vilas e povoados; foram civilizados mais de vinte mil índios; construíram-se fortalezas na linha do litoral; organizara-se a administração e a hierarquia eclesiástica. Se descontarmos as três primeiras décadas de inatividade depois do Descobrimento, veremos que tudo isso se fez em setenta anos.

Tais notícias chegavam à Europa e despertavam as ambições de outros povos. Entre estes, foram os franceses, parece, que viram tôdas as possibilidades do Brasil. Tentaram ocupar o Rio de Janeiro; *rechaçados*, nunca perderam a esperança de se apoderar, pelo menos de algum trecho do território brasileiro, como temos visto, na terra fluminense e no nordeste. Agora era a tentativa de se firmarem no Maranhão.

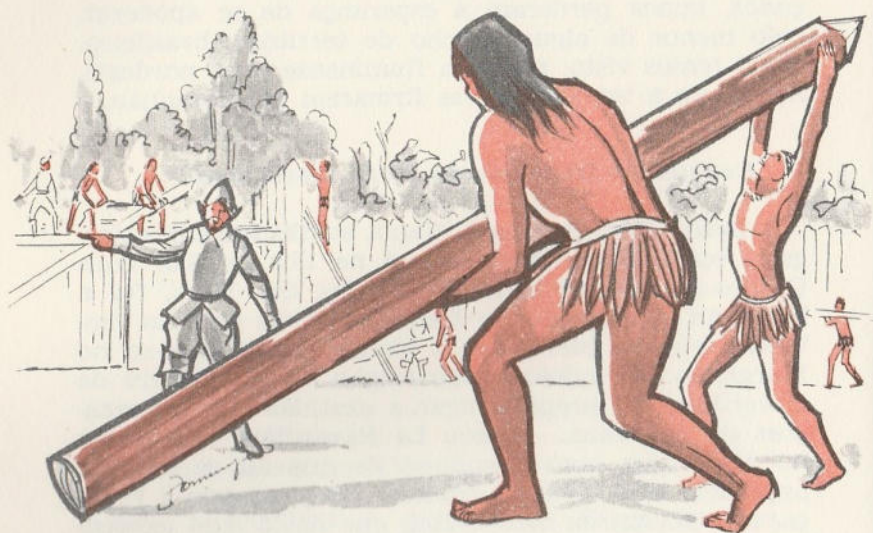
Conquistas francesas na terra maranhense

Desde 1594, Jacques Riffault, auxiliado pelos selvagens, estabelecera uma colônia na ilha de São Luiz. O *loco-tenente* de Riffault, Charles des Vaux, foi a Paris, ali expondo ao rei Henrique IV as grandes vantagens que se ofereciam à França estabelecer-se no Maranhão. O monarca encarregou La Ravardière de ir verificar, no próprio lugar, a exatidão das informações de des Vaux. Passou La Ravardière seis meses no Maranhão, convencendo-se de que ali se poderia implantar belo domínio francês. Regressando à França, não encontrou vivo o Rei, que havia sido assassinado por Ravailac em 1660. Foi até melhor, pois a rainha, Maria de Médicis, mostrou-se empolgada pela idéia de criar uma França Antártica. Não somente tudo facilitou à empresa, mas até lhe deu uma bandeira, com a inscrição "*Tanti dux foemina facti*" (do que é capaz a mulher que comanda).

Dois homens ricos se associaram a La Ravardière — os senhores de Razily e de Sancy. Prepararam-se quatro navios em que iam 500 aventureiros e quatro frades capuchinhos, entre os quais Claude de Abeville e Yves d'Evreux, aos quais devemos interessantes narrativas. Chegaram ao Maranhão em 1612.

A preocupação máxima foi agradar aos índios, no que os franceses eram exímios. Não *descurando* das necessidades de abastecimento em caso de guerra, pois os portugueses estavam ali perto, no Ceará, os franceses, ao mesmo tempo que construíam fortificações, desenvolviam a agricultura, no que eram ajudados gos-

tosamente pelos selvagens. A colônia foi estimulada pelo governo francês que não cessava de lhe mandar quanto era necessário.



Índios ajudando franceses a construir fortificações

Governadores Gerais de 1608 a 1612

Substituíra D. Diogo Botelho em 1608, seu homônimo D. Diogo de Menezes. Viu-se a braços de uma desinteligência com o Bispo e os jesuítas por motivo da questão dos índios. É no seu governo, entretanto, que se consolida a colonização do Ceará.

Novamente aparece D. Francisco de Sousa, ao qual foi dada jurisdição sobre as Capitanias do Sul (1609-1611) com a finalidade de superintender as pesquisas e trabalhos nas minas. Conseguiu todos os privilégios anteriormente concedidos a Gabriel Soares e ainda o de *gerir* as três Capitanias meridionais, independente do Governador Geral. Trouxe carta ao Governador Diogo de Menezes, que muito se agastou.

Os trabalhos de Francisco de Sousa limitaram-se à instalação de uma nova fábrica de ferro. Pouco depois, faleceu (1611). Deixou por sucessor seu filho D. Luís.

A D. Diogo de Menezes substituiu D. Luís de Sousa Henrique (1611-1612). O governador seguinte foi Gaspar de Souza (1612-1617). É nesse período que se dá a reconquista do Maranhão e expulsão dos *gauleses* da França Equinocial.

A guerra no Maranhão

Estava Jerônimo de Albuquerque reunindo gente para uma investida ao Maranhão, quando chegou de Madri o sargento-mor Diogo de Campos, com o mesmo objetivo. O Governador Geral, a fim de harmonizar os dois chefes, deu-lhes regulamentos determinando que tôdas as deliberações fôsem tomadas a votos.

Partiram Albuquerque por terra e Campos pelo mar. Tomaram posição no local que os índios chamavam Guaxanduba. Ali construíram um forte, que denominaram Santa Maria.

A primeira escaramuça foi o ataque de Pratz aos portugueses. Disparou a artilharia contra o forte, mas fugiu. A 19 de novembro de 1614, os franceses desencadearam furiosa ofensiva. Vindo em numerosos navios, desembarcaram, com alto clamor de trombetas, tambores e gritos de guerra, nas proximidades da posição dos pernambucanos. Numa colina vizinha ao mar, Pratz toma posição. Com 200 franceses e 2.000 índios, Pozieux põe-se em ordem de batalha. Comandando a esquadra, que se postara em frente aos brasileiros, La Ravardière e Rasily esperam o momento de intervir com 200 franceses e 100 índios, peças de artilharia e dispositivos de desembarque.

Revelando senso estratégico, os pernambucanos dispõem as suas fôrças: Albuquerque iria pelas matas apanhar os de França pela retaguarda; Campos atacaria pelo lado da praia; Gregório Fragoso interviria oportunamente. Um toque de trombeta anuncia que há

emissário de La Ravardière. Traz uma mensagem. O intuito era ganhar tempo para os franceses se fortificarem no alto da colina, mas Diogo Campos, desconfiado, deu sinal de combate.

A luta foi terrível, a maior de tôdas as que, até então, se haviam ferido no Brasil. Os franceses estão entre dois fogos. Há uma lenda que diz, por haverem os pernambucanos começado a batalha aos gritos de "Virgem de Guadalupe", ter aparecido Nossa Senhora, num halo de luz, assegurando a vitória aos brasileiros. Essa lenda é narrada em belo soneto pelo poeta maranhense Humberto de Campos.

A derrota dos franceses foi total. O chefe La Ravardière mandou aos pernambucanos três cartas: a primeira arrogante, a segunda mais amena, a terceira propondo paz e um encontro dos chefes adversos. Ficou assentado que a paz definitiva seria resolvida pelas côrtes de França e Espanha, para as quais foram enviados emissários das duas partes. Queriam os franceses ganhar tempo. A sua situação, porém, era precária. Os índios, vendo o domínio dos pernambucanos, foram devagarinho abandonando os de França.

A essa altura, chegou ao Maranhão o capitão Francisco Caldeira de Castelo Branco, trazendo reforços aos pernambucanos. Alegando ter recebido novas ordens, Jerônimo de Albuquerque mandou intimar La Ravardière para que depusesse as armas e se retirasse do Maranhão. O francês concordou e entreteve com Albuquerque amável conversa, pedindo cinco meses de prazo e algumas indenizações pelo que deixava feito em benefício dos vencedores. Mas eis que chegaram Alexandre de Moura e Diogo de Campos, com ordens de, sem mais *detença*, expelir os franceses. Sitiaram o último reduto gaulês. Diante disto, a capitulação foi completa. No dia 3 de novembro de 1615, desfraldaram-se, triunfantes, as bandeiras espanhola e portuguesa.

Conseqüências da ocupação brasileira

Organizou-se a colonização brasileira na ilha e no continente. Numerosos franceses pediram para ficar ali, onde se haviam casado e tinham filhos brasileiros; foram atendidos. O senhor de La Ravardière e outros oficiais, antes de regressarem à França, seguiram com Alexandre de Moura para Pernambuco, onde foram recebidos com cordialidade, dali embarcando para a Europa.

Alexandre de Moura, antes de deixar São Luís, organizou o governo da nova Capitania e nomeou governador Jerônimo de Albuquerque, que acrescentou ao seu nome o apelido de Maranhão.

Fundação da cidade de Belém

Havia agora outra empresa: a de conquistar e colonizar o Pará e entrar na misteriosa Amazônia. Com 200 homens, partiu Francisco Caldeira Castelo Branco, rumo à foz do Amazonas, em 25 de dezembro de 1615. Explorou a costa paraense, construiu um forte, fundou a cidade de Belém.

A Côrte criou em 1621 o Estado do Maranhão.

ELUCIDÁRIO

Henrique IV — Rei de França (1553-1610). Teve uma vida de constantes lutas, até subir ao trono (1589) mas, mesmo depois, levou dez anos para consolidar o poder. Como vimos, foi assassinado.

Maria de Médicis (1573-1642) — Rainha de França por se haver casado com Henrique IV. Por morte do marido, assumiu a regência governando até 1614, quando Luís XIII foi declarado maior.

Humberto de Campos — Poeta e escritor brasileiro. Nasceu no Maranhão (1886-1934). Deixou obra vultosa em prosa e verso.

QUESTIONÁRIO

1. Quando Diogo Botelho deixou o Governo Geral, em 1607, quantos anos fazia que o Brasil fôra descoberto? Quantos haviam decorrido desde a expedição de Martin Afonso de Sousa e criação das Capitanias? E quantos da instituição dos Governos Gerais?
2. Que foi feito durante êsse tempo?
3. Desde quando os franceses estavam no Maranhão?
4. Que fez La Ravardière junto a Henrique IV e Maria de Médicis?
5. Que fez no Maranhão?
6. Quais os Governadores Gerais de 1608 a 1612?
7. Como se deu a batalha entre pernambucanos e franceses e qual o resultado?
8. Quem fundou a cidade de Belém (Pará) e quando?
9. Em que ano foi criado o Estado do Maranhão?

DEBATE: Valor da presença de outros povos (além dos portugueses) na conquista do país e na formação do povo brasileiro.

CAPÍTULO XXIV

HOLANDESES NA BAHIA

Os grandes acontecimentos brasileiros no século XVII

Os dois acontecimentos mais notáveis no século XVII, que revelam a decisão do Brasil no sentido de constituir uma nacionalidade, são a luta contra os holandeses e as marchas dos Bandeirantes realizando a conquista do Oeste. Por agora, devemos nos ater à chamada guerra holandesa.

Governadores Gerais

Convém passarmos em revista os governadores Gerais durante a luta contra os holandeses. O último de que falamos foi Gaspar de Sousa, que governou até 1617. Substituiu-o Luís de Sousa. Durante o triênio dêste, o fato mais importante foi o massacre dos índios no Pará, levado a cabo por Bento Maciel Parente, com o assentimento do governador. O substituto de Luís de Sousa foi Diogo de Mendonça Furtado (1621-1624). O triênio seguinte coube a Matias de Albuquerque.

Daqui por diante, os acontecimentos assumem tal vulto que os seus sucessivos episódios absorvem tudo

o que se poderia dizer sobre assuntos administrativos e as personalidades dos governadores. Nesse agitado período, governaram o Brasil outros nove Governadores.



Diogo de Mendonça

Primeiras tentativas dos holandeses — Invasão da Bahia

Em 1599 os holandeses iniciaram os primeiros contatos com o litoral brasileiro. Tinham o caráter de pirataria: saqueavam cidades, apresavam navios carregados de mercadorias e fugiam. Em 1623 o número de navios portugueses apresados pelos de Holanda subia a mais de setenta. O Governo de Madri mostrava-se indiferente em relação à defesa do Brasil, correndo esta à conta dos próprios brasileiros.

Enquanto agiam estes piratas, organizavam-se na Holanda frotas de corsários. Fundou-se a Companhia

das Índias Ocidentais com a finalidade de dar caça em alto mar aos navios que transportavam para a Espanha enormes riquezas. Para isso era necessário um ponto de apoio na costa brasileira.

Em princípios de 1624, poderosa esquadra de 26 navios partiu em direção de Cabo Verde. Trazia 3.300 homens sob o comando de Jacob Willekens e Pieter Heyn e 1.700 soldados de infantaria comandados pelo coronel Johan Van Dorth.

Chegando a notícia de tais planos militares da Holanda à Côrte de Madri, foi prevenido o Governador Geral do Brasil, Diogo Furtado de Mendonça. O Bispo D. Marcos Teixeira, transmudando-se de eclesiástico em militar, assumiu o comando de batalhões aos quais impunha exercícios diários.

Ou por estarem impossibilitados de vir ao Brasil antes de muito bem organizados, ou por tática, os holandeses tardavam a chegar. O entusiasmo da defesa começou a esfriar. Os homens mobilizados foram regressando para suas roças e fazendas.

Afinal, em 8 de maio, a esquadra holandesa frenteu a entrada da barra, travando-se violento combate que culminou com a vitória dos holandeses e conseqüente prisão do Governador.

Reação baiana — Guerrilhas

Inconformados com a derrota, os baianos resolveram desencadear a contra-ofensiva. Em poucos dias, na aldeia próxima (Espírito Santo) já havia mais de mil combatentes. Emocionante era a adesão espontânea dos índios. Chegavam às centenas para a luta.

A primeira medida a tomar seria a escolha do novo Governador. Esta recaiu no Bispo D. Marcos Teixeira. O exército de libertação foi organizado. Cercaram a cidade 2.000 homens e a tática das guerrilhas foi utilizada com grande êxito. Cortadas as vias de trans-

porte, os holandeses não tinham mantimentos. Além disso, viviam sobressaltados pelas emboscadas dos guerrilheiros. Numa destas, pereceu o Governador holandês Van Dorth.

Caráter nacional da luta — Repercussão em Portugal

Encontravam-se os baianos nesta favorável situação, quando seu entusiasmo cresceu por verificarem que a luta em que se empenhavam tinha uma significação nacional, pois chegaram reforços de Pernambuco, do Rio de Janeiro e da Capitania de S. Vicente.

A audácia dos holandeses e a heróica resistência dos colonos e dos índios, que traziam sitiados os invasores, comoveu aos portugueses. O estado de espírito de Portugal contaminou a Espanha. O número de voluntários para a luta assombrava: donativos em dinheiro vinham de tôdas as classes. Em pouco, portugueses e espanhóis se uniram pelo mesmo sentimento.

Organizou-se a esquadra lusitana: 26 navios e 4.000 homens, sob o comando de D. Francisco de Almeida. Em Cabo Verde juntou-se a ela a esquadra de Madri: 37 navios e 7.000 homens comandados por D. João Fajardo Guevara.

O desembarque das tropas que vieram na esquadra luso-espanhola começou no dia 31 de março de 1625. Pelo mar se estabeleceu total *bloqueio*. Vendo-se perdidos, os holandeses abandonaram as fortificações fora do perímetro da cidade e se *abroquelaram* no seu último reduto. Em princípios de abril iniciou-se a batalha decisiva quando perdeu a vida, numa emboscada dos guerrilheiros, o sucessor de Van Dorth (Alberto Shouten). Van Dorth também havia sido morto numa emboscada. No dia 27 de abril, deu-se a *capitulação* que foi assinada solenemente por vencedores e vencidos.

QUESTIONÁRIO

1. Quais os dois maiores acontecimentos da História do Brasil no século XVII?
2. Quais os Governadores Gerais desde Gaspar de Sousa até à expulsão dos holandeses?
3. Quais as tentativas dos holandeses no Brasil, a partir de 1599?
4. Que era a Companhia das Índias Ocidentais?
5. Com que esquadra e contingentes vieram os holandeses à Bahia, em 1624?
6. Que fez o Governo de Madri?
7. Como a Bahia foi tomada pelos de Holanda?
8. Como se deu a reação baiana?
9. Quantos navios e quantos homens trouxe a esquadra luso-espanhola para socorrer os baianos?
10. Como terminou a batalha contra os holandeses?

DEBATE: Portugueses e espanhóis se uniram para reconquistar o território invadido.

LEITURA COMPLEMENTAR

Holandeses na Bahia

Os holandeses tardavam a chegar ou por estarem impossibilitados, ou maliciosamente, por tática.

Em princípios de maio, o capitão Antônio de Medonça correu a avisar o Governador de que na ilha de Boipeba estavam dezenas de navios holandeses. Agora o alarma foi geral. Partiu gente a chamar o povo dos engenhos e lavouras. Vieram atropeladamente mais de mil combatentes a reforçar a tropa oficial que não chegava a uma centena de soldados. Convocaram-se os índios, que acorreram com seus arcos e flechas.

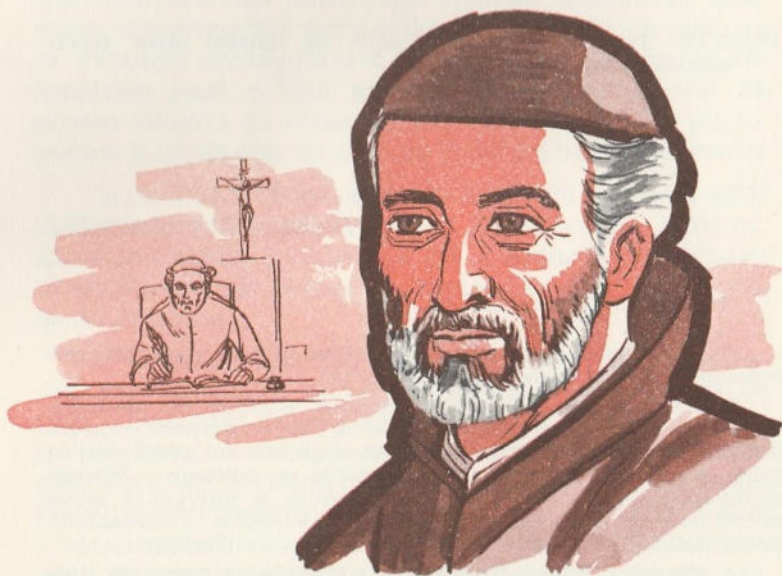
A esquadra holandesa frenteou a entrada da barra em 8 de maio. As famílias, apavoradas, fugiam da cidade, pois o que sabiam dos invasores era o pior possível: hereges, destruidores de igrejas, desrespeitadores dos lares.

Ao romper da madrugada do dia 9, as naus inimigas silenciosamente se aproximam, sem dar resposta aos tiros de canhão

dos defensores da terra. Alinham-se. O fogo inicial é dos baianos. Repentinamente a esquadra holandesa começa o bombardeio. É uma batalha tremenda. O Padre Antônio Vieira descreve-a: "tempestade de fogo e ferro", "estrondo e confusão causando perturbação e espanto", "relâmpagos feriam os olhos e com a nuvem de fumo não havia quem se visse", o "trovão da artilharia tolhe o uso das línguas e das orelhas".

Os combates ocupam todo o dia. Caía a noite sôbre um espetáculo apavorante. As altas labaredas dos incêndios iluminavam sinistramente o cenário da batalha.

A um momento, Pieter Heyn toma o forte do Mar e dali concorre com forte bombardeio. Os baianos retomam aquela posição. Alberto Schouten desembarca e avança pela cidade; não contava, porém, que Antônio de Medonça, com um trôço de soldados, o enfrentasse e repelisse. Mas, ao alvorecer do dia 11, foi geral a debandada dos defensores. O Governador, que também poderia ter saído com eles, preferiu ficar honradamente no seu pôsto. Até ao último momento, ainda fêz fogo, do palácio onde se achava com a família. Por fim, foi dominado e prêso.



Pe. Antonio Vieira

CAPITULO XXV

OS HOLANDESES EM PERNAMBUCO

Causas das invasões holandesas no Brasil

Antes de tudo, temos de resumir a história da Holanda, para compreendermos melhor suas invasões no Brasil.

Frisões e batavos habitavam a região chamada Países Baixos dominados pelo imperador Carlos Magno em 922. Posteriormente, submeteram-se ao domínio dos imperadores da Alemanha. Em 1555, Carlos V concedeu a seu filho Felipe, que no ano seguinte seria rei da Espanha, o govêrno daquela região. As atrocidades praticadas pelo Duque D'Alba, *preposto* do Rei, a pretexto de combater *heresias*, determinaram um movimento de independência triunfante em 1581. A Holanda foi reconhecida soberana em 1609.

Começa o grande desenvolvimento holandês, para o qual colaboraram seu comércio, seus navegadores, seus homens de Estado, seus cientistas e artistas. Mas, desde a independência, a Holanda se fêz inimiga da Espanha.

Com Portugal os holandeses viviam em boa paz, mas passando o trono português, em 1580, ao monarca espanhol, já não se sentiram com o dever de respeitar nos mares os navios lusitanos, nem as colônias portuguesas na América.

Sentimento brasileiro de pátria

Os brasileiros já estavam formando um sentimento de Pátria. Consideravam que nada tinham com as lutas entre a Holanda e a Espanha. Competia-lhes defender o território do Brasil, com ou sem o apoio espanhol ou dos próprios portugueses.

Corsários na Bahia

Depois de derrotados e expulsos, os holandeses retornaram à Bahia por duas vezes, comandados por Peter Heyn, limitando-se a praticar assaltos e saques.

Expedição contra Pernambuco

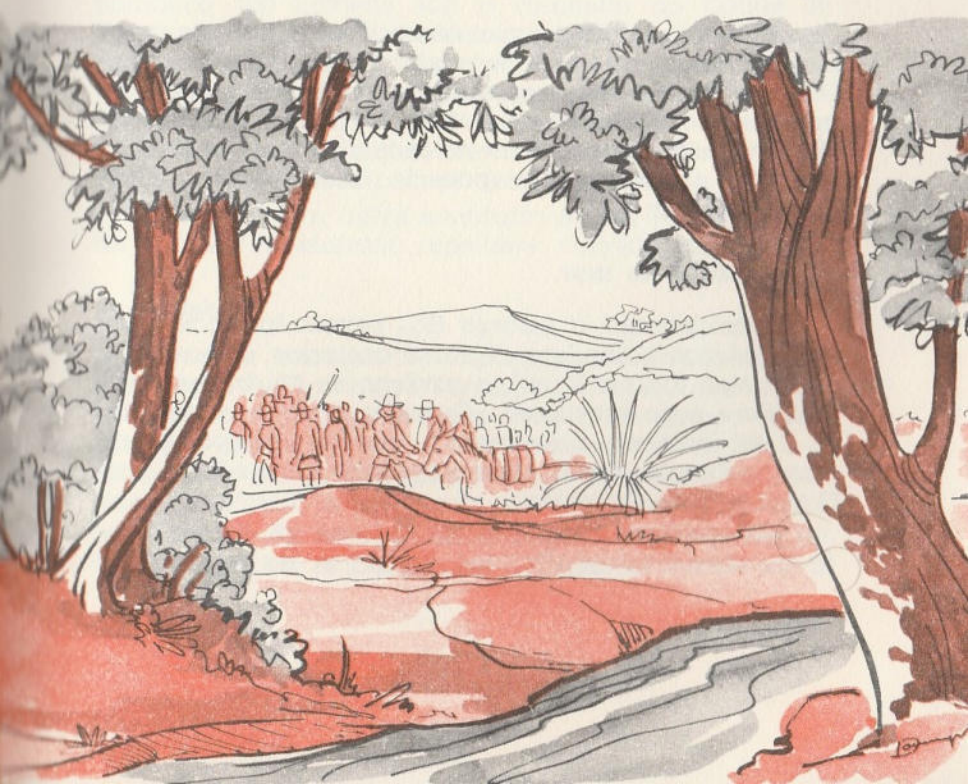
Ciente dos próximos objetivos da Holanda, Matias de Albuquerque tratou de construir cercas e paliçadas para defender a cidade de Olinda e afundou navios



na barra, para dificultar a entrada de inimigos. Em 9 de fevereiro de 1630, recebeu aviso de Cabo Verde comunicando-lhe que ali estava uma esquadra holandesa composta de 70 navios, sob o comando de Hendrick Cornelinzon Loncq. Trazia 1.160 canhões e 7.000 soldados.

Depois de inicial bombardeio, deu-se o desembarque de 3.000 soldados holandeses em Pau Amarelo, distante 27 quilômetros de Olinda. A luta é dura. O forte São Jorge, com apenas 80 homens, resiste durante uma semana. No Colégio Jesuíta, em Olinda, 22 homens se batem contra 1.000. Despedaçadas as portas pela artilharia, os vencedores encontram 19 mortos e 3 feridos, inclusive o comandante Salvador de Azevedo. Noutra Igreja, o capitão Pereira Temudo combate contra dez, até cair morto.

Os holandeses se apoderaram de Olinda e Recife.





Matias
de Albuquerque

O arraial do Bom Jesus

Matias de Albuquerque, não podendo deter os invasores, retira-se para o Arraial do Bom Jesus, entre Olinda e Recife, onde organiza grupos de guerrilhas que impediam os invasores de receber *viveres*. Estes, então, trataram de fortificar-se cada vez mais e organizaram o *curso* que lhes poderia trazer algum rendimento do mar.

Combate no mar

Considerando o esforço dos pernambucanos e as ameaças dos holandeses, que se declaram dispostos a conquistar todo o Brasil, o governo de Madri resolveu auxiliar a ação brasileira. Organizou pequeno exército de 2.000 homens, cujos navios que os transportavam eram protegidos por uma esquadra comandada por D. Antônio de Oquendo.

A expedição chegou à Bahia com 23 navios e, a 12 de setembro de 1631, as esquadras de Oquendo e

do almirante Adrian Pater, comandante holandês, ferem batalha. O combate foi terrível e, eis que o navio de Pater incendeia-se; a guarnição joga-se ao mar e é salva pelos próprios espanhóis, mas Pater sucumbe afogado, exclamando — “O mar é o único túmulo digno de um almirante batavo”.

A esquadra espanhola atingira seu objetivo: levar socorro aos *insurgentes* de Pernambuco.

Olinda destruída e queimada

Não podendo os holandeses sustentar-se ao mesmo tempo em Recife e Olinda, resolveram abandonar esta propondo a Matias de Albuquerque que pagasse o resgate da cidade. Respondeu Matias: “Se não a podeis conservar, abandonai-a, muito embora ao fogo, porque nós saberemos construir outra e mais bonita”. E Olinda foi queimada.

Reduto holandês de Recife

Oquando regressou à Espanha, deixando em Pernambuco 700 homens sob o comando do Conde de Bagnuolo, a fim de fortalecer o Arraial do Bom Jesus. Sofriam os holandeses duros *reveses* com as constantes investidas dos brasileiros, não se atrevendo a sair de Recife para o interior de Pernambuco e arriscar-se às mortíferas guerrilhas; deliberaram, então, atacar a Paraíba. Ali sofreram pesada derrota, volvendo a Recife.

Empreendem outra aventura: atacar o Rio Grande do Norte. Novamente repelidos, correm para Recife.

Calabar

A sorte, entretanto, sorriu para os invasores com a *deserção* de Domingos Fernandes Calabar das tropas brasileiras. Era Calabar um mulato de grande inteligência e astúcia; com o conhecimento da terra e a tática das guerrilhas, Calabar salvou os holandeses. Várias vitórias conseguiram os intrusos. Em 1635, apoderam-se do Arraial do Bom Jesus, forçando Matias de Albuquerque a recuar para Alagoas. A retirada é

comovente e grandiosa. Acorrem 8.000 pessoas entre homens válidos, velhos, mulheres e crianças.

Era preciso, porém, passar nas proximidades de Pôrto Calvo, em poder dos holandeses. Contando com apenas 200 homens em armas, Matias combate os invasores e alcança vitória para os pernambucanos, capturando Calabar que foi enforcado e esquartejado.

Injustiça contra Matias de Albuquerque

Ainda em 1635, uma esquadra espanhola veio para o Brasil. O contingente militar para desembarque e ataque aos inimigos era chefiado por D. Luís de Rojas y Borja. A expedição foi direta a Alagoas. Com ela vinha a ordem para que Duarte de Albuquerque assumisse o governo, devendo seu irmão Matias embarcar para a Espanha. Em Madri, sem motivo *plausível*, Matias de Albuquerque foi encarcerado e ficou prêso até 1640.

Rojas y Borja, seu substituto no comando militar, por incompetência, foi derrotado e morto na batalha de Mata Redonda.



Traição de Calabar

ELUCIDARIO

Países Baixos — Também chamados Neerlândia, depois Holanda, limitado ao Sul pela Bélgica, a Leste pela Alemanha, ao Norte e Oeste pelo Mar do Norte. A sua história encontra-se no texto da lição precedente.

Carlos Magno — Rei dos franceses e imperador do Ocidente (742-814). Suas guerras foram famosas, nelas se destacando os Doze Pares de França, cujas façanhas são celebradas em canções da época.

Duque D'Alba — Fernando Álvares de Toledo. (1508-1582). Tornou-se famoso pelas atrocidades praticadas nos Países Baixos.

QUESTIONÁRIO

1. A que se devem atribuir as causas das invasões holandesas no Brasil?
2. O que eram os Países Baixos?
3. Os brasileiros já possuíam um sentimento de Pátria?
4. Expulsos da Bahia, que fizeram os holandeses?
5. Com quantos navios e qual o efetivo das tropas com que os de Holanda invadiram Pernambuco?
6. Que fez Matias de Albuquerque? Recebeu auxílio da Espanha?
7. Como foram tomadas Olinda e Recife pelos holandeses?
8. Por que as guerrilhas tornavam crítica a situação dos invasores?
9. Como se deu o combate no mar entre os navios de Oquendo e de Pater e como este sucumbiu?
10. Por que foi queimada Olinda e como isso se deu?
11. Quem era Calabar e o que fez?
12. Qual foi o fim de Calabar?
13. Que injustiça sofreu Matias de Albuquerque por parte do Conde — Duque de Olivares?

DEBATE: Confronte Matias de Albuquerque e Calabar.

CAPÍTULO XXVI

DOMÍNIO HOLANDÊS

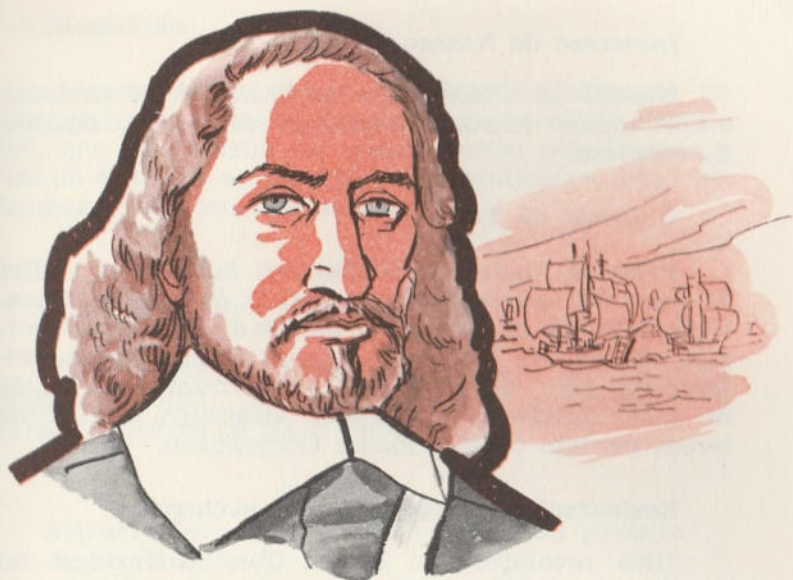
Efeitos na Holanda da vitória dos invasores

Os holandeses estavam de posse do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco de onde se haviam retirado os insurgentes, fortificando-se em Pôrto Calvo, sob o comando de Bagnuolo, sucessor de Rojas y Borja. Estas notícias repercutiram na Holanda, provocando uma onda de otimismo: ia-se criar uma Nova Holanda na América.

Foi escolhido para Governador do Brasil Holandês, o Conde Maurício de Nassau Siegen, que chegou a Pernambuco em 28 de Janeiro de 1637.

Quem era Nassau

Descendente de um dos ramos da casa ducal principesca da Alemanha, êsse notável estadista nascera em Delft, em 1604. Embora tivesse prestado serviços militares, seu pendor era para as ciências e as artes. Vinha com propósitos de grandes realizações. Trouxe em sua companhia arquitetos, cartógrafos, pintores, naturalistas, com os quais convivia em verdadeiras reuniões acadêmicas.



Maurício de Nassau

Providências militares

Nassau precisava, antes de tudo, consolidar as suas posições militares. Os brasileiros se achavam em Pôrto Calvo, sob o comando de Bagnuolo. Suas guerrilhas não davam sossego aos holandeses. Nassau desfechou contra aquêle *reduto* 4.000 soldados e centenas de índios. Lutaram contra as fôrças holandesas 800 homens, incluindo 300 índios, convidados por Camarão, e 80 negros sob o comando de Henrique Dias.

Os invasores desencadearam o ataque. O herói negro, Henrique Dias, teve a mão esquerda decepada. Ao lado de seu marido, o bravo Poti (Camarão), lutou Clara Camarão, a cavalo, armada de lança, conduzindo um *contingente* de mulheres índias. Os holandeses venceram. Na mesma noite Bagnuolo fugiu para Alagoas. Restava o forte, comandado por Giberton, cuja bravura mereceu grande elogio de Nassau. O forte rendeu-se após 13 dias de luta.

Insucesso de Nassau na Bahia

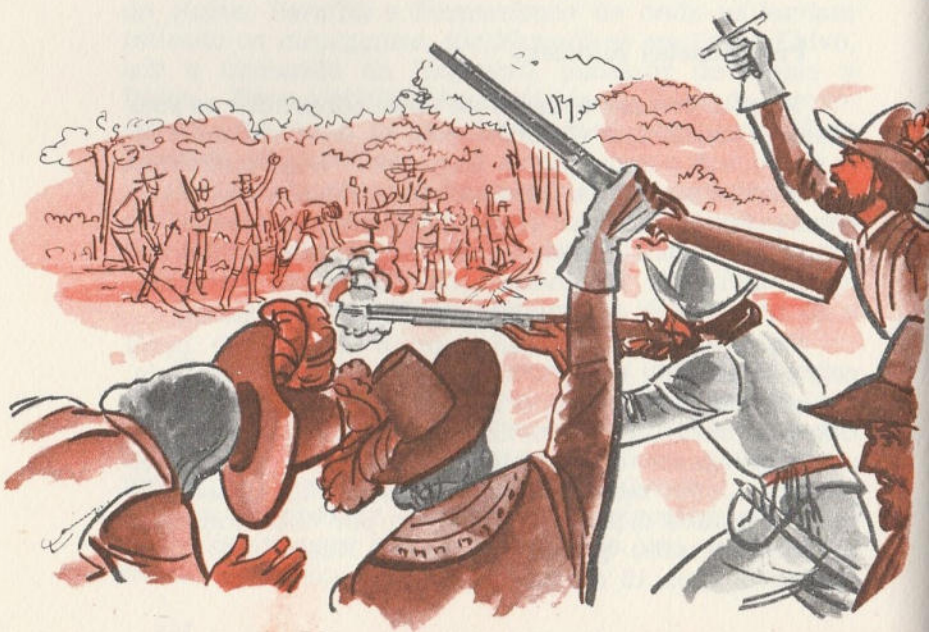
Nassau foi à Bahia com 40 navios, 3.400 soldados e 1.000 índios. Encontrou violenta resistência e desistiu da empresa.

O Conde da Torre

Prevendo novas investidas dos holandeses, o Rei da Espanha enviou reforços com D. Fernando Mascarenhas, Conde da Torre, na qualidade de novo Governador Geral, em 1639. A esquadra ficou na Bahia durante um ano. Somente em 1640 feriram-se combates no mar, saindo os holandeses vitoriosos, apesar de terem perdido o comandante Cornelinzon.

Restauração da independência portuguesa

Uma revolução em Lisboa libertou Portugal do domínio espanhol, sendo aclamado rei o Duque de Bragança, com o nome de D. João IV.



Montalvão

A essa altura, chegou ao Brasil o Marquês de Montalvão, D. Jorge de Mascarenhas, nomeado 1.º Vice Rei, que logo entrou em entendimento com Nassau a fim de evitar os atos de pirataria praticados pelos holandeses nas costas brasileiras.

Tomada e retomada de Angola

Uma expedição holandesa tomou o território de Angola (África). Os brasileiros, sob o comando de Salvador Corrêa de Sá, o retomaram.

Aspectos favoráveis e desfavoráveis do governo de Nassau

Enquanto Lisboa mantinha com Haia conversações no intuito de protelar a guerra e consolidar seu domínio no Brasil, Maurício de Nassau, em Pernambuco, descontentava a todos os brasileiros com suas arbitrariedades e promessas não cumpridas, o que era consequência dos compromissos assumidos junto à Companhia das Índias Ocidentais. Entretanto, Nassau possuía qualidades morais invulgares e dotes de inteligência enriquecidos pelo gosto votado às ciências e às artes.

Seu espírito reflete-se na Cidade Maurícia, no Palácio de Friburgo, belo trabalho de arquitetura, contendo em seu interior um museu, uma biblioteca, uma sala de música e outras de estudos.

Além desse palácio, Nassau construiu o da Boa Vista e ligou os dois edifícios por uma larga avenida de palmeiras. Ali, no Boa Vista, Maurício reunia os intelectuais, passando com eles horas em que se esquecia das intrigas políticas e dos interesses mesquinhos da Companhia.

D. João IV — Fundador da Dinastia de Bragança (1604-1656). A revolução de 1.º de dezembro de 1640, em Lisboa, foi vitoriosa, sem a sua participação. Por decisão de sua esposa, D. Luísa de Gusmão, teve de aceitar a coroa que lhe era oferecida. Sustentou guerra contra a Espanha durante oito anos, consolidando-se a independência portuguesa.

Angola — Atual província ultramarina portuguesa. Era no século XVII o grande empório do tráfico de escravos praticado pela Inglaterra, Portugal e outros países. Os holandeses interessados nesse negócio, apoderaram-se, como vimos no texto desta lição, do território angolês, que foi retomado pelos brasileiros. Hoje, Angola é uma das partes mais prósperas da Comunidade Lusíada, com uma bela capital, Loanda, estabelecimentos industriais e alto nível cultural.

Salvador Corrêa de Sá — (Não confundir com o sobrinho de Mem de Sá, do mesmo nome e apelidos). Este nasceu no Rio de Janeiro, em 1594 e morreu em Lisboa, em 1688. Empreendeu a reconquista de Angola, que estava em mãos dos holandeses, o que conseguiu.

QUESTIONÁRIO

1. Quais as providências da Holanda em face de suas vitórias no Brasil?
2. Quem era Maurício de Nassau?
3. Como se deu a vitória holandesa de Pôrto Calvo?
4. Por que Nassau foi derrotado na Bahia?
5. Qual o primeiro vice-rei do Brasil?
6. Como se deu a restauração da independência de Portugal?
7. Como foi tomada e retomada Angola? Quem retomou-a?
8. Quais os aspectos favoráveis e os desfavoráveis do governo de Nassau?

DEBATE: Confronte a administração de Maurício de Nassau com as ambições da Companhia das Índias Ocidentais.

CAPITULO XXVII

A INSURREIÇÃO

Conspiração dos patriotas

Enquanto o governo de D. João IV continuava as intermináveis conversas com a Holanda, negociando a venda aos batavos do território por eles conquistado, os patriotas brasileiros conspiravam, preparando movimento de larga envergadura contra os holandeses.

O Governador Geral, agora Antônio Teles da Silva, percebe o que se vai passando e resolve *articular* o movimento insurrecional. Manda André Vidal de Negreiros à Paraíba, onde este, com habilidade, tudo prepara.

Os primeiros a se levantarem em armas foram os maranhenses. Em fins de 1642, rebenta a *sedição* em São Luís. No mesmo instante, no Ceará, rebelam-se os índios e massacram todos os holandeses que ali se encontravam. Em março de 1643, retiram-se de São Luís os invasores. Tinha começado a insurreição.

Em 1644, Nassau, a seu pedido, foi exonerado do cargo de Governador, regressando à Holanda.

A perda do Maranhão e do Ceará, as informações sobre a preparação de grande movimento revolucionário, alarmam os holandeses em Recife. Cientes do que se preparava, resolvem tomar a ofensiva. No primeiro combate, no Monte de Tabocas, os holandeses

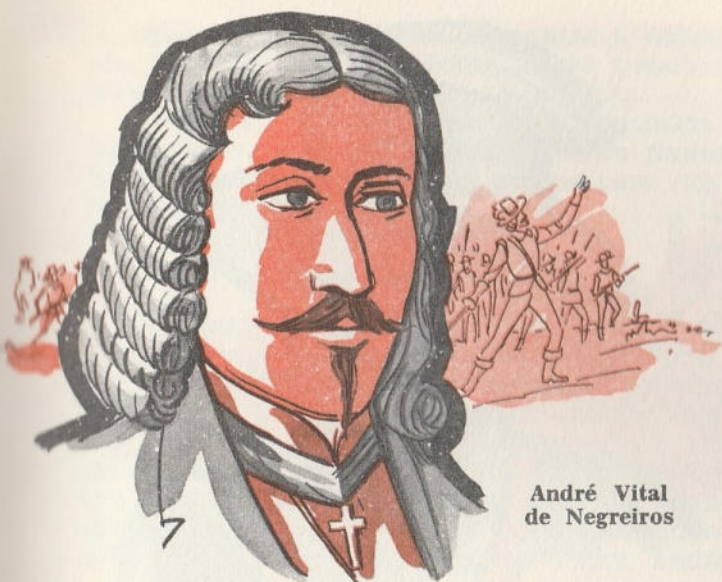
foram mais uma vez vencidos pelas forças brasileiras sob o comando de João Fernandes Vieira, auxiliado pelas forças de Camarão e Henrique Dias.



Índios massacrando holandeses

Três vultos simbólicos

As três raças, que fundavam a construção da futura nacionalidade brasileira, não podiam tolerar a invasão de um povo estranho que não sofrera os sacrifícios de mais de um século para transformar o país inculto em manancial de riquezas. Como símbolo dessas três raças, aparecem no cenário da guerra holandesa: André Vidal de Negreiros (chefe dos brancos), Felipe Camarão (dos índios) e Henrique Dias (dos negros).



André Vital
de Negreiros



Felipe Camarão



Henrique Dias

A insurreição alastra-se

Foram tomados pelos brasileiros, Pôrto Calvo e o Forte Maurício. A situação dos holandeses era precária. As últimas vitórias dos insurgentes levaram os invasores a se ilharem em Recife e Olinda, onde trataram de se fortificar para a resistência. A essa altura, o Rei de Portugal nomeava Francisco Barreto de Menezes, general do Estado do Brasil e dava-lhe a incumbência de assumir o comando da guerra contra os holandeses.

A Holanda, vendo perigar os seus domínios no Brasil, mandou um reforço de navios e 2.000 soldados comandados por Van Schkope, que chegou a Recife em 1646. Sua primeira preocupação era retomar Olinda, agora em poder dos brasileiros. A luta foi dura e Schkope, ferido, regressou a Recife.

Sua segunda tentativa foi contra a Bahia; dispunha de 4.000 soldados contra 1.000 brasileiros que foram *desbaratados*, tendo perecido 600.

Correndo, entretanto, em Recife, a notícia de que se preparava em Lisboa uma esquadra destinada ao Brasil, Van Schkope recebeu ordens para regressar a Pernambuco.

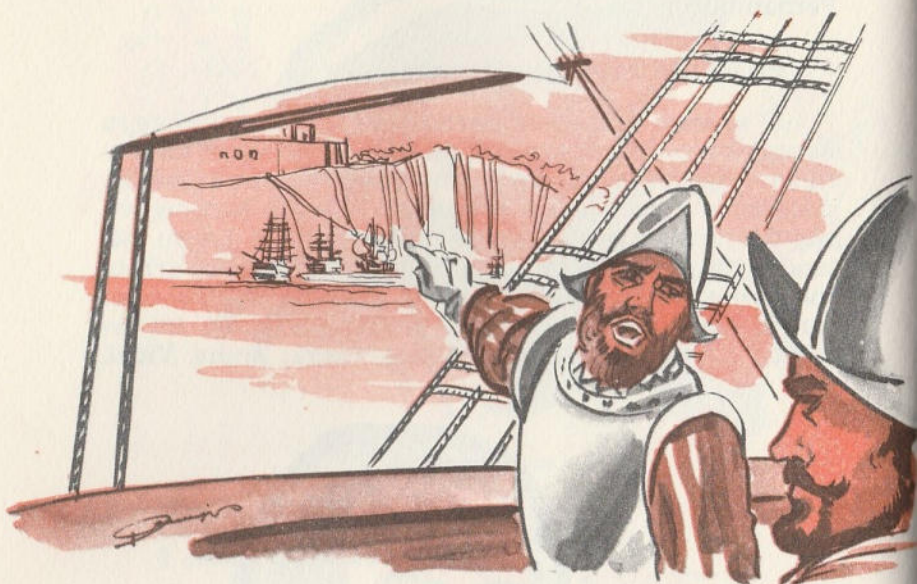
Prisão de Francisco Barreto

O general Francisco Barreto de Menezes veio para Pernambuco trazendo dois navios. No litoral da Paraíba, numerosos navios holandeses se apoderaram das duas naus e prenderam o general. Estêve êste na prisão durante nove meses até que um dia o jovem holandês Francisco Braa, filho do cabo carcereiro, arranhou meios de facilitar a fuga de Barreto levando-o ao campo dos patriotas, onde o oficial português foi recebido com júbilo por Fernandes Vieira, André Vidal,



Fernandes Vieira

Camarão e Henrique Dias. Quanto ao môço Braa, Barreto tomou-o como ordenança, mais tarde o fêz sargento-mor e lhe obteve o hábito de Cristo.



Reforços para os holandeses

Poderosos reforços da Holanda

Vendo a crítica situação em que se encontravam os seus em Recife, a Holanda enviou para acudi-los 9.000 soldados. Somando-se às tropas já existentes em Recife e mais os 2.000 que vieram com Van Schkope, o exército holandês era agora potentíssimo.

Em contraposição, os brasileiros contavam apenas com 3.000 homens. Como medida preliminar, os insurgentes arrasaram tôdas as suas posições, concentrando-se no Arraial do Bom Jesus.

Primeira batalha dos Guararapes

Van Schkope quis dar grande aparato ao ataque que iria desferir aos nacionais. Ordenou seu exército de 7.500 homens e 300 índios tapuias, com 50 bandeiras. Rufaram os tambores, tocaram os clarins e, à frente, o majestoso estandarte em que fulguravam as armas da Casa de Orange.

O pequeno exército libertador opôs, a essa arrogante pompa, o senso estratégico de seus chefes. Colocou-se entre as colinas de Guararapes e um pantanal que se estendia até ao mar.

Na manhã de 19 de abril de 1648, os libertadores avistam o inimigo que se aproxima, cheio de vaidade. A batalha começa entre 9 e 10 horas daquele dia. A iniciativa é de André Vidal de Negreiros, que investe à arma branca, tomando ao inimigo várias peças de artilharia. Num dos flancos, recua Henrique Dias; mas quando os flamengos começam a entusiasmar-se, Vidal irrompe sobre eles, desmantelando-lhes os batalhões. Pelas três horas da tarde, os holandeses davam evidentes sinais de fraqueza. Ao cair da noite, cessa o fogo, para recomeçar no dia seguinte. Esperavam-se os combates decisivos. Os inimigos não se distinguiam nas trevas. Mas eis que aponta a madrugada. Aos brasileiros estava reservada uma surpresa como a de Tabocas: não havia o menor vestígio dos inimigos em todo o horizonte. O orgulhoso exército de Schkope havia fugido com a cumplicidade da escuridão. Os brasileiros estavam vitoriosos. Tinham perdido 90 combatentes; os holandeses perderam 1.000 e deixaram no campo armas e munições.

Segunda batalha de Guararapes

Não se conformavam os holandeses com tamanha derrota. Porta-voz do geral descontentamento, propôs-se o coronel Brink a atacar os patriotas brasileiros, agora com maior técnica.

Organizou Brink um exército menos numeroso que o anterior (5.000 homens escolhidos aos quais se juntavam 200 tapuias) e, com poderoso concurso de armas,



pôs-se em marcha para as mesmas colinas de Guara-
rapes, cujas *eminências* ocupou. Tinham decorrido
dez meses após o desastre militar que naquele sítio
acabrunhara os holandeses.

O general Francisco Barreto mobilizou rapidamente 2.600 soldados e foi ao encontro do inimigo. No dia 17 de fevereiro de 1649, os libertadores fingiram tomar posição em face do exército de Brink, mas durante a noite manobram em silêncio, cercando as tropas inimigas. No dia seguinte, Fernandes Vieira, atacava-as com impetuosidade. Por outro lado, André Vidal e Francisco Figueiroa *acometem-nas*. Já não estava ali o legendário Camarão, que morrera na primeira vitória naqueles montes, mas estavam os seus índios. Presente em todos episódios da árdua campanha de 28 anos, Henrique Dias participava da batalha.

Vendo os holandeses insustentável a sua situação, resolveram retirar-se. Marchou primeiro um regimento, depois a artilharia, em seguida outros regimentos. O general Francisco Barreto *deliberou* persegui-los. Resistiu a retaguarda, comandada por Tenberg. Em seu

socorro vieram as tropas de Hautijn e de Claes, mas tiveram de pôr-se em fuga. A confusão entre os holandeses foi indescritível e agravada pela intervenção de Van den Brande e Van Elts que, pretendendo acudir aos seus, foram enovelados pela balbúrdia em que êstes se encontravam.

A vitória dos *insurretos* nesta segunda batalha de Guararapes foi maior do que a primeira. O bravo coronel Brink pagou a audácia com a vida. Morreram ainda 173 oficiais holandeses e 855 soldados. Ficaram no campo armas e munições, inclusive cinco peças de artilharia, dez bandeiras, incluindo o orgulhoso estandarte da Casa de Orange.

ELUCIDÁRIO

João Fernandes Vieira (1613-1681) — Depois de ter secundado a ação de Matias de Albuquerque contra os holandeses, retirou-se à vida privada, quando o domínio da Holanda se consolidou. Não cessou, entretanto, de, secretamente, agir contra os dominadores. Na fase decisiva da guerra de recuperação de Pernambuco, assumiu ostensivamente a chefia dos *insurretos*, passando posteriormente o comando a Francisco Barreto a quem muito ajudou. Pelo seu prestígio, foi o centro do movimento libertador.

André Vidal de Negreiros — Nasceu na Paraíba. Desde 1636, tomou parte nas guerrilhas contra os holandeses. Estêve na Bahia, quando esta foi atacada pelos invasores e conquistou renome. Foi sempre, ao mesmo tempo, homem de capacidade militar e hábil conspirador.

Camarão — D. Antônio Felipe — era um guerreiro índio, da tribo dos potiguaras e seu nome de origem era Poti. Durante a prolongada luta contra o domínio holandês, fez prodígios de bravura à frente de seu exército índio. Levava nas batalhas sua esposa Clara, que cheflava as mulheres selvagens. Em homenagem aos méritos de Camarão, Felipe IV concedeu-lhe o título de "dom" e o hábito de Cristo. Uma carta régia conferiu-lhe brasão de armas e a nomeação de capitão-mor de todos os índios do Brasil. Morreu em combate na primeira batalha de Guararapes.

Henrique Dias — Foi o herói negro da guerra holandesa. Era filho de africanos libertos, dedicados à lavoura. Em 1633, apresentou-se a Matias de Albuquerque, oferecendo-se para combater à frente de 35 negros. Demonstrou **inaudito** valor na batalha de Igarau. Quando os holandeses tomaram o Arraial do Bom Jesus, Henrique Dias caiu prisioneiro. Os flamengos fizeram tão pouco caso dele que o puseram em liberdade. Imediatamente se apresentou ao general português e retomou as atividades guerrilheiras. Na batalha de Pôrto Calvo, perdeu a mão esquerda. Os holandeses temiam-no porque seus inteligentes estratégias os punham em constante sobressalto.

Felipe IV deu a Henrique Dias o hábito de Cristo e o título de fidalgo, a patente de governador de pardos e crioulos e o posto de Mestre de Campo. Depois das duas batalhas de Guararapes, em que se distinguiu, veio a morrer em Recife em 1662.

Casa de Orange — Orange foi a capital de um principado do mesmo nome que passou no século XVI para a casa de Nassau. A família real da Holanda é ainda conhecida como Casa de Orange.

QUESTIONÁRIO

1. Como começou a insurreição contra os holandeses?
2. Quando e por que se retirou Nassau de Pernambuco?
3. Que papel desempenhou Fernandes Vieira?
4. Como se deu a batalha de Tabocas?
5. Quais os três vultos simbólicos na guerra holandesa? Que fizeram?
6. Qual a atitude de D. João IV em relação aos insurgentes? Por quê?
7. Que medidas dissimuladas tomou o Governador Antônio Teles da Silva?
8. Que propostas fazia D. João IV à Holanda?
9. Com que forças e com que título veio Van Schkope a Pernambuco?
10. Que fez na Bahia?
11. Como foi prêsso e libertado Francisco Barreto?
12. Que aconteceu na primeira batalha dos Guararapes?
13. Que aconteceu na segunda batalha dos Guararapes?

DEBATE: O Português, o índio e o negro — as três colunas da nação brasileira.

CAPITULO XXVIII

FIM DO DOMÍNIO HOLANDÊS

Vitória total dos insurgentes

Corria o ano de 1653.

Os holandeses, após as derrotas sofridas em Guararapes, embora com muitas fôrças, ficaram sitiados em Recife, até que, decorridos três anos, os insurgentes, comandados por João Fernandes Vieira e Francisco Barreto, com reforços recebidos de Portugal, resolveram atacá-los por mar e por terra.

Após vários ataques, dos quais saíram vitoriosos, os libertadores romperam pesado fogo contra os batavos e tomaram a Cidade Maurícia, no dia 25 de janeiro de 1654. Os holandeses, vencidos, trataram com os vencedores as condições da *capitulação*.

Iniciaram-se as conversações que duraram três dias. Os holandeses propunham, no caso de ter havido na Europa qualquer acôrdo entre Portugal e Holanda, fôsse o mesmo respeitado. Interpretando o pensamento de todos os chefes libertadores, Francisco Barreto respondeu que êles nada tinham a ver com as combinações que porventura se fizessem na Europa. Era o primeiro sinal de independência do nosso país.

A paz

Em fins de janeiro de 1654, foram assinadas as pazes entre os holandeses e os *insurgentes*. Francisco Barreto entrou em Recife acompanhado do exército vitorioso e dos chefes batavos, que foram tratados pelos nossos com perfeita cortesia. Logo após, regressaram à Holanda.



Conseqüências da guerra holandesa

Essa guerra influiu poderosamente para a formação da consciência nacional brasileira.

Viram os nossos patricios do que eram capazes, lutando, as mais das vêzes sòzinhos, pois os socorros da Metrópole tinham sido poucos e, quando restaurado o trono português, foram prejudicados pela Política de D. João IV.

ELUCIDARIO

Francisco Barreto de Menezes — Oficial português. De 1640 a 1647, combateu contra os espanhóis. Neste último ano foi nomeado por D. João IV chefe das forças de Pernambuco em luta contra os holandeses. Em 1654 conseguiu completa vitória. Foi depois capitão general de Pernambuco e Governador Geral (1659).

QUESTIONARIO

1. Que ocorreu em 1653?
2. Como se deu a vitória final dos brasileiros?
3. Quais as cerimônias da entrada solene de Francisco Barreto em Recife?
4. Quais as consequências da guerra holandesa no novo estado de espírito dos brasileiros?

DEBATE: Nossos patrícios viram do que eram capazes lutando sòzinhos.

CAPÍTULO XXIX

EXPANSÃO TERRITORIAL

Conhecimento da terra

Os primeiros núcleos populacionais europeus estabeleceram-se no litoral, como temos visto em lições anteriores. No século XVI só havia no interior as vilas de Santo André da Borda do Campo e São Paulo. A primeira expedição por terra a dentro foi de Américo Vespúcio, em 1503, com 30 homens, saindo de Cabo Frio. Fala-se também numa penetração de Aleixo Garcia, que teria ido de S. Vicente ao Peru. Em 1531, mandou Martim Afonso quatro homens para pesquisar o que havia no sertão e, posteriormente, determinou a expedição de Pero Lobo. Atendendo a recomendações de Lisboa, o primeiro Governador Geral, Tomé de Sousa, mandou Jorge Dias explorar o Rio São Francisco e Sebastião Fernandes Tourinho o Rio Doce. Em 1574, Antônio Dias Adorno, em 1592, Gabriel Soares penetram o interior. Já no tempo das Capitanias, Duarte Coelho mandou Paulo Afonso percorrer o rio São Francisco. Mas as investidas à amplidão continental começaram nos primeiros anos do século XVII.

Os Bandeirantes

Cabe predominantemente aos paulistas a obra prodigiosa da conquista do território que hoje constitui a Pátria Brasileira.

A vida *sedentária* nas fazendas mais próximas de São Paulo não satisfazia àqueles homens sedentos de audaciosas emprêsas. O curso dos rios deslizando na direção do oeste convida-os às aventuras sertanejas.



Composição das Bandeiras

O Bandeirismo começou no século XVI, com o objetivo de subjugar os índios para empregá-los nas *fainas* agrícolas; mais tarde os Bandeirantes visavam à descoberta de minas de ouro e de pedras preciosas. No íntimo sentiam o desejo de dilatar o domínio paulista sobre o território ocupado pelos espanhóis. Havia, para isso, a facilidade da união das duas colônias peninsulares (1580-1640). Se todos eram súditos do

Rei da Espanha, que mal havia em que os paulistas devassassem o continente luso-espanhol? Nem Madri se preocupava com as penetrações de seus vassalos de São Paulo, nem os castelhanos do Oeste poderiam reclamar.

As Bandeiras eram organizadas por um chefe que recrutava brancos, mamelucos, índios, os quais se sujeitavam a uma disciplina rigorosa. Uma Bandeira era uma pequena república *itinerante*, usando leis próprias cumpridas ao longo das jornadas.

As armas usadas pelos componentes da expedição eram o arcabuz, a espada, o facão, as flechas dos índios. Brancos e mamelucos vestiam gibões acolchoados, para se precaverem contra flechas de selvagens inimigos.

Calçavam botas altas de couro cru e cobriam-se com chapeirões de abas largas. Para prover à alimentação levavam farinha de mandioca ou de milho, carne seca (com que faziam paçoca) e rapadura. Acabando as provisões, escolhiam um local onde plantavam milho e feijão, ali estacionando até à colheita com que se abasteciam para continuar a marcha. Para tais misteres, levavam ferramentas. Recorriam também à caça e à pesca.

As Bandeiras levavam, às vezes, centenas de homens e também mulheres. No dia da partida celebrava-se uma missa solene. Os Bandeirantes despediam-se. Nenhum deles tinha certeza de voltar. Alguns faziam testamento, outros o escreveram em plena floresta, vendo a morte aproximar-se.

Guiavam-se pelos cursos dos rios. Perdidos nas matas, consultavam as constelações. Dormiam à luz das fogueiras. Ao romper da aurora, prosseguiram a marcha. Era o Brasil andando em busca de seu destino histórico.

O ciclo do Bandeirismo

O período em que se desenvolveu o que poderemos chamar "Epopéia das Bandeiras", começa em 1602 com Nicolau Barreto e prossegue nos séculos XVII e XVIII, que assinalam a ocupação territorial, a descoberta das

minas de ouro e pedras preciosas, a fundação das cidades de Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, a expansão para o Sul e a penetração na Amazônia.

Numerosas foram as iniciativas paulistas visando à conquista do sertão. Partiam as Bandeiras de São Paulo, de Sorocaba, de Taubaté, de Guaratinguetá.

Falemos de alguns dos heróis que conduziram Bandeiras pelo território da nossa Pátria.

Raposo Tavares

Antonio Raposo Tavares era português, nascido em Beja. Com cerca de 20 anos, acompanhou a seu pai quando este veio para o Brasil (1618). Fixou-se em São Paulo, casando-se com Beatriz Furtado de Mendonça. Em 1627, as Atas da Câmara local o denunciavam como amotinador do povo e organizador de uma Bandeira. Em 1628, sua milícia está constituída. Era a maior de todas as que até então se fizeram: 900 mamelucos, 2.200 índios. Com Manuel Prêto vai ao Guairá, atacando as "reduções" dos jesuítas. Os paulistas temiam que se formasse, relativamente próxima deles, tão poderosa concentração de guaranis e mais propensos à Espanha do que a Portugal. Em 1639, Raposo comandou as forças paulistas que foram socorrer os pernambucanos na guerra contra os holandeses. Estêve no Rio Grande do Norte e na Bahia, onde concorreu para a defesa



Raposo Tavares

daquela Capitania. Em 1641 estava de nôvo em São Paulo.

A maior expedição de Raposo Tavares foi a de 1648. Contava 50 anos de idade. Foi ao Paraguai, dali atravessou o Chaco, andou pela Bolívia, desceu o rio Mamoré, atingiu o rio Madeira, por êste, alcançou o Amazonas e atingiu Belém do Pará, onde chegou em 1651. Quando, após tão dilatado roteiro, regressou a São Paulo, sua própria família não o reconheceu. Mas Raposo Tavares cumpria o seu destino: o de integrador do Oeste no patrimônio territorial brasileiro.

Raposo e Teixeira

Foi um encontro histórico. Não na coincidência das datas, mas no curso das aventuras. Em 1637, Pedro Teixeira saiu de Cametá (Pará) com setenta canoas, levando setenta soldados e 1.200 índios marajoaras e subiu o rio Amazonas. Descobriu o Rio Negro, atingiu o Peru. Por todos os lugares principais foi plantando marcos de posse para a Coroa Portuguesa. Agora, era Raposo Tavares, que vinha no sentido inverso, passando antes pela região do Mamoré-Madeira. Consolidavam ambos a posse do Brasil sobre a Amazônia.

Fernão Dias

Nasceu em 1607. Casou-se com Maria Betina Garcia, descendente de Tibiriçá pelo ramo materno e de um irmão de Pedro Álvares Cabral.

Fernão Dias começou a notabilizar-se quando comandou uma Bandeira aos sertões do Paraná, entrando na região entre o Tibagi e o Ivaí, onde os guaianases se concentravam em três reinos chefiados pelos caciques Tombu, Sondá e Gravitaí. *Parlamentando* com êsses chefes, conseguiu levá-los, com seus povos, para o Planalto de Piratininga.

Contava Fernão Dias 67 anos, quando empreendeu a maior aventura da sua vida: ir aos sertões à procura de esmeraldas. O Governador Geral do Brasil, D. Afonso Furtado de Mendonça, deu-lhe carta-patente em



Fernão Dias

1672, pela qual Fernão Dias tinha o direito de submeter a Bandeira a regime militar, conferindo-lhe ainda o poder de punir e até condenar à morte aqueles que julgasse passíveis de tais castigos.

Faziam parte da Bandeira: Matias Cardoso, nomeado adjunto pelo Governador Geral; Manuel Borba Gato, genro de Fernão Dias; Garcia Rodrigues e José Dias Paes, filhos do Bandeirante. Com seus mamelucos e índios, a Bandeira seguiu pelo Vale do Paraíba, até Guaratinguetá. Dali subiu a Serra da Mantiqueira. Foi ao local onde mais tarde se ergueu a cidade de São João-Del-Rei. Prosseguiu rumo ao rio Paraopeba e acampou onde hoje existe a cidade de Lafayete, antes Queluz de Minas. Deteve-se, para fazer plantações com que se abastecessem os sertanistas.

É nessa ocasião que começam as deserções. O próprio Matias Cardoso, julgando já insensata a empresa, regressou a São Paulo. Mas a marcha da Bandeira prossegue. Agora Fernão Dias conta apenas com seus

familiares e os índios. Cheio de tristeza no coração e a esperança na alma, o velho sertanista continua a alimentar-se do sonho: a serra das esmeraldas. Chega a Sabará-Buçu. Acampa. Faz plantações. Demora-se ali quatro anos, explorando as terras de redor. Começa a lavrar o desânimo nos que ainda restam na Bandeira. Urde-se uma conspiração que é descoberta. O chefe é o próprio filho de Fernão Dias, José Dias. O plano é matar o Bandeirante, já com 70 anos, e voltar para São Paulo. Não trepida o pai diante da traição do filho: condena-o à morte e José Dias é enforcado. A Bandeira enche-se de pavor.

Por tal fato amargurado, Fernão Dias sofre ainda a insuficiência de provisões para prosseguir a jornada. Escasseiam a pólvora, o chumbo, as ferramentas, os mantimentos. Manda emissários a São Paulo para se valer dos socorros da espôsa. Mais uma vez Maria Betina tudo sacrifica e manda os recursos de que o marido precisa. Ela crê nêle e, mesmo que não cresse, não o desampararia, porque êle sonha talvez o derradeiro sonho de sua vida e ela quer confortá-lo com seu amor.

A essa altura, o genro de Fernão Dias, Borba Gato, descobre minas de ouro e de pedras preciosas. Mas a idéia fixa do Bandeirante são as esmeraldas. Está agora com 74 anos. Atinge as águas do Vupabuçu (extremo norte de Minas) e devassa aquelas terras em tôdas as direções.

Finalmente, o herói encontra as pedras verdes. Muito tinha custado à Bandeira: mortandade pelas febres, pelas flechas dos índios inimigos, o *exaurimento* das forças físicas dos seus homens. Mas ali estavam as esmeraldas.

Atacado pela maleita, o velho Bandeirante arde em febre. Sente a morte aproximar-se. Nas suas mãos trêmulas brilham as pedras verdes. Entrega-as a Garcia Rodrigues para que as leve para São Paulo e as mostre ao Senado da Câmara e à sua mulher, como um triunfo a premiar-lhe tanta dedicação. Passa ao genro Borba Gato o comando da Bandeira. E fecha os olhos para sempre.

Mais tarde, os peritos verificaram que as pedras não eram esmeraldas, mas simples turmalinas. Que importa? Os sonhos humanos jamais se concretizam segundo a imaginação dos que os perseguem. O principal é que eles constituam o estímulo para a realização de grandes feitos cujas consequências os sonhadores jamais poderiam supor.

O Anhangüera

Corre o ano de 1662. Uma Bandeira parte de São Paulo, na direção do Planalto Central. É chefiada por Bartolomeu Bueno da Silva. Atingiu o sul de Goiás. Prosseguiu até ao rio Araguaia. Ali encontrou Bueno outra expedição paulista, que tinha entrado pelo rio Paraguai e voltava de Cuiabá. Era comandada por Antônio Pires de Campos. Enquanto este devastara



Principais Bandeiras — de acôrdo com o mapa das Bandeiras dos séculos XVI, XVII e XVIII — organizado em 1922 por Affonso D'Escragnolle Taunay

os sertões de Mato Grosso, Bartolomeu Bueno, desvendava os sertões goianos. Procedendo do Araguaia, veio Bueno dar com aldeias de índios goiases. Viu que as índias, nas proximidades da Serra Dourada, se adornavam de palhêtas de ouro. Perguntou aos selvagens onde havia aquêlê metal, nada obtendo em resposta. Mandou vir, então, uma gamela, com certa quantidade de aguardente e meteu-lhe fogo. Ao verem o líquido incendiado, os índios ficaram estupefactos e percebendo Bartolomeu o seu espanto, disse-lhes que iria queimar as águas dos rios, se êles não lhe dissessem onde havia ouro. Diante disso, tudo se facilitou e o Bandeirante foi chamado pelos índios "Anhangüera", o que significa "diabo velho".

A exploração de tais minas, entretanto, só se efectivou 40 anos depois, quando o filho do Anhangüera, Bartolomeu Bueno, o môço, seguindo as pegadas do pai, voltou ao território goiano. Êste segundo Bueno acompanhara o progenitor naquela primeira Bandeira, tendo a idade de 12 anos. Em 1722, contando 52 anos, acordou-lhe no espírito a idéia de reencetar as explorações paternas. A sua Bandeira partiu de São Paulo com duzentos brancos e centenas de índios. Tendo-se esquecido dos roteiros do pai, o novo Bueno andou perdido mais de três anos pelos sertões do Oeste, até que chegou às chamadas minas de Sant'Ana. Voltou



a São Paulo, de onde veio com novos recursos de gente e de quanto precisava, dando comêço à exploração do ouro e fundando a cidade de Goiás.

Pascoal Moreira Cabral

Em 1718 é Pascoal Moreira Cabral Leme que entra pelas terras de Mato Grosso. Sobe o rio Cuiabá até à barra do Coxipó-Mirim. Penetra o sertão, chega à barra do Rio Motuca. Usando de batéia rudimentar, colhe apreciável quantidade de ouro. Era mais um bandeirante que avançava além do meridiano das Tordesilhas.

QUESTIONÁRIO

1. Quais as penetrações do sertão brasileiro no século XVI?
2. Quem eram os Bandeirantes Paulistas?
3. Por que os mamelucos sentiam a atração do Oeste? (ver leitura complementar)
4. Que fatores influíram para os paulistas invadirem os sertões?
5. Como se vestiam, que armas levavam e como se alimentavam os Bandeirantes?
6. Quando começa o período mais intenso do Bandeirismo?
7. Quem era Raposo Tavares e o que fez?
8. Quem era Fernão Dias e quais as suas aventuras?
9. Que idade tinha Fernão Dias quando morreu, tendo descoberto as supostas esmeraldas?
10. Quem o sucedeu no comando da Bandeira e que descobriu?
11. Como se chamava o descobridor de Goiás e qual o apelido que os índios lhe deram e por que esse apelido?
12. Que outra Bandeira Paulista foi encontrada no Araguaia, de onde viera e quem a comandava?
13. Quantos anos depois se realizou a exploração das minas descobertas pelo Anhangüera; quem as explorou e como?
14. Que fez Pascoal Moreira Cabral?

DEBATE: Confronte o ardor dos bandeirantes e a atual conquista da Amazônia.

Raça de gigantes

O naturalista e escritor francês Saint'Hilaire qualificou os Bandeirantes Paulistas como Raça de Gigantes. Baseado nesse conceito, Alfredo Ellis Junior publicou em 1928 um livro no qual revela amplos conhecimentos de etnografia, antropologia, geografia humana e história. Estuda as origens raciais dos povoadores da Capitania de São Vicente; detém-se na pesquisa das etnias que concorreram para a formação dos povos das Espanhas; inquire as fontes genealógicas de que provieram os paulistas; examina o tipo dos índios que entraram no processo dos cruzamentos no Planalto e, ao cabo da leitura de seu trabalho, não nos resta dúvida de que os homens que recuaram o meridiano das Tordesilhas eram realmente excepcionais.

O cruzamento com os índios foi inevitável e a raça, com que se conjugaram os europeus em Piratininga era das mais saudáveis. Não houve, no século XVI e grande parte do XVII, contribuição africana nos **caldeamentos** raciais em Piratininga. Falando dos povoadores de São Paulo, Oliveira Viana afirma que constituíam "a elite das populações ibéricas". Dos guaianases, que se cruzaram em maior proporção com os brancos, Gabriel Soares, em 1587, faz os maiores elogios.

A partir de 1530, forma-se a primeira geração de brasileiros no Planalto. São os mamelucos. Há nêles a confluência do homem renascentista da Europa e a saudade atávica do Oeste, de onde vieram, em época pré-cabralina, seus ancestrais. Constituem o elemento principal das Bandeiras.

Bandeiras que merecem registro

Além das bandeiras mencionadas na lição precedente, houve outras, entre as quais as seguintes:

Pascoal Paes de Araujo (no São Francisco e Tocantins); Lourenço Castanho Taques (sertão dos Cataguazes); Francisco Pedro Xavier (território meridional do Brasil); Antônio Rodrigues Arzão (o primeiro a revelar a existência de ouro em nosso país); Salvador Furtado de Mendonça e João Lopes de Lima (descobridores de minas onde está hoje a cidade de Mariana); Antonio Dias e Padre Faria (fundadores da cidade de Ouro Preto); Borba Gato (descobridor das minas de Sabará); o já mencionado segundo Anhangüera (com João Leite Ortiz e Domingues do Prado vai ao local onde hoje está Belo Horizonte); Miguel Sutil, Fernando Paes de Barros e Rodrigues Vilar, desbravadores de Mato Grosso, até Guaporé; Bartholomeu Bueno de Siqueira (penetrou o sertão de Goiás); Braz Cubas (descobriu ouro no Sul de São Paulo e em Minas Gerais); Afonso Sardinha (estêve no Sul de Minas Gerais); Domingos Jorge Velho (percorreu Alagoas e Pernambuco); Manoel de Campos Bicudo (estêve em Mato Grosso e nas proximidades do Rio Madeira); Estevam Ribeiro Bayão Parente (percorreu o litoral da Bahia).

CAPÍTULO XXX

NOVAS INVASÕES FRANCESAS

Portugal — França — Inglaterra

Corria o ano de 1703. Governava Portugal D. Pedro II, filho de D. João V. Apesar dos esforços do rei de França, Luís XIV, para atrair Portugal à sua influência, Lisboa inclinou-se para Londres. A França resolveu hostilizar o governo de Lisboa. De que modo? Agredindo o Brasil.

Duclerc

A 16 de agosto de 1710, surgiram na baía do Rio de Janeiro 5 navios comandados por Jean François Duclerc. Vendo a impossibilidade de desembarque no Arpoador ou na barra da Tijuca, o comandante francês vai a Guaratiba e entra por Jacarepaguá, atingindo o Engenho Velho com 1.000 soldados.

O povo carioca se levanta em armas. Arregimentam-se estudantes, empregados no comércio, funcionários. Tenta Duclerc entrar pela atual Rua do Riachuelo, antiga Mata-Cavalos. É derrotado por Bento do Amaral Coutinho. Manobra então, subindo o morro e descendo para o baixio que hoje denominamos Largo da Lapa. Enfrenta-o a força comandada pelo frade Francisco Menezes. Conseguiu Duclerc desbaratar essa

tropa e marchou para o centro da cidade, pela rua atualmente chamada de São José e chegou ao largo hoje denominado Praça 15. Ali ficou em situação difícil. Estava sitiado, teve de render-se. As perdas francesas foram de 500 mortos e mais de 100 feridos. Os navios que trouxera, sabendo da sua rendição, voltaram para a Europa. Posto em liberdade, Duclerc passou a residir na atual Rua da Candelária. Em 18 de março de 1711, foi encontrado ali assassinado, não se sabendo até hoje quem o matou ou quem o mandou matar.

Duguay-Troin

Rápida foi a ação da França *revidando* a derrota de Duclerc. Agora Luís XIV manda uma armada de 17 navios, 700 canhões e 4.000 soldados. Em setembro do ano de 1711, a esquadra francesa chegou ao Rio de Janeiro. Vinha comandada por Duguay-Troin, que se notabilizara em façanhas marítimas, desde 1691.

Duguay-Troin, à distância da cidade, aguardou o momento propício para o ataque. Este veio na manhã de 12 de setembro, quando densa neblina cobria a baía de Guanabara. Os franceses entraram e tomaram posição. A essa altura, chegava Gaspar da Costa, com navios e homens enviados de Lisboa, mas vendo a impossibilidade de resistir a forças tão poderosas, incendiou seus navios para não caírem nas mãos do inimigo.

Inicialmente, Duguay-Troin ocupou a ilha das Cobras e dali seus canhões bombardearam a cidade. Em seguida, operou o desembarque de 4.000 homens. Debalde o francês Gil le Doux du Bocage, avô do poeta português Bocage, achando-se a serviço de Portugal, fez fogo com a sua artilharia contra seus compatriotas. No dia 18 de setembro, os franceses propuseram a rendição da cidade. O governador Francisco de Castro Morais não aceitou a proposta e refugiou-se em Iguaçu, onde esperava reforços de Minas. A população alarmada sob o intenso fogo dos bombardeios, fugiu para as matas vizinhas. Os franceses entregaram-se à pilhagem.



Duguay-Troin

Duguay-Troin recomeçou a conversa com o Governador Moraes, que acabou cedendo: pagou ao comandante francês 610.000 cruzados, 100 caixas de açúcar e 200 bois.

Tudo se havia consumado, quando chegou Antônio de Albuquerque Coelho, trazendo 6.000 homens de Minas. Nada mais havia a fazer. A esquadra de Duguay-Troin fizera-se ao mar.

O governo de Lisboa puniu Francisco de Castro Moraes, condenando-o à prisão perpétua. Mais tarde foi perdoado.

ELUCIDÁRIO

Bocage — Referimo-nos a êste poeta, ao falar da ação de seu avô na luta contra Duguay-Troin. O nome todo do poeta era Manuel Maria Barbosa du Bocage. Nasceu em Setúbal, em 1765 e faleceu em Lisboa em 1805. Deixou apreciável obra poética, sobretudo belíssimos sonetos de sabor clássico.

QUESTIONÁRIO

1. Por que a França estava agastada com Portugal?
2. Em que ano Duclerc invadiu o Rio de Janeiro? Que fez?
3. Como Duclerc foi derrotado? Como terminou sua vida?
4. Quantos navios, canhões e soldados mandou Luís XIV ao Brasil?
5. Quem era o comandante dessa esquadra?
6. Que fez Duguay-Troin e que êxitos alcançou?
7. Em que condições rendeu-se o Governador Francisco de Castro Morais?
8. Que reforços vieram tardiamente de Minas?
9. Que punição aplicou o govêrno de Lisboa a Morais?

DEBATE: O governador Morais agiu bem ou mal aceitando as propostas de Duguay-Troin?

CAPITULO XXXI

SINAIS DE UMA NAÇÃO QUE NASCIA

Psicologia social do Brasil

Estamos vendo, através das narrativas precedentes, como a Pátria Brasileira vai tomando corpo, desenvolvendo-se no sentido de se fazer uma Nação.

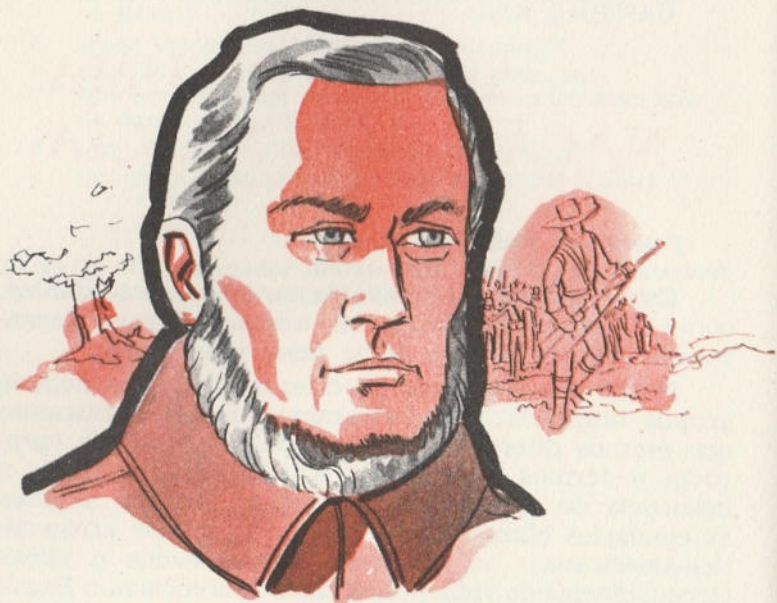
Nação é consciência de diferenciação dos demais grupos humanos. Gradativamente, íamos verificando que éramos diferentes da Metrópole. O idioma (*prosódia* e termos afro-tupis); a *indumentária* (sob a influência do clima); as construções também sujeitas às condições climáticas; a culinária (síntese afro-asiática-americana); os costumes, subordinados a novas circunstâncias de vida — tudo isso diferenciava o Brasil da Mãe Pátria. Havia ainda os cruzamentos, com grande preponderância do espírito selvagem de independência. A guerra contra a Holanda e a epopéia das Bandeiras consolidaram nosso sentimento de auto-suficiência.

O nativismo

Era natural que apontasse, como primeiro sinal da nacionalidade nascente, o *nativismo*. Revela-se em quatro episódios: a revolta de Beckman no Maranhão, a guerra entre paulistas e emboabas, a dos mascates e a revolta de Felipe dos Santos.

Rebelião maranhense

Em 23 de fevereiro de 1684, Manuel Beckman, fazendeiro no Maranhão, reuniu seus adeptos para combinar os planos da revolução que deveria estalar. No dia seguinte, começou o movimento armado.



Manuel Beckman

As causas da revolução vinham de longe, das lutas dos caçadores de índios contra os jesuítas. A solução dada pelo Rei foi nomear para Governador do Maranhão André Vidal de Negreiros, herói da guerra contra os holandeses e conhecedor dos assuntos maranhenses.

Não agradou a solução do Rei. Igualmente no Pará, os escravizadores de índios se desentenderam com os padres da Companhia e, em 1661, invadiram seu colégio. Tentou o padre Antônio Vieira intervir

junto ao monarca, mas foi infeliz; a Inquisição, à qual era acusado, prendeu-o. Mais tarde, posto em liberdade, veio para a Bahia, onde morreu em 1681.

O fermento da rebeldia estava, pois, de há muito, latente no Maranhão e cresceu em 1680, quando os jesuítas conseguiram uma lei que punia os escravizadores de índios.

Em 1680, foi criada, pelo governo português, a Companhia de Comércio do Maranhão. Prometeu esta aos *escravocratas* trazer-lhes negros de Angola, mas até 1684 não lhes havia trazido nenhum. A situação agravava-se pelo monopólio exercido pela Companhia de Comércio, que impunha preços elevados aos gêneros de primeira necessidade. Foi nessa *conjuntura* que estalou a revolução.

Não se pode dizer com segurança que a rebelião de Beckman teve caráter essencialmente nativista. Era uma insurreição de interesses contrariados, sem grandeza. Mas o ostensivo desrespeito à autoridade de Lisboa revela um estado de espírito de auto-determinação que se havia gerado desde quando os maranhenses, sòzinhos, expulsaram os holandeses do seu território.

Os revoltosos triunfam

Foi prêso pelos rebelados o capitão-mor Baltazar Fernandes. Apoderaram-se êles dos Armazéns da Companhia de Comércio. Dominaram a cidade. Organizaram um governo: uma junta de representantes de cada classe. Foram decretadas as principais medidas: deposição do Governador, abolição do estanco e expulsão dos jesuítas.

A razão principal da revolta estava no estanco. Era uma espécie de armazém, no qual a Coroa fazia, por sua conta, fornecimento de aço, ferro, quinquilharias, recebendo em troca produtos do país. No Maranhão e no Pará o estanco tornou-se um instrumento de opressão e uma fonte de roubos e desmoralizações. O açúcar, o cacau, o fumo e os couros entraram em crise pelos baixos preços a que os submetiam. Além

disso, os administradores do estanco mantinham uma aldeia de índios ocupados em fazer farinha e a preparar outros produtos da terra, postos à venda por preços com os quais não podiam competir os lavradores arruinados. Os que murmuravam contra o estanco eram presos e punidos.

Vê-se, pois, que se a revolta de Beckman (chamado o Bequimão) visava a reivindicações econômicas, exprimia também o sentimento de uma população que soubera livrar-se dos holandeses e saberia livrar-se de seus novos exploradores.

Epílogo da revolta

O governo da Junta celebrou a vitória com um "Te Deum". Beckman mandou seu irmão Tomás a Lisboa para comunicar ao Rei o que se passara; o emissário foi prêso e devolvido para ser julgado com outros rebeldes. O Rei nomeou novo Governador, Gomes Freire de Andrade, que chegou em 1685 a São Luís. Fazia um ano que os revolucionários dominavam, mas os entusiasmos foram esmorecendo e, à chegada do novo Governador, deu-se a debandada. Os mais comprometidos fugiram. Ficou Beckman na cidade, só depois se ocultando. O Governador pôs a prêmio a captura do chefe da rebelião: daria a patente de capitão a quem o prendesse. Um protegido e afilhado de Beckman, chamado Lázaro de Melo, sabendo o esconderijo do padrinho, denunciou-o.

Beckman foi enforcado com Jorge Sampaio, em 2 de novembro de 1685. O delator tomou posse do cargo, mas os soldados, com indignação, recusaram-lhe obediência. O miserável reclamou do Governador, o qual, enojado, respondeu-lhe: "Prometi o posto, mas não a obediência dos comandados".

A guerra dos emboabas

A descoberta de ouro em Minas Gerais pelos paulistas despertou a ambição de aventureiros. Acorreram a Minas portugueses e pessoas de outras Capitânicas.

No ano de 1700, os paulistas dirigiram-se ao Rei, pedindo-lhe não fossem concedidas terras na zona aurífera aos que não tinham tomado parte no desbravamento daqueles sertões. Os forasteiros que chegavam aos ricos territórios foram cognominados de "emboabas", nome possivelmente oriundo de um pássaro que tem penas até aos pés, isso por usarem aquêles aventureiros polainas que lhes cobriam os tornozelos.

Pequenos incidentes foram o início de uma guerra que assumiu grandes proporções. Conflitos, escaramuças. Finalmente um paulista matou um emboaba e escondeu-se na casa de seu patrão, José Pardo. Os emboabas cercaram a casa de Pardo e mataram-no.

Não demorou muito a começar a guerra; no começo ataques de grupos isolados, depois choques de forças maiores. Corriam boatos alarmantes. Dizia-se que os paulistas estavam preparando um massacre geral dos intrusos. Estes, temerosos, concentraram-se em Caeté e aclamaram Nunes Viana Governador das Minas, o qual se preparou para a guerra. Os paulistas concentraram-se em Sabará. Naquela cidade atacou-os o chefe dos emboabas, obrigando-os a fugir em completa desordem. Dali em diante, os forasteiros se desentendem. Os que tinham vindo da Bahia e Pernambuco exigem o extermínio dos paulistas e não se conformam com a moderação de Nunes Viana, do qual se separam. Chega, entretanto, a notícia de que os paulistas de Cachoeira do Campo e Ribeirão do Carmo aprestam-se para atacar Ouro Preto. Corre Viana para ali. Tenta dois ataques infrutíferos, sendo ferido no segundo, pelo que passou o comando ao frade Francisco Menezes, que armou contra os paulistas infame cilada. Finge uma suspensão de luta e espera que os paulistas durmam tranquilos. Quando tudo era silêncio no arraial adversário, o frade o invade, alta noite, pilhando os paulistas adormecidos. Consegue uma vitória sangrenta e covarde.

Sem descansar no desenvolvimento de suas maldades, o frade Menezes nomeou como ditador de Minas o rico Nunes Viana. Os paulistas se agruparam no



Paulistas dormindo, mortos pelos emboabas

arraial do Rio das Mortes. Resolveram tomar a ofensiva. Os emboabas estavam em crítica situação, quando Viana lhes mandou o socorro de 1.000 homens, sob o comando do sanguinário Bento do Amaral Coutinho. Os paulistas suspenderam o cêrco. Mandou Coutinho persegui-los. Esgotadas as munições, propuseram-se os de São Paulo render-se, com garantia de suas vidas. Vendo, entretanto, Bento do Amaral Coutinho que aqueles homens estavam desarmados, mandou matá-los um por um. O massacre imolou 300 paulistas. Em tôdas as Minas Gerais repercutiu aquela atrocidade. O povo tomou-se de tal horror pelo local em que se dera a matança, que mudou seus caminhos, para nunca mais ali passar e deu ao sítio fatídico o nome de “Ca-pão da Traição”.

O Governador Geral, D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre, ao ter a notícia do pavoroso crime, deliberou ir êle próprio à região conflagrada, para pu-

nir os culpados. Foi uma tentativa vergonhosa, porque não dispondo de armas para conter os emboabas, teve de regressar desmoralizado.

Sinais de rebelião contra a Metrópole

O mais curioso na guerra entre paulistas e emboabas é que a ameaça de independência foi manifestada não pelos brasileiros, mas pelos próprios portugueses. Mandaram estes a Lisboa o frade Francisco Menezes para alcançar a aprovação de quanto haviam feito e sob alternativa de, ou ceder o Rei, ou se manifestarem os portugueses "sem mais dever de súditos de um rei que os abandona", dispostos a sustentar o governo que haviam aclamado. Que significa isso? Clara declaração da possibilidade de um movimento de independência. É verdade que, para adoçar tais ousadias, o esperto Frei Menezes levava valiosos presentes ao soberano e a informação de que os "*quintos*" arrecadados no último ano tinham ultrapassado o anterior.

Como solução, D. João V nomeou, para Governador, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Chegando ao Brasil, Antônio de Albuquerque, para evitar o insucesso de seu antecessor, dirigiu-se às Gerais apenas com uma pequena escolta pessoal. Foi a Caeté, dominada pelos paulistas, e mandou chamar Nunes Viana. Renunciou este "ao governo e à regência das minas, fazendo submissão, com juramento de fidelidade, aos delegados de El-Rei, presentes e futuros".

As mulheres paulistas

Uma onda de revolta ergueu-se em São Paulo com a notícia da vil traição e do assassinio de 300 homens de Piratininga. Amargura e desespero agitavam as famílias, muitas das quais perderam, no massacre, filhos, esposos e pais. Quando os que escaparam à carnificina chegaram exaustos, esfarrapados e desfigurados aos seus lares, suas espôsas os esperavam às portas das casas, bradando que não entrassem, antes que

fôsem vingar a afronta e a crueldade sofrida pelos paulistas.

Sob tal estado de espírito, organizou-se uma expedição. Foi dado o comando a Amador Bueno da Veiga. O Governador Antônio de Albuquerque veio do Rio de Janeiro encontrando-se com as forças paulistas em Guaratinguetá. Tentou dissuadir os chefes mostrando-lhes que a ordem já estava restituída a Minas. Mas o clamor das mulheres paulistas repercutia aos ouvidos dos expedicionários.

A vingança

A tropa de Bueno subiu a serra. Procurou o arraial do Rio das Mortes, onde os emboabas apressadamente trataram de se fortificar. Não tiveram tempo. Os paulistas atacaram a povoação de surpresa. Foi pavoroso o morticínio de parte a parte. Durante oito dias os homens de Piratininga saciaram sua sede de vingança. Ao cabo da semana sangrenta, retiraram-se silenciosamente para São Paulo. Podiam agora entrar nos seus lares e dizer: "Nós fomos. O crime do Capão da Traição foi punido com o sangue dos traidores e a afronta recebida foi lavada com o nosso".

Tanto da parte dos portugueses como dos brasileiros, manifestou-se nesta guerra um sentimento de auto-determinação, de desrespeito pela autoridade de Além-Mar.

Guerra dos mascates

A guerra entre mascates e brasileiros em Pernambuco é nitidamente nativista. Começou com a rivalidade entre Olinda e Recife. Em Recife se concentravam os comerciantes portugueses. Os olindenses começaram suas hostilidades excluindo-os dos cargos municipais. Os recifenses pediram ao Rei elevasse Recife à categoria de cidade, o que conseguiram em 1710. Dividindo-se os dois municípios, ficou Olinda com a maior parte da área territorial. O símbolo das cidades era o pelourinho; o de Recife foi erguido às ocultas e de noite, tal a animosidade dos olindenses.



Os Governadores nomeados pela Metrópole tinham sido sempre favoráveis aos comerciantes de Recife, que os olindenses apelidavam “mascates”. Os ânimos estavam exaltados, quando o capitão general Castro, então Governador, foi ferido levemente por um tiro disparado de uma casa vazia. Mandou prender várias pessoas que julgava mandantes do atentado. Imediatamente se levantaram os de Olinda. Com um exército de 2.000 homens, atacaram Recife e se apoderaram da cidade. Foi destruído o pelourinho, postos em liberdade os que se achavam presos, destituída a nova Câmara e substituídos os oficiais da milícia. O Governador Castro fugiu para a Bahia.

Em 10 de novembro de 1710, o Senado da Câmara de Olinda realizou grande sessão. Compareceu tōda a nobreza pernambucana. Um dos olindenses, Bernardo

Vieira de Melo, propôs a independência e a república. Foi posta a votos a proposta, que teve oito a favor; a predominância era dos moderados, que resolveram entregar o governo ao Bispo de Olinda, D. Manuel Álvares da Costa.

Veio gente de todo o sertão. Decidiu-se que, se o novo Governador que a Metrópole ia mandar não confirmasse o que os de Olinda tinham feito, seria declarada a independência e proclamada a república.

Por outro lado, os mascates se articularam e conseguiram que a guarnição de Recife se pusesse em conflito com Vieira de Melo. As tropas retomaram a cidade e aclamaram Governador, o *loco-tenente* do foragido Castro, capitão João Mota. Não foi este contra o Bispo; pediu-lhe que ficasse no governo, mas vigiado pelas forças anti-olindenses. O Bispo conseguiu fugir para Olinda onde proclamou, com apoio da Câmara, sua fidelidade ao Rei, pondo os adversários em situação de rebelados. E, não querendo mais arcar com a responsabilidade de Governador, nomeou uma Junta para essa função.

A Junta pôs cerco a Recife; esta cidade ficou sujeita a alimentar-se de mariscos. Os sitiados enviaram uma força para deter 800 homens que vinham em socorro dos sitiados. As tropas adversas encontraram-se com os olindenses, que foram iludidas pelas promessas do comandante, o qual afirmava que também vinha contra os mascates, pelo que passaram tranquilamente. Foi tentada também uma ofensiva dos de Olinda contra os mascates no Cabo e em Tamandaré, mas o chefe da expedição, Cristovam de Mendonça Arrais foi derrotado e prêso. Em compensação, no combate de Ipojuca, os mascates foram desbaratados. A guerra prosseguia agora na Paraíba, onde o Governador era declaradamente favorável aos mascates. Ocupou Goiânia, desligando-a de Pernambuco, o que enfraquecia Olinda, mas os olindenses replicaram com um ataque e retomaram a cidade.

Chegou o Governador mandado pela Metrópole, Felix Machado de Mendonça. Trouxe perdão geral

para todos. Foram soltos os que se achavam presos, entre estes Bernardo Vieira de Melo e Cristovam Arrais. Alguns dias depois, os olindenses se decepcionaram com os atos do Governador, que mandou abrir sindicância para apurar responsabilidades dos revolucionários *nativistas*. Além disso, ordenou a prisão de 19 notáveis de Olinda, oferecendo prêmio a quem capturasse os outros.

Os chefes da guerra *coligaram-se* e estabeleceram-se em Trucunhaem. Prepararam-se para novo embate contra as forças do Governador. Este, à proporção que ia prendendo os chefes brasileiros, remetia-os para Lisboa. Não esperava pela reação do Rei. Mas eis que chegou uma Carta Régia, na qual D. João V reprovava as atitudes do Governador, lembrando que ele, El-Rei, já havia dado perdão geral aos moradores de Olinda. Mandava que fossem postos em liberdade os que estivessem presos e lhes fossem restituídos os bens seqüestrados. Assim terminou a guerra dos mascates.

Felipe dos Santos

A revolta de Vila Rica não teve um caráter acentuado de nativismo; foi antes um movimento popular contra a maneira de se cobrarem os impostos. Deve, entretanto, ser incluída entre os fenômenos sociais reveladores de um estado de espírito da altivez com que os brasileiros vinham se portando em relação à Metrópole.

Em 1717, chegou o novo Governador de São Paulo e Minas, D. Pedro de Almeida, Conde de Assumar. Encontrou descontentamento geral. As novas disposições relativas ao "quinto" do Rei sobre o ouro extraído revoltaram os mineiros, razão pela qual o governo de Lisboa mandou um regimento de dragões para garantir a autoridade do Conde de Assumar. Quando esta tropa chegou, teve de abafar a rebelião de Pitangui, chefiada pelo paulista Domingos Ribeiro do Prado. Mas as coisas não iam bem por todas as Minas Gerais; o próprio chefe dos emboabas, Manuel Nunes Viana, fazia parte dos que se rebelavam.

A noite de 28 de junho era dos festejos de São Pedro. Havia danças e mascaradas. Os revoltosos, usando máscaras, atacaram a casa do Ouvidor. Ao romper do dia, os chefes da rebelião reuniram-se no Paço da Câmara e redigiram um manifesto em que exigiam redução de impostos, supressão do monopólio do gado, fumo, aguardente e sal. Foi enviado o letrado José Peixoto da Silva a Ribeirão do Carmo, onde estava o Conde de Assumar. O *leviano* emissário ia, ao galope do cavalo, gritando: "As Gerais estão levantadas!"



Execução de Felipe dos Santos

O Conde, lendo a mensagem, assegurou que tudo concederia, mas pedia que se restabelecesse a ordem. O Governador concedeu perdão geral aos *insurgentes* e, para ganhar tempo, suspendeu por um ano o regime da "quintagem". O Conde foi entusiasticamente aclamado.

Os motins, porém, não cessam. Orador persuasivo, Felipe dos Santos incita o povo. No fundo, já agora, o que querem os mineiros é livrar-se do domínio da Coroa. A revolta de Vila Rica teve o simples caráter de reclamação contra cobrança de impostos. Não quanto a Felipe dos Santos. Era o intérprete do *nativismo* brasileiro. Talvez nem ele próprio percebesse que falava tornando consciente o *sub-consciente* nacional. Sendo pobre, nada tinha a ver com os ricos que se revoltavam contra a *espoliação* do seu ouro pela Coroa. Ele sentia alguma coisa maior. Sua personalidade vinha das profundezas de uma Nação que nascia.

Uma noite, à frente de 1.500 homens, o Conde de Assumar entrou em Vila Rica. Prendeu os chefes da rebelião. Mandou incendiar as casas dos responsáveis. Decorridos 260 anos, o viajante que por ali passa vê as ruínas carbonizadas de ruas inteiras.

Estava Felipe dos Santos em Cachoeira do Campo, pregando a revolução na praça da igreja. Uma força militar prendeu-o. Conduziram-no à presença do Conde de Assumar. Foi submetido a um julgamento sumário. No mesmo dia foi executado. Enforcado, mandou o Conde que atassem os membros do cadáver a quatro cavalos que, fustigados, o esquartejaram. Dizem alguns que foi atado vivo. Em seu livro "Bastidores da História do Brasil", Gustavo Barroso reproduz a carta de Assumar ao Vice-Rei, de 2 de agosto de 1720, onde o Conde declara: "O mandei arrastar e esquartejar".

Amador Bueno da Ribeira

Muito antes dos episódios que narramos nesta lição, um acontecimento ocorreu em São Paulo, revelando o sentido de independência dos brasileiros. Foi quando os paulistas aclamaram Amador Bueno da Ribeira para seu rei. Com senso político, não aceitou Bueno a investidura, mas ficou registrado na História que os de Piratininga, já no século XVII, se sentiam capazes de auto-determinação.

ELUCIDÁRIO

Gustavo Barroso — Escritor brasileiro. Como historiador, produziu obra valiosa, principalmente no que se refere à história militar. Nasceu no Ceará, em 1888 e faleceu no Rio de Janeiro em data recente.

QUESTIONÁRIO

1. Quais as características de diferenciação do Brasil como povo?
2. Quem foi Beckman e como se deu a rebelião maranhense?
3. O que foi a guerra dos emboabas? Quais seus episódios principais?
4. Que sucedeu no "Capão da Traição"?
5. Qual a atitude das mulheres paulistas?
6. Que fez a expedição de Amador Bueno da Veiga?
7. Como principiou a guerra entre "mascates" e brasileiros?
8. Que aconteceu em 10 de novembro de 1710?
9. Quais os fatos mais importantes da guerra entre os olindenses e mascates?
10. Como terminou essa guerra?
11. Por que se deu a revolta de Vila Rica?
12. Que acontecimentos ocorreram sob o governo do Conde de Assumar?
13. Que fez Felipe dos Santos? Como foi prêso, julgado e executado?
14. O que ocorreu com Amador Bueno da Ribeira, em São Paulo?

DEBATE: Um povo que toma consciência de seu valor começa a lutar por sua autonomia externa e interna.

CAPÍTULO XXXII

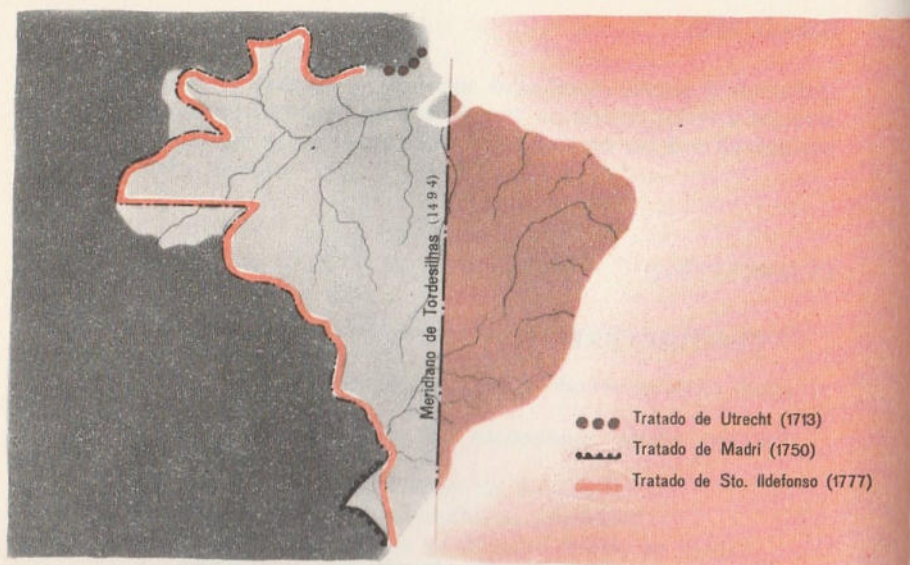
LIMITES DO BRASIL

Fixação de limites do território brasileiro

A partir do século XVIII, já era tempo de Portugal combinar com seus limitrofes na América a fixação da linha de suas fronteiras. O tratado de Tordesilhas tornara-se uma *ficção*; o esforço desbravador e colonizador dos sertanistas brasileiros recuara o meridiano de 1494.

O Tratado de Utrecht

Em 16 de fevereiro de 1713, reuniram-se as nações européias, que havia longos anos se achavam em guerra, e acertaram uma paz geral, retificando seus limites. Essa retificação abrangia os territórios fora do continente. No que toca ao Brasil, Luís XIV concordou em recuar suas pretensões até ao rio Oiapoc. Ainda em referência ao nosso país, havia com a Espanha velha *pendência* relativa à Colônia do Sacramento e às Missões Jesuíticas. A Colônia do Sacramento fôra fundada por D. Manuel Lobo, por ordem do governo português. Dominava o estuário do rio da Prata. Os espanhóis atacaram a Colônia e dela se apoderaram.



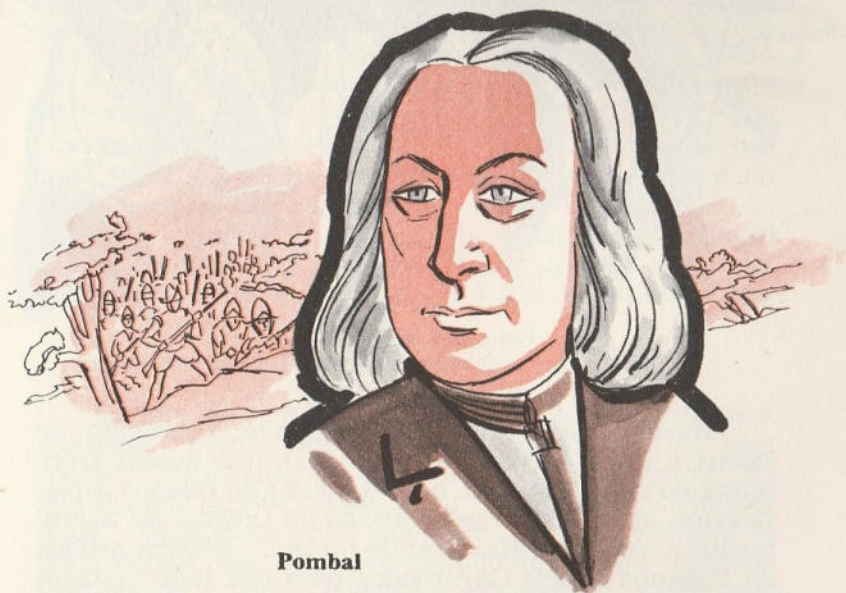
Em 1703, foram reconhecidos pela Espanha os direitos de Portugal, mas em 1705 o governador de Buenos Aires novamente investiu contra o ambicionado território. Pelo Tratado de Utrecht, Madri concordou em restituir a disputada faixa territorial ao domínio português. No entanto, em 1723 outra investida dos de Buenos Aires se efetiva.

O Tratado de Madri

A 13 de janeiro de 1750, foi assinado o Tratado de Madri, que marcou definitivamente as fronteiras do Brasil. Seu autor foi o paulista de Santos, Alexandre de Gusmão. Traçavam-se os limites do sul e do oeste, até ao norte. O critério adotado foi o do "ut possidetis", isto é, o reconhecimento da posse efetiva dos que se adiantaram em consolidá-la.

Acontecimentos posteriores ao Tratado de Madri

A execução do Tratado de Madri previra a animosidade dos jesuítas espanhóis contra os portugueses e sobretudo os paulistas. Foi facultado aos padres da Companhia, agora incluídos na área lusitana, transferirem-se, com seus índios, para território espanhol. Alegando não terem sido consultados, os padres e os guaranis se insurgiram contra Portugal e Espanha. Foi uma guerra terrível, em que morreram mais de mil índios. No governo de D. José I, ou mais propriamente de Pombal, seu *valido*, uma lei *drástica* expulsou os jesuítas de todos os territórios sob a soberania portuguesa (1758).



O problema que se punha agora era o de entregarem os espanhóis aos portugueses o território das Missões e receberem em troca a Colônia do Sacramen-

to. Desde 1754, alegavam os espanhóis aos portugueses não lhes poderem entregar as Missões devido aos constantes ataques dos guaranis. Em *revide*, o futuro Conde de Bobadela (Gomes Freire de Andrade) representando Portugal, declarou que não entregaria a Colônia do Sacramento enquanto não recebesse as terras que tinham sido atribuídas à Coroa Portuguesa.



Expulsão dos jesuítas

Haviam decorrido 12 anos desde o Tratado de Madri e nada estava resolvido quanto a nossas fronteiras no sul. Em 1762, o Governador de Buenos Aires, Cevalos, apoderou-se pelas armas da Colônia do Sacramento e invadiu o Rio Grande do Sul. Vieram ordens da Espanha àquele Governador para que tudo voltasse à situação anterior; Cevalos restituiu a Colônia aos portugueses, não porém o de que havia se apoderado no Rio Grande.

Sem tomar conhecimento das falsas pazes entre Madri e Lisboa, declaram-se os brasileiros em guerra contra Buenos Aires. Tôda a campanha rio-grandense

levanta-se para os combates. São agora decorridos 25 anos do Tratado de Madri. Em 2 de abril de 1776, as forças luso-brasileiras expulsam os espanhóis do Rio Grande do Sul. Em *revide*, os castelhanos tomam a vila do Destêrro (hoje Florianópolis).

Em 1777, faleceu o rei D. José e subiu ao trono sua filha D. Maria I. A soberana entrou em conversações com a Côrte Espanhola para se suspenderem as hostilidades no Brasil e se resolverem todos os problemas em paz. Em carta de 16 de junho de 1777, ao Marquês do Lavradio, Vice-Rei do Brasil, a rainha manda suspender quaisquer hostilidades contra os vassallos ou domínios de El-Rei católico, que qualifica de seu bom irmão e tio. Em outra, de 11 de outubro do mesmo ano, ao mesmo Marquês, comunica haver concluído um tratado preliminar de suspensão de hostilidades com o rei da Espanha e ordena que, no prazo de 4 meses, se execute de boa fé o que nesse tratado se contém.

Era o Tratado de Santo Ildefonso. Por êsse tratado, perdia a Coroa Portuguesa, não só a Colônia do Sacramento mas também as Missões Orientais do Uruguai, o território de Castilhos Grandes até à Lagoa Mirim, recuando-se a fronteira até ao rio Piratinin, alcançando-se o rio Uruguai até à foz do Peperi-Guaçu.

Inconformidade dos brasileiros

O Tratado de Santo Ildefonso era humilhante para Portugal. Perdia êste a Colônia do Sacramento sem receber compensações adequadas. Os brasileiros do Rio Grande do Sul remoeram a afronta durante longos anos. Esperavam uma oportunidade, que chegou 24 anos depois, em 1801. Os espanhóis tinham invadido Portugal e tomado Olivença e Portalegre. Como não contava com tropa suficiente, o Governador do Rio Grande do Sul, Sebastião Xavier da Veiga Cabral, apelou para o povo gaúcho. Acorreram 1.500 homens. Em tôdas as povoações organizaram-se também companhias de assalto. Os espanhóis concentravam-se em Cêrro Largo, onde os alcançou e dominou Manuel Mar-

ques de Sousa. Nesse ano de 1801, um estancieiro, Manuel dos Santos Pedroso, agindo por conta própria, tomou, com 40 homens, a guarda espanhola de São Martinho. Surgem agora dois heróis: José Borges do Canto e Gabriel Ribeiro de Almeida. Tomam outra guarda castelhana, a de São Pedro, em seguida, o pòsto de Santo Inácio. Os dois *caudilhos* atacaram o principal reduto espanhol à margem do Uruguai; fizeram prisioneiros 100 espanhóis e 30 índios, tendo êsses aderido aos brasileiros. Partiram dali e sitiaram São Miguel. O governador, que chefiava a resistência, capitulou.



Bobadela

Bobadela

No curso dos episódios a que estamos nos referindo, ressalta a figura de Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela. Nascido em Portugal, identificou-se ao Brasil e tudo fêz para que se levassem a bom termo as demarcações que efetivaria, na prática, o

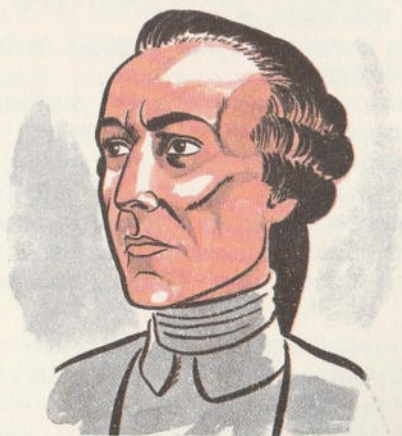
Tratado de Madri. De tal modo se apaixonou pela questão de nossas fronteiras no sul, que recebendo a notícia da rendição da Colônia do Sacramento a que se submetera o governador Vicente da Fonseca, apesar de contar com homens, armas e munições, não resistiu ao choque moral. Este abalou-o ocasionando-lhe um distúrbio cardíaco de que veio a falecer (1.º de janeiro de 1763).

Mudança da Capital do Brasil

Foi nomeado sucessor de Bobadela o Conde da Cunha, com a determinação do Rei para que residisse no Rio de Janeiro, a fim de estar mais próximo das guerras do sul. Em Carta Régia de 27 de Janeiro de 1763, era transferida a Capital do Brasil da Bahia para aquela cidade. O Rio de Janeiro foi, portanto, Capital do nosso país, até 1960, durante 197 anos.

Alexandre de Gusmão

Todos os sucessos e episódios que temos narrado nesta lição procedem de uma só fonte: o Tratado de Madri. Como vimos, seu autor foi Alexandre de Gusmão, considerado hoje o patriarca da diplomacia brasileira.



Alexandre de Gusmão

ELUCIDÁRIO

Oiapoc — Rio que separa o Brasil da Guiana Francesa.

Utrecht — Cidade dos Países Baixos, onde em 1713 foi assinado o tratado entre a França, a Espanha, Portugal, Áustria, Inglaterra.

D. José I — Rei de Portugal (1714-1777) — Quem governou durante o seu reinado foi Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal).

D. Maria I — Rainha de Portugal (1734-1816) — Governou até 1792, quando foi afastada por graves perturbações mentais.

QUESTIONÁRIO

1. Que ficou decidido pelo Tratado de Utrecht, quanto aos limites do Brasil?
2. Quando foi assinado o Tratado de Madri? Quem o redigiu?
3. Qual o critério adotado pelo Tratado de Madri para fixar nossos limites?
4. Que aconteceu até 1777 no sul do nosso país?
5. Que dispunha o Tratado de Santo Ildefonso?
6. Por que os brasileiros não se conformaram com esse Tratado? Que fizeram?
7. Quando foi mudada a capital do Brasil da Bahia para o Rio de Janeiro?
8. Qual o motivo que determinou essa medida?
9. Quem governava o Brasil naquela ocasião?

DEBATE: As guerras do sul e o território nacional.

CAPITULO XXXIII

INCONFIDÊNCIA MINEIRA

O que eram as Minas Gerais

Desde o século XVI procurava-se ouro no Brasil, mas somente no XVII se descobriram apreciáveis veios auríferos. Além da Serra da Mantiqueira, penetrando os sertões dos Cataguases, os que por ali se aventuraram encontraram o precioso metal, sobretudo em Ribeirão do Carmo, Pitangui, Rio das Velhas e Ouro Preto. A notícia correu. Os engenhos pararam, as fazendas foram abandonadas; o ouro a todos atraía.

Não passou muito tempo e eram descobertas as minas de Goiás e Mato Grosso; mas o território que foi chamado "das Minas Gerais" constituía o grande centro das minerações. Aos mineradores eram concedidos privilégios, mas tinham de dar um *quinto* do ouro extraído à Coroa. O primeiro governador da Capitania de Minas, desmembrada de São Paulo, foi D. Lourenço de Almeida, que tratou de organizar a cobrança.

A Côrte mandou que se instalassem fundições, às quais se deveriam levar tôdas as quantidades de ouro captadas. Em 1730 iam para o Rei cem arrôbas de ouro por ano. Durante o século XVIII foram remetidas para Portugal 10.000 arrôbas. Mas houve nova

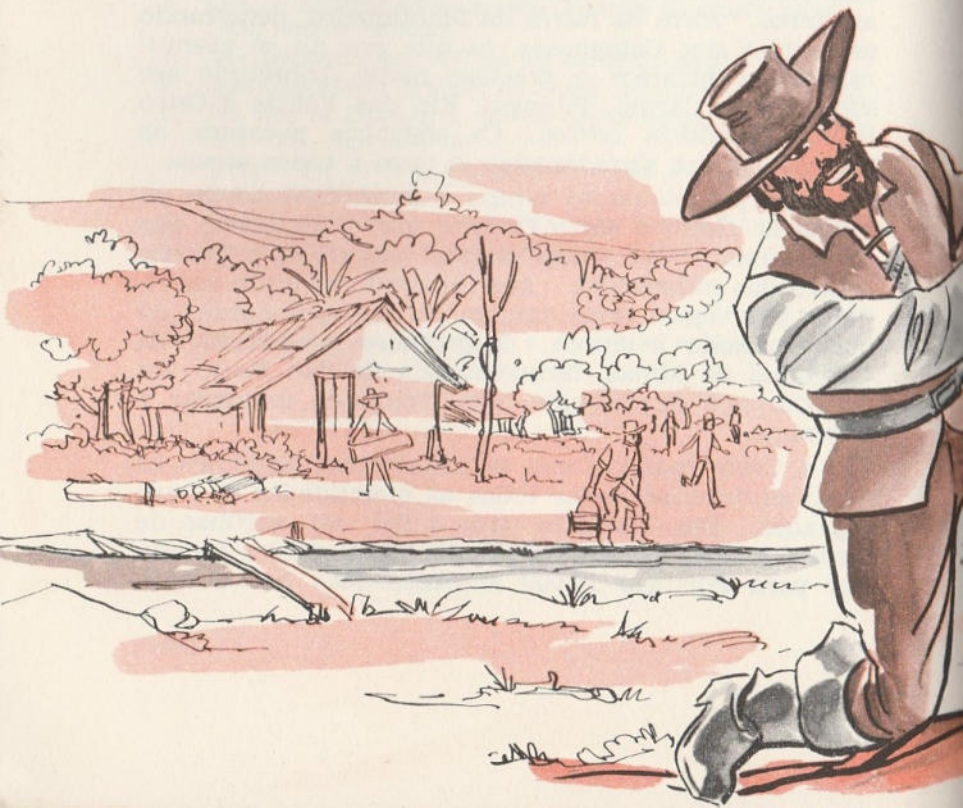
riqueza: as lavras de diamantes no distrito do Tejuco, hoje Diamantina.

No governo de D. José I (1750-1777) começava a decadência das minerações. Por isso mesmo, as exigências do fisco se tornavam mais odiosas. Esse descontentamento tornou-se profundo no reinado de D. Maria I.

Tal situação constituía a *infra-estrutura* da rebelião que já se começava a esboçar. Mas havia uma *super-estrutura*: a divulgação de idéias novas que seduziam os intelectuais da Capitania.

O liberalismo dos fins do século XVIII

Os filhos das famílias mais abastadas iam estudar na Europa. Sob a influência da Revolução Francesa e entusiasmados com a independência dos Estados Unidos, realizada em 1789, sonhavam, também, com um movimento de independência do Brasil.



O Governador, Luís da Cunha Menezes, agira tão arbitrariamente que preparara o estado de espírito de rebelião do povo mineiro. Em 1788 veio nôvo Governador, o Visconde de Barbacena que, entre outras incumbências, trazia a de cobrar os "quintos" atrasados. Chegando, proclamou a "derrama", ou seja a cobrança, a todo o transe, do ouro devido à Coroa, baseando-se no cálculo de uma produção de 500 arrôbas por ano, devendo caber ao Rei 100 arrôbas anuais. A mineração, como dissemos, entrara em decadência e não havia como satisfazer à exigência real. A "derrama" era desumana, pois não atingia apenas os mineradores, mas tôda a população, estabelecendo o govêrno as quotas de contribuição de cada um. Representava isso a derrocada total da economia mineira. Pode-se imaginar a onda de cólera que se levantou em Minas Gerais. Era inevitável o que iria suceder.



A conjuração

Três grandes poetas foram os inspiradores da conjuração que visava a criação de uma república libertadora do Brasil e realizadora do sonho dos filósofos do século: Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antonio Gonzaga e Alvarenga Peixoto.

Aos três vieram juntar-se, em reuniões literárias, o Cônego Luís Vieira da Silva, o Padre Miguel Eugênio da Silva Mascarenhas, o Dr. Diogo Pereira da Silva Vasconcelos e Francisco Gregório Pires Monteiro Bandeira. Pouco a pouco, das conversações literárias foram passando aos comentários da triste situação da Capitania e dali foi um passo para a política. Da política, os poetas passaram à conspiração. Com surpresa, viram grande número de pessoas *gradas* a ela aderirem com fervor.



Tomás Antonio Gonzaga

Aparece o Tiradentes

Uma noite apresentou-se aos conjurados um obscuro alferes de cavalaria e lhes disse: "Sei de tudo e quero trabalhar pela causa". Chamava-se Joaquim José da Silva Xavier. Exercera várias profissões, entre as quais a de dentista, pelo que fôra alcunhado "Tiradentes".

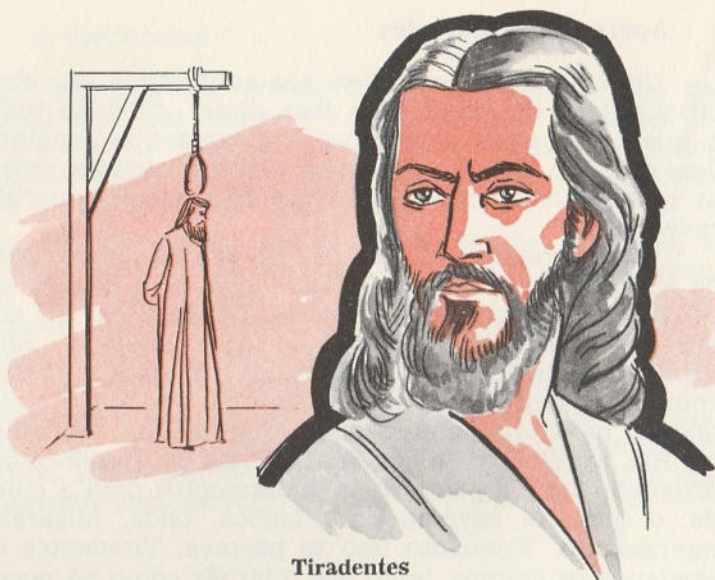
Via, entretanto, o Tiradentes, que os intelectuais de Vila Rica viviam num sonho, mas sem buscar os caminhos da realidade. Resolveu pôr-se a campo em busca dos meios de realização do ideal almejado. Sua primeira idéia foi ir ao Rio de Janeiro para verificar como andavam os ânimos na capital. Solicitou uma licença na tropa, *pretextando* ir tratar de negócios. No Rio, apresentou-se ao Vice-Rei Luís de Vasconcelos, propondo-lhe um plano de melhoramentos para a cidade, o qual foi enviado para Lisboa, onde, julgaram interessante. Enquanto isso se passava, Tiradentes ia sondando os ânimos, tanto nos quartéis como no povo. Encontrou-se com o Dr. José Álvares Maciel, que regressava da Europa. Era também um conjurado. Narrou-lhe Tiradentes o que se passava em Minas e Maciel seguiu para as Gerais, onde verificou a veracidade de quanto lhe dissera o alferes.

Regressando a Minas em fins de 1788, Tiradentes rearticula-se com os poetas. *Pretextando* moléstia, não reassume seu posto no Regimento. Os conspiradores obtêm agora grande êxito: a adesão do chefe das forças locais, tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade. É, desde então, na casa dêle que se fazem as reuniões revolucionárias.

Contava-se com a adesão do Rio de Janeiro e de São Paulo e com socorros que viriam da França e Estados Unidos. As demais Capitânicas, certamente não seriam insensíveis ao movimento.

Sonhos de poetas

Como tudo corria bem e a vitória parecia certa, os poetas trataram de elaborar o programa da nova república. Imaginaram uma bandeira tôda branca,



Tiradentes

trazendo como legenda parte de um verso de Virgílio: "Libertas quae sera tamen". A capital seria São João Del-Rei. Criar-se-ia uma universidade em Vila Rica. Instalar-se-iam indústrias. Seria abolida a escravidão. Seriam confiscados os bens do *erário* português. Os contribuintes em atraso nada mais teriam que pagar. Os mineradores seriam livres de impostos. A nova república criaria escolas para o povo. Grande era o entusiasmo e já não havia a precaução de muito segredo.

Plano de levante

O dia do estouro seria aquêle em que se começasse a derrama. Nesse dia, à noite, os conjurados entrariam em Vila Rica gritando "viva a liberdade!". O tenente-coronel Freire de Andrade sairia com suas tropas, fingindo querer conter a rebelião, mas aguardando a notícia de que o Governador estava prêso.

O Governador, temeroso do que supunha estar se passando, recolheu-se ao seu palácio de Cachoeira do

Campo, três léguas distante de Vila Rica. Ficou à espera do momento em que deveria capitular.

A traição

A 15 de março de 1789, apresentou-se no Palácio de Cachoeira do Campo um homem estranho, de porte orgulhoso e altivo, olhar duro de crueldade, no qual resplandeciam disfarçadas ambições. Era um dos devedores do Erário, por atraso dos pagamentos dos "quintos". Metera-se na conspiração de Vila Rica, apanhara-lhe todos os segredos e planos e pretendia dêles fazer o capital de sua fortuna com o perdão de sua dívida. Chamava-se Joaquim Silvério dos Reis. Recebido pelo Governador, traiu os conspiradores, delatando-os.

Ciente de que a revolução começaria quando principiasse a "derrama", Barbacena mandou suspendê-la e recomendou a Joaquim Silvério que continuasse a participar da conjuração, para lhe trazer informações a respeito de tudo o que fôsse sendo planejado.

Prisão de Tiradentes

A infâmia de Joaquim Silvério não pára na sua delação. Continua seguindo Tiradentes que havia viajado para o Rio de Janeiro. Depois de viagem demorada, detendo-se nas povoações e fazendas, levantando o ânimo do povo com sua palavra eloqüente, Tiradentes chegou ao Rio. Sem perceber que estava sendo seguido, praticou sua propaganda com imprudência e até com ingenuidade. Aguardou a notícia da esperada insurreição mineira. Não recebendo nenhum aviso, pretendeu voltar a Vila Rica. Só então notou que estava sendo vigiado e escondeu-se na rua dos Latoeiros (hoje Gonçalves Dias).

Mandou o Governador patrulhas por tódã a cidade a fim de capturá-lo. No entanto, foi o próprio Joaquim Silvério, quem encontrou o esconderijo de Tiradentes, indicando-o aos policiais. O herói foi prêso, e metido num calabouço na Ilha das Cobras.

O que se passava em Minas

O Visconde de Barbacena, de acôrdo com as informações de Joaquim Silvério, mandou prender, um a um os conspiradores. O primeiro foi Tomás Antônio Gonzaga, que na véspera o havia visitado, felicitando-o pela suspensão da "derrama". Recebido cordialmente pelo Governador, de nada isto lhe valeu: puseram-no a ferros. O coronel Freire de Andrade tentou retirar-se para uma sua fazenda, mas foi também encarcerado. Seguiram-se as prisões dos demais conspiradores.

O julgamento

A rainha D. Maria I foi magnânima no julgamento dos conspiradores de Minas. Decretou a comutação da pena máxima que pesava sôbre os acusados.

A fim de horrorizar os condenados, o tribunal do Rio de Janeiro ocultou o decreto de clemência da Rainha. O processo foi longo. Sômente em outubro de 1791 foram os réus notificados da acusação. Em 19 de abril de 1792 foi-lhes lida a sentença: o Tiradentes condenado à fôrça, devendo sua cabeça ser levada a Vila Rica e exibida num poste; seu corpo esquartejado, expondo-se os pedaços em cidades onde o réu conspirara; sua casa seria arrasada e salgada; seus filhos e netos declarados infames.

Outros foram condenados à morte sem esquartejamento e aos demais coube o degrêdo perpétuo.

Sômente a 20 de abril os míseros condenados tiveram conhecimento da Carta Régia, de 15 de outubro de 1790 (quase dois anos guardada) em que a Rainha comutava em degrêdo tôdas as penas de morte, exceto a do Tiradentes.

A alegria dos conjurados não tem limites; abraçam-se, choram e riem. A cidade inteira regozija-se. No meio de tôda aquela manifestação de contentamento, um vulto se destaca, imponente e trágico, no fundo da prisão: é o de Tiradentes, o único que vai morrer. A cena tem algo de grandioso, como nas tragédias gregas. O alferes contempla seus companheiros de des-

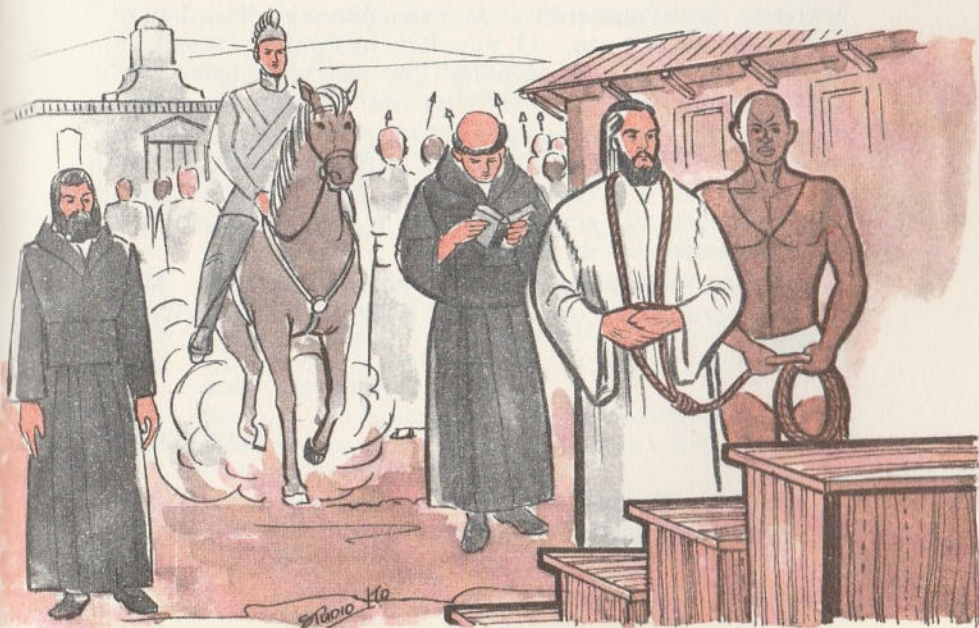
dita, que agora se rejubilam porque suas vidas serão poupadas. Resta êle, sòmente êle, que será o símbolo de uma Nacionalidade que nasce. É a imagem do Brasil.

Grande espetáculo da História

Era 21 de abril de 1792. Belo sábado de céu azul sôbre a paisagem das florestas e do mar. Tôda a tropa disponível, inclusive a da guarda do Vice-Rei, formava, com uniformes de gala.

As sete e meia da manhã, o algoz entrou na prisão para vestir em Tiradentes a alva do condenado e pôr-lhe a corda ao pescoço. O carrasco pediu-lhe, como era costume, perdão pela morte que lhe iria dar. Tiradentes respondeu-lhe: "Amigo, deixe-me beijar-lhe as mãos e também os pés". O carrasco chorou comovidamente. Ao despir-se, Tiradentes tirou também a camisa, dizendo que, por êle, também Jesus morrera assim.

As oito horas, saiu o *préstito*. Ia na frente um regimento de cavalaria, fazendo troar a fanfarra. Seguia a procissão das Irmandades, com seus estandar-



tes. Levava Tiradentes um Crucifixo nas mãos, com o qual parecia conversar. Sua atitude era de extrema coragem e tranqüilidade.

Soavam onze horas, quando o sinistro cortejo chegou ao local do sacrifício. Tinha saído da Cadeia Velha (hoje Palácio Tiradentes) e atingira o Campo da Lampadosa (largo do Rocio). A praça era ocupada por três regimentos.

Tiradentes subiu os degraus do patíbulo com firmeza e serenidade. Frei José do Destêrro fez um sermão, em que reproduziu a frase da Escritura: "Não conspires contra o Rei, porque até as aves do céu lhe levarão a notícia".

Súbito, a multidão agitou-se num frêmito de espanto. Os tambores das tropas abafavam o longo sussurro. O condenado estava erguido pela corda e seu corpo balouçava em convulsões.

Os regimentos regressaram aos seus quartéis. O povo retirou-se em silêncio. O Vice-Rei ordenou festas e *luminárias* por três dias.

Tamanho aparato, tamanha grandeza dada à execução de um condenado, evidenciava a cegueira do despotismo governamental. A execução de Tiradentes tinha sido uma festa. O Vice-Rei, incapaz de penetrar nos segredos da nacionalidade que nascia, julgava que estava celebrando o triunfo de um domínio que agonizava. Na verdade, estava promovendo, com tôda a ostentação das tropas, que mais parecia significar honras militares, e com os três dias de *luminárias* para comemoração do acontecimento, a festa anunciadora da independência da Nação.

O povo retirou-se silencioso para suas casas. Mas no seu coração ia uma idéia. Essa idéia incendiaria o Brasil.

ELUCIDÁRIO

Jeferson — Thomaz — Estadista norte-americano (1743-1826). Foi o principal lutador pela independência dos Estados Unidos

e o inspirador da Declaração de Direitos que até hoje orienta a legislação do seu país.

Derrama — Contribuição ao fisco atribuída aos habitantes de um país, ou província. No período colonial, dava-se este nome a um lançamento forçado, cobrado extorsivamente em favor da Metrópole.

Cláudio Manuel da Costa — Era advogado de nomeada e rico. Nasceu em Mariana, formara-se em Coimbra. Como poeta, pertencia à Arcádia de Roma sob o nome de Glauceste Saturnio.

Tomás Antônio Gonzaga — Magistrado em Vila Rica. Nasceu em Portugal mas de família brasileira. Era poeta e suas poesias, de grande beleza, são até hoje admiradas.

Alvarenga Peixoto — Também poeta, o advogado Peixoto era fluminense, casado em São João del Rei, com Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira, que veio a notabilizar-se nos transes por que passou o seu marido.

QUESTIONARIO

1. O que eram as Minas Gerais no século XVIII?
2. Qual o período de apogeu da extração do ouro e pedras preciosas?
3. Por que estava descontente o povo mineiro?
4. Que idéias políticas influíam sobre os intelectuais brasileiros?
5. Como e por que se precipitaram os acontecimentos em Minas, a partir de 1788?
6. O que foi a Conjuração Mineira?
7. Como apareceu o Tiradentes? Qual o seu nome? Quem era ele?
8. Qual a bandeira proposta pelos inconfidentes e qual seu lema?
9. Quem era Joaquim Silvério dos Reis e o que fez ele?
10. Que prisões foram efetuadas em Minas, e como foi preso Tiradentes no Rio?
11. Como se deu o julgamento dos inconfidentes?
12. Em que data foi enforcado Tiradentes e que aparatos de forças determinou o Vice-Rei?

DEBATE: Tiradentes, um símbolo da libertação nacional.

Alvarenga Peixoto e a Inconfidência

Era a primeira vez que se reuniam os conjurados. Aí estavam o dono da casa, o tenente-coronel Francisco de Paula e seu cunhado José Alves Maciel, o vigário Carlos Correia de Toledo, o desembargador Tomás Antônio Gonzaga, o padre José de Oliveira Rolim, a quem Alvarenga Peixoto via pela primeira vez, e o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

Cada um dos conjurados quis ser o expositor do que se havia tratado na ausência do recém-chegado e Alvarenga Peixoto ficou sabendo como se havia elaborado o plano da revolução. Era coisa assentada entre eles que se esperasse pela notícia do movimento insurrecional no Rio de Janeiro, segundo as asserções afirmativas do alferes Joaquim José, e bem assim que se deixasse publicar a derrama, que necessariamente deveria levantar clamores em toda a capitania, pela excessiva contribuição a que eram os povos obrigados. No meio de geral consternação e favorecido pelas sombras da noite, se apresentaria o alferes Joaquim José com alguns companheiros gritando pelas ruas de Vila Rica: "Viva a liberdade". O povo, **avexado** pelo pesado tributo, acudiria ao alarme e apoiaria a revolução. Acudiria ao tumulto o tenente-coronel Francisco de Paula à frente da tropa e, como parte dos oficiais e soldados não era estranha ao movimento, segundo a fácil credulidade de Tiradentes, o tenente-coronel daria tempo a que o alferes fôsse a Cachoeira, casa de campo do governador, onde se achava o general Visconde de Barbacena, para conduzi-lo com toda a sua família até à serra onde lhe diria que fizesse muito boa jornada e dissesse em Portugal que já não se precisava de generais na América, ou então que sacrificá-lo-iam, levando sua cabeça a Vila Rica, para com ela impor ao povo o respeito pela nova república.

.....

Escolhido o plano, restava distribuir os papéis do drama pelos principais conspiradores. A Alvarenga Peixoto incumbia angariar gente entre os habitantes de Campanha do Rio Verde, onde gozava de grande influência como coronel do primeiro regimento de cavalaria auxiliar. Houve ainda outra conferência em que se achou Alvarenga Peixoto. Os conjurados reuniram-se desta vez em casa de Cláudio Manuel da Costa e tratou-se da adoção da bandeira para a nova república. Propôs o alferes Joaquim José que se tomassem por símbolo três triângulos entrelaçados em comemoração à Santíssima Trindade. Lembrou

Cláudio Manuel da Costa que o emblema da bandeira dos Estados Unidos era o gênio da América, quebrando as cadeias do cativo com esta inscrição: "Libertas aequo spiritus" e que nenhuma inconveniência havia em que se adotasse a mesma.

Alvarega Peixoto **impugnou** a idéia como pobre. Propôs Cláudio ainda a seguinte inscrição: "Aut libertas, aut nihil". Alvarenga Peixoto propôs então o versículo de Virgílio: "Libertas quae sera tamen". E os conjurados a aprovaram, achando-a muito apropriada.

JOAQUIM NORBERTO

CAPÍTULO XXXIV

TRANSFERÊNCIA DA CÔRTE PARA O BRASIL

Idéia antiga

Era projeto muito antigo dos Reis e Estadistas portugueses transferir a sede da Comunidade Lusíada para o Brasil. Nos fins do século XVIII, o Príncipe Regente, que depois foi D. João VI, estava decidido a executar essa idéia, mas encontrava embaraços, não só por parte dos portugueses mas também da Inglaterra. Chegou D. João a mandar organizar uma esquadra em 1799, para se transferir ao nosso país.

Invasão Francesa

D. João VI, com esperteza, adotou uma política contrária a Napoleão, certo como estava de que se as tropas francesas invadissem Portugal, nem os portugueses nem os ingleses se oporiam a que êle viesse para o Brasil. Foi o que aconteceu. Em 1808 o Príncipe Regente pôde realizar o que desejava.

No 2.º volume desta obra, trataremos dêste assunto mais pormenorizadamente.

Reis de Portugal, Governadores Gerais e Vice-Reis do Brasil, até a vinda de D. João VI para o Rio de Janeiro

Dinastia de Borgonha

- D. Afonso Henriques (1140-1185)
- D. Sancho I (1185-1211)
- D. Afonso II (1211-1233)
- D. Sancho II (1233-1248)
- D. Afonso III (1248-1279)
- D. Diniz (1279-1325)
- D. Afonso IV (1325-1357)
- D. Pedro I (1357-1367)
- D. Fernando (1367-1383)

Dinastia de Aviz

- D. João I (1385-1433)
- D. Duarte (1433-1438)
- D. Afonso V (1438-1481)
- D. João II (1481-1495)
- D. Manuel I (1495-1521)
- D. João III (1521-1556)
- D. Sebastião (1556-1578)
- D. Henrique (Cardeal) — 1578-1580)

Domínio Espanhol

- D. Felipe II (1581-1598)
- D. Felipe III (1598-1621)
- D. Felipe IV (1621-1640)

Dinastia de Bragança

- D. João IV (1640-1656)
- D. Afonso VI (1656-1668)
- D. Pedro II (1668-1706)
- D. João V (1706-1750)
- D. José I (1750-1777)
- D. Maria I (1777-1816)
- D. João VI (1816, como Rei, depois de ter sido Regente)
— 1826

Nota — O ramo brasileiro da Dinastia de Bragança virá no 2.º volume desta obra).

Governadores Gerais do Brasil

Tomé de Sousa (1549-1553)
Duarte da Costa (1553-1557)
Mem de Sá (1557-1570)
Luís de Brito (norte) e Antonio Salema (sul) — (1570-1572)
Luís de Brito (até 1577)
Lourenço da Veiga (1577-1580)
Cosme Rangel (1580-1583)
Teles Barreto (1583-1587)
D. Antônio Barreiros e Cristovam de Barros (1587-1591)
D. Francisco de Souza (1591-1602)
Diogo Botelho (1602-1608)
Diogo de Menezes (1608-1612)
Gaspar de Souza (1612-1617)
D. Luís de Souza (1617-1621)
Diogo de Mendonça Furtado (1621-1624)
Francisco Nunes (1624)
Francisco Rolim (1624-1626)
Diogo de Oliveira (1626-1635)
D. Pedro da Silva (1635-1639)
D. Fernando Mascarenhas (Conde da Torre) — (1639)
D. Vasco Mascarenhas (Conde de Óbidos) — (1639-1640)
D. Jorge Mascarenhas (marquês de Montalvão) — (1640-1641)
Bispo D. Pedro, Luís Barbalho e Lourenço de Brito (1641-1642)
Antônio Teles da Silva (1642-1647)
Teles de Menezes (Conde de Vila Pouca de Aguiar) — (1647-1650)
Rodrigues de Vasconcelos (Conde de Castelo Melhor) — (1650-1654)
Jerônimo de Ataíde (Conde de Autoguiá) — (1654-1657)
Francisco Barreto (1657-1663)
Vasco Mascarenhas (Conde de Óbidos) — (1663-1667)
Souza Freire (1667-1671)
Visconde de Barbacena (1671-1675)
Agostinho Azevedo, Alvaro Azevedo e Guedes de Brito (1675-1678)
Roque Barreto (1678-1682)
Sousa Menezes (1682-1684)
D. Antônio Luís de Souza (Marquês das Minas) — (1684-1687)
Matias da Cunha (1687-1688)
Fr. Manuel da Ressurreição (1688-1690)
Câmara Coutinho (1690-1694)
D. João de Lencastre (1694-1702)
D. Rodrigo da Costa (1702-1708)
Cezar de Menezes (1708-1710)
D. Lourenço de Almada (1710-1711)
Pedro Vasconcelos (1711-1714)

Vice-Reis do Brasil

Marquês de Angeja (1714-1718)

Sancho de Faro, Conde de Vimieiro (1718-1719)

De 1719 a 1720, o governo esteve a cargo de uma Junta, constituída por Monteiro da Vide, Caetano de Brito e Araújo Azevedo.

Vasco Desar de Menezes (Conde de Sabugosa) — (1720-1735)

Melo e Castro (Conde das Galveas) — (1735-1749)

D. Luís de Carvalho Menezes e Ataíde (Conde de Autoguaia) — (1749-54)

Outra Junta Governativa: Botelho de Matos, Souto Maior e Lourenço Monteiro — (1754-1755)

D. Marcos de Noronha (Conde dos Arcos) — (1755-1760)

D. Antônio de Almeida Portugal (1.º Marquês do Lavradio) — (1760)

Nova Junta Governativa: Tomás Rubi, Carvalho de Andrada e Barros Alvim (1760-1763)

D. Antônio Álvares da Cunha (Conde da Cunha) — (1763-1767)

D. Antônio Rolim de Moura (1767-1769)

D. Luís de Almeida (2.º Marquês do Lavradio) (1769-1778)

Luís de Vasconcelos (1778-1790)

D. José Luís de Castro (Conde de Rezende) — (1790-1801)

José Fernandes de Portugal e Castro (1801-1806)

D. Marcos de Noronha e Castro (8.º Conde dos Arcos) — (1806-1808)

Nesta última data, D. João transfere-se para o Brasil. O Rei governa diretamente nosso país. Em 1815, nossa Pátria é elevada à categoria de Reino. No 2.º volume, daremos a relação dos Imperadores, Regentes do Império, depois dos Presidentes da República.

VOCABULÁRIO

- Aborígene** — habitantes primitivos de uma região; indígenas.
- Abroquelaram** — protegeram; defenderam.
- A cavaleiro** — em lugar de posição elevada.
- Acometem** — atacam
- Afligiu** — aborreceu
- Aglutinador** — que reúne para formar um todo.
- Aguerrida** — corajosa.
- Alcatifa** — tapete grande com que se reveste o chão.
- Altiplano** — planalto.
- Animismo** — teoria segundo a qual os seres possuem várias almas.
- Arcabuz** — antiga arma de fogo.
- Arregimentar** — reunir, aglomerar.
- Arribar** — chegar (o navio a um porto).
- Articular** — estabelecer ligações.
- Augúrios** — presságios, agouros.
- Auspícios** — patrocínio.
- Avexado** — molestado.
- Baluarte** — estandarte, sustentáculo.
- Batoque** — enfeite que os selvagens levavam no beijo inferior.
- Bergantins** — embarcações pequenas, com dois mastros, próprias para combate.
- Bilingüe** — que fala ou escreve duas línguas.
- Biunvirato** — acôrdo entre duas pessoas.
- Bloqueio** — cêrco de uma cidade ou de um porto.
- Bosquejarmos** — esboçarmos, resumirmos.
- Bula** — carta patente que contém decreto papal.
- Caatinga** — mato ralo típico das regiões assoladas pelas sêcas.
- Caldeamentos** — mistura de duas raças; mestiçagem.
- Calvinistas** — protestantes.
- Campeia** — domina.
- Capitulação** — confissão de derrota por um dos combatentes.
- Cateretê** — dança indígena que se tornou popular brasileira, até hoje.
- Caudilhos** — chefes militares ou civis.
- Cerâmica** — arte da fabricação de louça de barro cozido.
- Cintando** — cercando.
- Coadunava** — combinava.
- Coibiu** — proibiu.
- Coligaram** — uniram.
- Confluindo** — reunindo.
- Conivência** — cumplicidade.
- Conjetura-se** — supõe-se.

Conjuntura — oportunidade.
Contingente — reserva, porção.

Coreográficos — de coreografia, arte da dança.

Coroa — assim designado o governo do Rei.

Corso — atos de pirataria.

Cósmico — relativo ao universo.

Coxins — almofadas que servem de assento.

Cronológica — relativa à cronologia, tratado das divisões do tempo.

Deliberou — decidiu, resolveu.

Desbaratados — destroçados, derrotados.

Descurando — descuidando.

Deserção — abandono, fuga.

Desmandaram — excederam, desordenaram.

Desvendadas — descobertas.

Detença — demora, tardança.

Dialeto — variedade regional de uma língua.

Diligências — esforços, empenho.

Dissenções — desavenças; divergências.

Dissoluta — libertina; desregrada.

Dissuadir — convencer.

Doutos — muito instruídos, doutores.

Drástica — enérgica.

Emergindo — surgindo, elevando.

Eminências — elevações do terreno.

Encarecendo — recomendando com interesse.

Enredado — intrigado.

Entreveros — choques de guerreiros nas campanhas do Sul.

Epílogo — parte final de uma narrativa ou de uma peça teatral.

Erário — tesouro público.

Erigem — constroem; erguem.

Ermida — pequena igreja, capela.

Erudito — que sabe muito.

Escarmentou — tornou experimentado, experiente.

Escravocratas — partidários da escravatura.

Espoliação — roubo.

Estirpe — origem, ascendência.

Estripulias — travessuras, artes.

Étnico — relativo às raças humanas.

Exaurimento — esgotamento completo.

Exímios — ótimos.

Exprobrado — censurado.

Fainas — trabalhos, lidas.

Ficção — produto de imaginação, coisa inexistente.

Flancos — lados.

Gaulês — o mesmo que francês.

Genealógico — referente ao estudo da origem das famílias.

Gerir — administrar; dirigir.

Gradas — importantes.

Granjeado — adquirido.

Grei — grupo, família.

Hereges — homens que adotam doutrina contrária aos dogmas da igreja.

Heresia — ato ou palavra ofensiva à religião.

Hordas — bandos indisciplinados.
Huguenotes — nome dado pelos católicos franceses aos protestantes.

Igarapés — estreito canal que só dá passagem para canoas.

Igapós — mata alagada pelas enchentes.

Impugnou — contestou.

Inacianos — da ordem de Inácio de Loyola.

Inaica — relativo aos incas.

Incola — habitante; morador.

Inaudito — extraordinário.

Indelévels — que não se dissipam.

Indumentária — maneira de vestir; vestimentas.

Infletindo — dirigindo-se a um ponto qualquer.

Infra-estrutura — o que está por baixo.

Inoperância — que não produz o efeito necessário.

Insuflavam — estimulavam.

Insurgentes — rebeldes.

Insurreição — rebelião, revolta.

Insurretos — rebeldes.

Interlocutor — o que fala com outro.

Itinerante — que viaja.

Inúbia — trombeta de guerra dos índios brasileiros.

Jericos — jumentos, burros, asnos.

Labores sedentários — trabalhos de pouco exercício.

Leviano — imprudente; que procede irrefletidamente.

Loco-tenente — substituto.

Luminárias — iluminação por festa ou regozijo público.

Meirinho — oficial de justiça.

Mesclados — misturados.

Minhotos — do Minho.

Mitologia — conjunto de divindades e lendas que lhes dizem respeito.

Nativismo — sentimento de apêgo à terra onde se nasceu.

Nativista — pessoa que detesta estrangeiros.

Nautas — navegadores.

Orografia — estudo das montanhas ou relêvos terrestres.

Paços — palácios.

Pactuadas — combinadas, ajustadas.

Parlamentando — fazendo negociações.

Pasmo — espanto.

Paliçadas — estacadas defensivas.

Pelourinho — coluna de pedra, em praça ou sítio público, onde se castigavam criminosos.

Pendência — briga; questão.

Perlongou — percorreu ao longo.

Plausível — razoável.

Plebe — camadas inferiores do povo.

Pleiteia — disputa.

Pocema — clarim indígena de guerra.

Polarizando — de polarizar, centralizar; atrair para um só ponto.

Politeísmo — Religião que admite muitos deuses.

Prenúncio — anúncio de coisa futura.

Preposto — procurador com plenos poderes.

Prerrogativas — privilégios.

Préstito — cortejo.

Proficua — proveitosa.

Prognósticos — suposições para o futuro.

Prole — filhos, descendentes.

Prosódia — pronúncia.

Psicologia — ciência que estuda a alma humana.

Quintos — a quinta parte do ouro extraído.

Recalcitrante — que resiste.

Recalcitrava — resistia, teimava.

Rechaçados — banidos, expulsos.

Redigido — escrito.

Reduto — trincheira, defesa militar.

Refalsados — fingidos.

Regimentos — conjunto de normas, regulamentos.

Reinóis — naturais do reino.

Revidando — vingando.

Revide — vingança.

Reveses — golpes, desgraças.

Ressalta — destaca, sobressae.

Sambaquis — depósitos antiquíssimos situados na costa, lagoas ou rios do litoral e constituídos de

montões de conchas, restos de cozinha e de esqueletos acumulados por tribos selvagens que habitaram o litoral americano, em período pré-histórico.

Sedentária — pacata; parada; inativa.

Sedição — revolta; motim.

Sistemático — metódico, ordenado.

Sisudo — sério, prudente.

Sobas — espécie de reis, das tribos africanas.

Soçobraram — afundaram, naufragaram.

Subconsciente — por detrás do consciente.

Super-estrutura — o que está por cima.

Taumaturgo — que faz milagres.

Temáticos — relativo a tema: assunto que vai ser tratado.

Timbrou — insistiu, firmou-se numa atitude.

Topografia — descrição de um lugar e representação gráfica de seu relevo.

Toponímia — designação das localidades pelos seus nomes.

Trôço — corpo de tropas; porção de gente.

Urgia — era preciso sem demora.

Vadeando — atravessando a vau, isto é, a pé ou a cavalo.

Valido — favorito.

Vicissitudes — revêses; instabilidade das coisas.

Víveres — alimentos.



COMPOSTO E IMPRESSO NO ANO DE 1970, NAS OFICINAS DA
EMPRESA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS S. A.,
RUA CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO, BRASIL.



EDITORA F. T. D. S. A.
SÃO PAULO - BRASIL